

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

Júlia Maria Ferreira Leite

**Scriptofagias mEnormes: experimentações com escrita acadêmica junto ao Travessia
Grupo de Pesquisa**

Juiz de Fora

2024

Júlia Maria Ferreira Leite

**SCRIPTOFAGIAS mEnormes: experimentações com escrita acadêmica junto ao
Travessia Grupo de Pesquisa**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação. Área de concentração: “Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas”.

Orientadora: Professora Doutora Margareth Aparecida Sacramento Rotondo

Juiz de Fora
2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Leite, Júlia Maria Ferreira .

Scriptofagias mEnormes : experimentações com escrita acadêmica junto ao Travessia Grupo de Pesquisa / Júlia Maria Ferreira Leite. -- 2024.

203 p.

Orientadora: Margareth Aparecida Sacramento Rotondo
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora,
Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em
Educação, 2024.

1. Experimentação. 2. Feminino. 3. Travessia. 4. Agenciamento.
5. Escrita acadêmica. I. Rotondo, Margareth Aparecida Sacramento ,
orient. II. Título.

Júlia Maria Ferreira Leite

Scriptofagias mEnormes: experimentações com escrita acadêmica junto ao Travessia Grupo de Pesquisa

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação. Área de concentração: "Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas".

Aprovada em 4 de outubro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Margareth Aparecida Sacramento Rotondo - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dra. Sônia Maria Clareto
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Giovani Cammarota Gomes
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Diogo José Bezerra dos Santos
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Filipe Santos Fernandes
Universidade Federal de Minas Gerais

Dra. Maria Paula Pinto dos Santos Belcavello
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Juiz de Fora, 04/09/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Margareth Aparecida Sacramento Rotondo, Professor(a)**, em 09/10/2024, às 09:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Diogo José Bezerra dos Santos, Usuário Externo**, em 09/10/2024, às 14:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Paula Pinto dos Santos Belcavello, Usuário Externo**, em 09/10/2024, às 15:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sonia Maria Clareto, Professor(a)**, em 09/10/2024, às 19:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Giovani Cammarota Gomes, Professor(a)**, em 12/10/2024, às 14:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Filipe Santos Fernandes, Usuário Externo**, em 14/10/2024, às 15:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1967353** e o código CRC **3898A439**.

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa ao Travessia Grupo de Pesquisa.

Dedico ao meu filho Heitor Ferreira Leite.

Dedico também ao meu pai, Sr. José Segundino Ferreira.

AGRADECIMENTO

Agradeço à força maior a que chamo Deus.

Agradeço ao meu grande amor a que chamo Família: Marcos, Helena e Ulisses.

Agradeço a minha querida Margareth, pelo apoio, amizade, sororidade e sensibilidade com que conduziu nossos momentos de orientação.

Agradeço aos queridos Soninha, Gigio, Filipe, Anelice e Maria Paula por aceitarem estar comigo nesta caminhada e pelas preciosas observações apontadas em nossos encontros de qualificação.

Agradeço à UFJF, instituição onde vivo há anos. “Aqui me graduei, pós-graduei, aqui conheci meu marido, aqui tenho meus amigos, aqui sou secretária executiva, trabalhadora técnica em educação podendo contribuir para fazer uma Universidade pública acessível a todos. Agradeço à Instituição, na pessoa do Prof. Cláudio, diretor da Faculdade de Economia, por todo apoio que me foi dispensado para a produção desta pesquisa.

Ainda institucionalmente, agradeço à NUDEPE-PROGEPE pelo apoio via Proquali.

Agradeço aos amigos do Travessia a quem amo e admiro pela qualidade e força com que fazem pesquisa acadêmica: Maria Paula, Bruna, Lili, Aline, Lucas, Fabrício, Marcos, Marquinhos, Reginaldo, Fabiana, Laura, Renata, Andrés, Hannah, Tarcísio, Diogo, Ana, Vermelho, Gigio, Soninha, Margareth, Marta, Marcos Vinícius, Cíntia, outros que estiveram e outros que virão...

“Tratando a escrita como fluxo, não como código”. (Deleuze, 2006, p.15)

RESUMO

A escrita agenciada nesta tese se fez a partir de experimentações acadêmicas com a produção escrita do Travessia Grupo de Pesquisa alocado na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Em exercício de escrita acadêmica, em suas produções de mestrados e doutorados, pesquisadoras e pesquisadores do Travessia rompem barreiras impostas por marcadores de lugar e de poder e propõem pesquisas que se apresentam em outros formatos, outras disposições, outras intensidades. A escrita da tese está organizada em três momentos/intensidades cujos componentes de conteúdo e expressão estão sempre em vias de se deslocar procurando novas territorialidades que novamente se deslocarão em outra parte. Uma das intensidades tensiona escrita em relatos, contos, histórias, memórias, colagens textuais, fragmentos a qual reivindicou relatos de experiências de uma produção que se fez junto à família em isolamento social, devido à pandemia Covid-19, transbordando em femininos em diálogos e reflexões acerca da produção de pesquisa por mulher em sua multiplicidade, agenciando-se com Virgínia Woolf, Carlos Drummond, Adélia Prado e Manoel Barros, entre outros. Em outra intensidade, lança-se à produção de escrita junto às pesquisas do Travessia que experimentam multiplicidades de acontecimentos em escritas, vídeos, fotos, áudios, formas acadêmicas inventadas em afectos e perceptos e conceitos junto à produção de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Ainda nessa intensidade, em processo de luta, crítica e ruptura, agencia-se uma nova escrita junto aos trabalhos dos pesquisadores e das pesquisadoras que trilharam suas pesquisas no Travessia Grupo de Pesquisa impondo problematizações acerca da escrita que se faz em academia e, assim, uma escrita mEnorme se expande na pesquisa. A escrita da última intensidade, *Rasgo no guarda-sol* inspirada em David Lawrence, ao atravessar e mergulhar no caos, rasga conceitos, formas e meios, desemboca numa escrita scriptofágica, método inventado e conduzido por uma maldição antropofágica, comendo, engolindo e vomitando escrita outra a partir da produção do grupo. A escrita da tese é, pois, experimentação com escritas e em escrita que possibilitou a invenção de dois conceitos principais: escrita mEnorme e scriptofagia.

Palavras-chave: Experimentação. Feminino. Travessia. Agenciamento. Escrita acadêmica.

ABSTRACT

The writing mediated in this thesis was made from academic experiments with the written production of the Travessia Research Group allocated to the Faculty of Education of the Federal University of Juiz de Fora. In an exercise of academic writing, in their productions of master's and doctoral degrees, Travessia researchers break barriers imposed by markers of place and power and propose research that presents itself in other formats, other dispositions, other intensities. The writing of the thesis is organized in three moments/intensities, whose components of content and expression are always in the process of moving, looking for new territorialities that will again move elsewhere. One of the tension-writing intensities in reports, short stories, stories, memories, textual collages, fragments which claimed reports of experiences of a production that was made with the family in social isolation, due to the Covid-19 pandemic, overflowing with feminine in dialogues and reflections on the production of research by women in their multiplicity, intermediating with Virgínia Woolf, Carlos Drummond, Adélia Prado and Manoel Barros, among others. In another intensity, he launches himself into the production of writing together with the research of Travessia that experiments with multiplicities of events in writings, videos, photos, audios, academic forms invented in affections and percepts and concepts with the production of Gilles Deleuze and Félix Guattari. Still in this intensity, in a process of struggle, criticism and rupture, a new writing is arranged together with the works of the researchers who have followed their research in the Travessia Research Group, imposing problematizations about the writing that is done in academia and, thus, a mEnormous writing expands in the research. The writing of the last intensity, Tear in the Parasol, inspired by David Lawrence, by crossing and diving into chaos, he tears concepts, forms and means, ends up in a scriptophagic writing, a method invented and driven by an anthropophagic curse, eating, swallowing and vomiting other writing from the group's production. The writing of the thesis is, therefore, an experiment with writings and in writing that made possible the invention of two main concepts: mEnormous writing and scriptophagy

Keywords: Experimentation. Feminine. Travessia. Agency. Academic writing

INTENSIDADES

UM RASGO NO GUARDA SOL – pág. 15

EXPERIMENTAÇÕES EM ESCRITAS mEnormes – pág. 73

SCRIPTOFAGIAS EM TRAVESSIA: EXPANSÃO DA mEnormidade – pág. 121

Introdução

A escrita emergente compõe-se por uma scriptofagia de encontros junto a um grupo de pesquisadores: Travessia Grupo de Pesquisa¹. Um agenciamento de escrita acadêmica construída em pesquisa em educação, um *escrever* que não busca por formas derivadas da educação, coloca a educação em deriva.

Em breve relato da caminhada traçada neste pós-graduar ressalta-se que desde o primeiro texto até o último processo de experimentação, toda a escrita agenciada se entrelaça em um corpo único, em dobras e invaginações que se consomem ao mesmo tempo que se expandem produzindo novidades no mesmo.

Talvez, ouse contar a história de um apagamento - de um eu.

Um doutoramento, três intensidades. Sejam:

O que é essa tese senão o relato de uma experiência?

O que é essa tese senão a invenção de uma escrita em experimentações?

O que é essa tese senão uma homenagem, um reconhecimento, uma luta e um mergulho?

Primeira intensidade, tensiona escrita em relatos, contos, histórias, memórias, colagens textuais, fragmentos.

Liga-se uma máquina literária. E, *quase sem querer*, produz-se um breve traçado de uma formação em letras, de um mestrado em escrita feminina a um doutorado em educação.

Nesta intensidade, o olho d'água de toda a escrita que virá, há um debruçar em produção de vida em academia outra, visitas a Adélia Prado, sua literatura simples, a Drummond, suas entrelinhas, Barros, sua meninice e Woolf, a feminista. Percorre-se também as filosofias deleuzianas, nietzschianas e guattarianas para, junto à escrita do Travessia, pensar conceitos de experimentações em pesquisa.

Como experimentar? Que modo adotar?

Agenciando, mergulha-se no processo de experimentação como vivência do espaço sensível, cotidiano, sem mediação de nenhuma ordem, sem ideias prévias, sem mediação de conceitos preestabelecidos. Experimentação como processo contínuo, infinito, que se confunde com o próprio pensamento e com a própria vida.

Adentra-se com uma intenção, mas o acontecimento vai se dando junto a encontros (Clareto, 2011 p.17).

¹ [Travessia Grupo de Pesquisa - Site Institucional da Universidade Federal de Juiz de Fora \(ufjf.br\)](http://Travessia Grupo de Pesquisa - Site Institucional da Universidade Federal de Juiz de Fora (ufjf.br))

Surge, nessa fase, escrita experimental a brincar com diferentes formas em que a escrita pode se dar. Em caminhadas pela montanha, reflexões possíveis em época de aprisionamento pandêmico, diálogos inspirados por Larossa e sua obra *Nietzsche e a Educação* (2002), personagens conceituais a discutir as variadas formas em que a escrita surge em papel, em corpo, em vida. Assim, toma corpo a já nascida ideia de se pensar ‘o que é escrever em academia’, ‘como escrever em academia’?

A escrita que pedia passagem buscava nas experimentações corpus para emergir e dizer de uma academia outra, para questionar padrões hegemônicos e ir além agregando outra forma de se fazer pesquisa em academia, escrita acadêmica e produção em educação. Gestos scriptofágicos mEnormes.

Na segunda intensidade... a mEnormidade se expandiu na pesquisa, nos conceitos, problematizações acerca da escrita que se faz em academia e, em processo de luta, crítica e ruptura, agencia-se uma nova escrita junto aos trabalhos dos pesquisadores que trilharam suas pesquisas junto ao Travessia. Lança-se a produção de escrita junto às pesquisas que experimentam multiplicidades de acontecimentos em escritas, vídeos, fotos, formas acadêmicas inventadas em afectos e perceptos e conceitos.

E o método? A maldição antropofágica foi o caminho trilhado para dizer da incorporação das leituras e posterior produção feita a partir de experimentações com as escritas selecionadas.

Inventa-se. Formas, devires outros, exercitar a escrita no conceito, do conceito e por conceitos. uma produção conceitual que não se quer fazer teoricamente, nem conceitualmente, mas experimentalmente - como um modo de conceituar. “*Uma escrita sem escritor: quem escreve são as marcas.*” (ROLNIK 1993). Pede passagem um livro de verbetes que constitui lugares, pontos de acumulação e adensamento em trabalhos do Travessia. Brincando com as autorias, mistura deliberadamente os textos, faz todo um exercício a seu próprio modo. Um movimento de corte, colagem, ver e transver fundamental para o exercício de pesquisar como ensaiar. A colagem e a bricolagem se apresentam como uma forma de fazer pesquisa. Colagem em multiplicidades: papel sobre papel, palavra sobre palavra, gesto sobre gesto, recortes de frase que em junção com outras palavras se dão em cores e frases e conceitos. Dobras, mais uma vez se dobrando e desdobrando em pesquisa e escrita e conceito.

Compreendendo a tese como agenciamento, seus componentes de conteúdo e expressão estão sempre em vias de se deslocar procurando novas territorialidades

que novamente se deslocarão em outra parte. Assim, a terceira intensidade veio a se denominar de *Rasgo no guarda-sol* por estar junto a Lawrence² em uma metáfora de atravessamento e mergulho no caos. Seria este momento uma sutil homenagem ao fazer outro na academia, quando pesquisadores corajosos, dispostos a romper barreiras impostas por marcadores de lugar de poder, se propõem a apresentar pesquisas que se apresentam em outros formatos, outras disposições, outras intensidades.

Códigos embaralhados de um grupo que desterritorializa conceitos e trabalhos e temas e personagens e estilos e modos de fazer, na exata medida em que traça os territórios em que foram e vão se constituindo.

Um trabalho que não se contenta em revisar sistematicamente um referencial de trabalhos do grupo estudado, encontrar pontos de convergência ou modos afins de fazer pesquisa, mas que aproxima o que fazemos do próprio limite e nos lembra que não há outro exercício que não passe pelo abandono de nós mesmos e pela criação de e com a pesquisa, de e com a linguagem, de e com a Educação.

² Lawrence, 2016, p. 22



Um rasgo no guarda sol

...cometemos o erro de acreditar que o verdadeiro e o falso concernem somente às soluções, que eles começam apenas com as soluções. Esse preconceito é social (pois a sociedade, e a linguagem que dela transmite as palavras de ordem, dão-nos problemas totalmente feitos, como que saídos de “cartões administrativos da cidade”, e nos obrigam a “resolvê-los”, deixando-nos uma delgada margem de liberdade). Mais ainda, o preconceito é infantil e escolar, pois o professor é quem “dá” os problemas, cabendo ao aluno a tarefa de lhes descobrir a solução. Desse modo, somos mantidos em escravidão. A verdadeira liberdade está em um poder de decisão de constituição dos próprios problemas: esse poder, “semidivino”, implica tanto o esvaecimento de falsos problemas quanto o surgimento criador de verdadeiros. (DELEUZE, 2012, p. 11)

pesquisas

...nas literaturas menores, “tudo é político”
(DELEUZE & GUATTARI, 1975, p. 38-39)

Vale tudo, mas não vale qualquer coisa.

Uma frase atravessa um grupo de pesquisa em educação.

Que escrita acadêmica?

Como pode valer *tudo* e não valer *qualquer coisa* já que no *Tudo* deveria estar contido a totalidade, incluindo o *qualquer*...

O que se faz em academia?

Como se faz academia?

Onde se faz academia?

Dizer da academia padrão e a manutenção de seu *status quo* não é o primeiro objetivo dessa *não-introdução* a este platô. Talvez, até passemos por aí, já que não dá para ignorar a longa tradição a que estamos impondo resistências, mas, pretende-se ir além: mais do que produzir textos respaldados em citações, mais do que seguir cegamente as regras da ABNT, mais do que chegar a um objetivo inédito – já dito por alguém em algum lugar... Mais que entender: ... Sentir... Carnar... Fazer parte.

Compreender resistências na academia e resistir. Fazer uma escolha pela resistência na escrita, pela produção de modos outros de se fazer pesquisa acadêmica. Pelo corpo.

Há que se debruçar e ficar quieto.

Há que se atravessar.

Há que se deixar passar a língua no papel A4 e depois queimá-la no fogo.

Há que se sentar toda segunda-feira em conjunto, em coletivo e conversar.

Há que se ouvir pesquisas e pesquisadores.

Há que se suportar no silêncio. Quantas academias suportam o silêncio?

Suportamos por aqui!

Há que se experimentar. Exhaustivamente.

Há que se percorrer o nó para fazer parte de suas curvas e ser nó.

A ideia de experimentação é pensar que podemos vivenciar o espaço sensível, cotidiano, sem mediação de nenhuma ordem, sem ideias prévias, sem mediação de conceitos preestabelecidos. A experimentação se confunde com o próprio pensamento e com a própria vida. Para Deleuze a experimentação está ligada a um empirismo radical, ligada a um processo de crença na imanência, no poder criador da vida. Quebrar com os pressupostos e vivenciar o campo empírico sem mediação de nenhuma ordem e ... construir algo

Querida amada pesquisa,

Perdoe-me por trai-la em minhas andanças noturnas. Gosto de brincar com outros parceiros, mas no fundo tudo não passa de frugalidade, brincadeira vã. O problema de novo se instaurou e é preciso saber nadar com fortes braçadas para sair do lugar.

O senhor escritor, um dos personagens lá do alto da montanha, me disse enquanto babava de ódio que apenas pode-se dizer e falar daquilo que se configurou dentro da longa história das avaliações que instauraram um dizer – é preciso manter o velho e seguro hábito de se curvar, comuns aos povos civilizados.

Há uma forma correta de se fazer academia.

Fiquei ouvindo aquilo e pensando que não temos sido muito civilizados por aqui. Temos resistido bem a essa tentação. Vivendo uma escolha ética que abrange a riqueza do possível.

Ele seguiu babando e afirmando que é preciso buscar a validação de instâncias superiores, correlatas, não sendo assim, todos os assaltos não passariam de delírios subjetivos, pensamentos ingênuos.

Um menino que passeava junto a nós disse que só escrevia poesia, slam, e na poesia estava todo seu corpo e sua alma. Tudo brotava do dentro no fora e não era puro delírio subjetivo, coisa de divã. Eram reflexões amadurecidas na vida, carregadas de estudos, vivências, experimentações e muita resistência.

- Deixa isso pra lá. Afinal ele é só um menino. Quer dizer, ele não é um doutor da academia, com um lugar de fala instaurado, cheio de intercessores para sua angustiante caminhada.

- Mas, continuou o senhor, investigação não amparada em fortes referências nada mais é do que asneira, delírios pessoais. Para almejar ser levado a sério na academia,

é necessário estar inserido em uma comunidade de fala, entender e saber reproduzir um dialeto específico e trabalhar com modos, também específicos, aceitos e definidos em encontros referendados por grandes mestres.

Os grandes mestres adoram se encontrar para definir as regras que conduzirão todos os demais. É necessário muito trabalho para transformar o delírio em seriedade. Definir conceitos, tráfegar por toda a história daquele assunto. Estabelecer diálogo com os grandes. Para ao final: dizer algo ~~já dito de antemão~~.

Apenas senhores carcomidos pelo passar do tempo.

Mas como podem esses senhores terem a audaciosa pretensão de que jovens crianças ou corajosas leões possam se guiar pela velhacaria decadente de seus encantos? Podem eles pretender tamanha audácia?

Todos devem se adaptar e aproveitar o requentado jantar para que os senhores mantenham sua língua própria.

Sua língua própria é o seu poder.

Na sua língua própria está o seu poder.

- Deixe-me senhor, sua arrogância está impedindo que o sol toque a minha pele. (Ser Diógenes incomodado com Alexandre).

Ah! Antigas e corriqueiras disputas pela manutenção e hegemonia dos poderes.

Apenas isso, o tempo todo.

Lança-se em breve caminhar por uma academia que se faz outra. Uma pesquisa acadêmica em educação que se debruça sobre modos outros de pesquisar: escritas

entre peles, gestos, corpos, banalidades, fios... encontros de experimentações. Tornar-se.

Pesquisadores e suas teses para desconfiar. Pesquisas que constroem métodos questionadores das aprendizagens naturalizadas. Sempre em luta com as subjetividades impostas. Pesquisas que se fazem em experimentações e modos outros de produzir vida em academias.

Referindo-se sempre ao gesto de experimentar certas ideias e/ou objetos, o termo experimentação parece ocupar um local especial no interior do pensamento deleuziano e, também, deleuzo-guattariano.

Permite-se uma experimentação.

Produção de uma escrita junto às escritas acadêmicas produzidas no programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, pelos integrantes do Travessia Grupo de Pesquisa, um conjunto de pesquisadores que experimentam multiplicidades de acontecimentos em escritas, vídeos, fotos, formas acadêmicas inventadas em afectos e perceptos e conceitos.

Invencionices de todas as ordens suscitados por Nietzsche, Deleuze, Guattari, Krenak, Mbembe, Evaristo, Bispo, Tarcísio, Laura, Marcos Vinícius, Marta, Reginaldo, Renata, Andres, Hannah, Cinthia, Fabiana, Adriano, Diogo, Ana, Marina...

Para se dar nessa pesquisa, instaura-se um método: uma maldição antropofágica. Na figura metafórica de uma ladra, a pesquisa se estabelece em leituras, incorporações, experimentações e vômitos de novas produções a partir do vivenciado.

Uma escrita-invenção inconstante de um corpo escrevedor na experiência/acontecimento do corpo pesquisador que, enquanto pesquisa, multiplica-se

Um escrita-pesquisa que se quer mergulhar em pesquisas que se fazem de outros modos na academia. Modos estes que se constituem em gestos, lâminas, poesias. Contos... vozes que colocam a discutir educação, escola, política e micropolítica que se faz nos processos educacionais, nas escolas, nas pesquisas e seus processos de escrituração.

No mergulhar, eis os encontros:

(re)inventar métodos.

Na lógica de superfícies, uma escrita em educação se materializa em sensações sem imagens. Lâminas. Singularidades de um corpo. Uma pesquisa exercitando gestos formativos, negociando produção de conhecimento via arte e produção de corpo. Dançar. Girar. Plainar na educação.

Aos olhos de quem lê, lâminas para tocar. Pura sinestesia. Na medida que se toca, relações se produzem. Lâminas-espacos de experimentações: produção de sentido que se propaga e o corpo da palavra se constitui como efeito dessa superfície movente.

Em cada espaço de experimentação, produções de sentido se propagam.

Pistas são oferecidas apontando maneiras singulares de se fazer tese, pesquisa, academia.

Pesquisadores generosos? Podem não ser. Entrar na escrita pode ser atravessar um labirinto povoado de Minotauros raivosos. Experimentar leitura, e devagar deixar-se envolver e ir além em experimentações provocativas. Às vezes... divagar com a pesquisa, deixando-se penetrar pelas lâminas cortantes, sensuais que sutilmente nos oferecem reflexões e poesia.

O corpo de sentido nunca está instituído. É sempre uma composição provisória.

O pesquisador convida seu leitor, escancarando a não-regra:

“Por uma regra de ouro desta tese: cada página é uma lâmina, cada lâmina é uma singularidade tátil. Entre e toque. Faça seu percurso.” (Ribeiro, 2018,p.45)

Arte e filosofia, em ficção, carnaram no pensamento uma referência sinestésica de linguagem em que os processos de subjetivação se conectam a um elemento vivo ou a um ponto aleatório através de conceitos e visualidades.

Outro passo: Acordar às 5 da manhã e se dar a uma experimentação: setenta dias, sete séries de setenta verbetes com setenta palavras. 70 x 7.

Então Pedro aproximou-se de Jesus e perguntou:

"Senhor, quantas vezes deverei perdoar a meu irmão quando ele pecar contra mim?

Até sete vezes?"

Jesus respondeu:

"Eu digo a você: Não até sete, mas até setenta vezes sete.

Partindo de aulas de filosofia ministradas ao ensino médio, uma pesquisa sobre como alguém se torna o que é. Como alguém se torna pensador em sala de aula. Uma tese que saboreia e passeia junto aos múltiplos afetos decorrentes do afirmar-se na diferença de corpos lançados em constante e ininterrupta formação. Um corpo em pesquisa, em busca de setenta palavras para compor um texto filosófico. Qual assunto? Qual tema? O corpo, sentado, às cinco da manhã, aguarda o toque do amigo pensamento.

E começou a fiar. Narratividades em experimentações na arte manual e escrita acadêmica. Ao produzir um caderno de artífice, cultivava a si mesmo. De novo, *como alguém se torna*. Uma escrita engendrada com a materialidade das artes visuais. Compor escrita científica enquanto experencia o movente de um corpo fazedor que se torna ao escrever. Um devir mulher que vaza intensidades e que remetem ao corpo e ao desejo enquanto produção. Personagens conceituais. Fios, tecidos e bordados no *tornar-se* do doutoramento em educação. Celebração do eterno retorno.

Entre banalidade e formações e línguas e peles e escritas... uma vida. Uma pesquisa que acontece na composição entre banalidades. O que é banal? Salas de aula de matemática, salas de filosofia de ensino médio, cozinha e ateliês, espaços para dançar uma vida e tornar-se o que se é. Uma tese para se desconfiar da língua, da pele e da aprendizagem que são naturalizadas. Então, inventa-se uma língua repousada em

banalidades. Inventam-se uma formação de professores que ensinam matemática e artes e filosofia, em travessia.

Inventam-se.

Tornam-se

Entornam-se

inVentar

Outra resistência: um passeio anárquico punk. O pesquisador punk se inquietou junto a Foucault. Como fazer da vida uma obra de arte? Tornar-se. Criar outras formas de vida em meio às subjetividades impostas. Trata-se de uma pesquisa sobre o movimento punk? Uma tese punk? Desvios sucessivos, turbilhões de dúvidas. Em devir punk... experimentar uma vida inventiva que reverbera no âmbito ético, estético, político...

Resistir a escrita, agenciando outras formas de escrita. Uma tese que não foi escrita e falava sobre arte e educação. Arte como processo formativo em educação e a educação sendo desdobrada em processo de produção em arte. Apropriações de textos e intervenções em suas estruturas. Deslocamentos produzindo sentidos outros. Fundição de artista e professor. Figuras novas que experimentam espaços intermediários. Precariedades, restos. O trabalho propõe persistência na produção de restos, mantendo sua precariedade em movimento. Apagou, trocou produzindo outro, outros devires. O tema educação se empresta à produção de arte. O artista pesquisador pesquisa e faz arte.

Outra escrita, outra resistência... uma educação esquizo afirmando aprendizagens, partos, em devir-negro-índio-trans... maquinaria de desejo coletivo, entre linhas de fuga, entre máquinas abstratas, faz-se mover.

Uma escrita slam, uma escrita carta, outra escrita conto.

E segue...

Metodologia de pesquisa: uma maldição antropofágica.

Quando Zeus precisava roubar algo, ele mandava Hermes fazer o trabalho.

Hermes roubava desde bebê.

Praticou roubos homéricos. Roubou o tridente de Poseidon, o rebanho de Apolo, o cinto de Afrodite, a flecha de Artêmis. (dentre muitas outras coisas)

Ele roubava!

Um dia, Hermes descalçou suas sandálias aladas e deitou-se para descansar à sombra de uma oliveira, bem aos pés do Morro do Cristo.

A ladra, que era sua grande fã, ao observá-lo sorrateiramente, imediatamente sentiu a oportunidade daquele momento.

Devagar, caminhou, com passos de gatuno, até a sandália alada. Silenciosamente a calçou e voou para longe dali.

A ladra roubou Hermes.

De posse da sandália alada, lá de cima, a ladra percorreu os olhos pela urbe que repousava aos seus pés, linhas de outrem. Vigiou de longe tudo o que poderia desejar e ter.

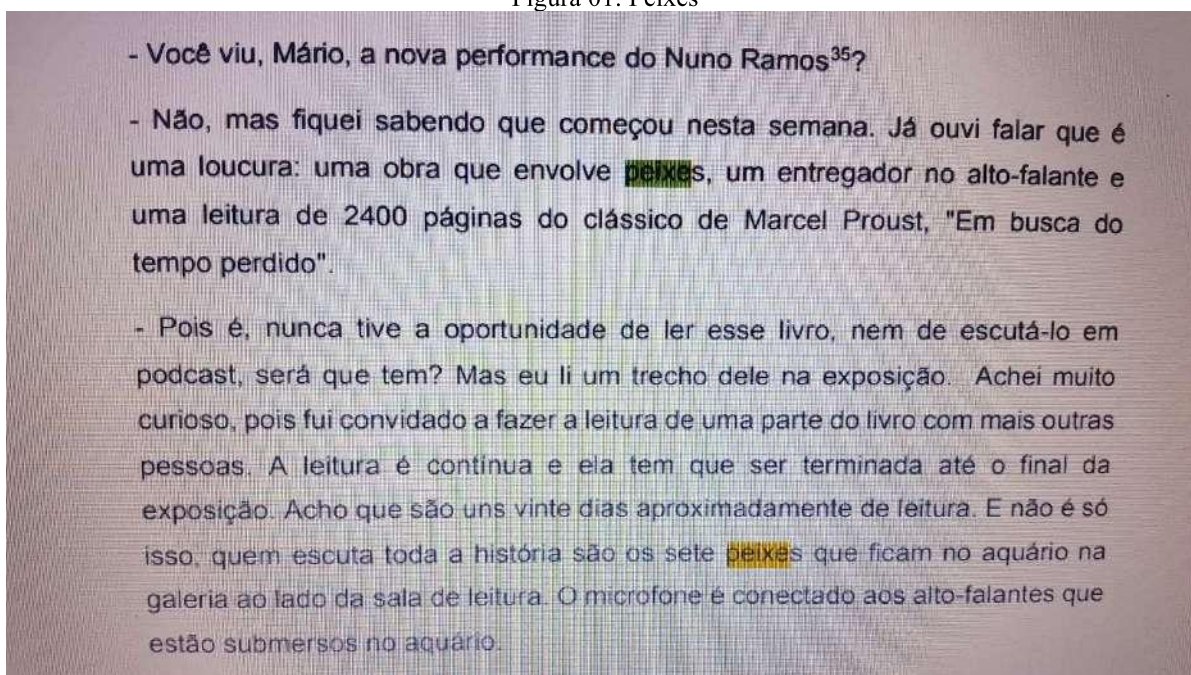
Olhos alados desvendando mundos.

Ser deusa.

Acontece que Hermes despertou de seu sono revigorante e logo percebeu que fora subtraído do presente que ganhara de Hefesto. De sua ira, o deus, tomado, lançou uma maldição ao seu infrator. Ordenou que tudo que por aquele fosse desejado deveria ser engolido e em seguida vomitado.

Assim ficou a ladra, condenada a admirar, deglutir e vomitar sua produção a partir de.

Figura 01: Peixes



Fonte: elaborado por Júlia M. Ferreira Leite em 2023

Uma pequena escala de devaneios e divagações em 'perspectiva'³

Toda a vida repousa sobre a aparência, a arte, a ilusão, a óptica, a necessidade do perspectivismo e do erro (GT/NT, Prefácio 5, KSA 1.18. Trad. Paulo César de Souza, p. 19).⁴

(O peixe dentro do aquário ouvindo a leitura de Proust.)

- Estava nadando calmamente naquelas águas pequenas, represadas e paradas onde vivia EU. Do lado de fora do meu aquário, uma instalação artística. Bem ao meu lado, uma cadeira e nela repousava um leitor que lia *Em busca do tempo* perdido de Proust. Leitura pausada, bem-feita e ininterrupta. Os leitores se revezavam de forma que eu escutava Proust incessantemente, durante 4 dias. Mas eu não sabia de nada disso porque tenho memória muito curta.

O leitor de Proust no turno da madrugada.

³ Junto a Bruna Tostes de Oliveira em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/14142>.

⁴ DELLINGER, J. Relendo a perspectividade: algumas notas sobre "o perspectivismo de Nietzsche". Cadernos Nietzsche, n.31, p. 127-155, 2012. Em SciELO - Brasil - Relendo a perspectividade: algumas notas sobre "o perspectivismo de Nietzsche" Relendo a perspectividade: algumas notas sobre "o perspectivismo de Nietzsche"

Chegou para seu turno cansado e rancoroso. Pensando com muita raiva porque diabos havia topado participar daquilo. Ficou em pé ao lado do leitor que o antecederia. Por um breve tempo deveria seguir com os olhos a leitura que era feita para que pudesse dar continuidade ao ato sem interrupções. Afinal, os peixes do aquário estão atentos a cada deslize. Começou a leitura já iniciada a 3 dias. E leu durante duas horas para o peixe que o ouvia.

O carrinho de picolé parado ao lado da estátua de bronze na beira do mar. O carrinho de picolé não é estático. Ele roda pela praia distribuindo alegria gelada. Vez em quando para ao lado de Drummond e vende picolé aos adoradores de poesia. A vida precisa de poesia e de picolé. (e de coragem também, segundo Guimarães Rosa)

Não há nenhuma coisa em si, também nenhum conhecimento absoluto, o caráter perspectivo, enganador, pertence à existência (Nachlass/PF 1885, 34[120], KSA 11.460)⁵

A estátua de Drummond olha em uma única direção e percebe todas as outras direções com seu corpo de bronze. Uma mãe se aproxima e tira uma self com ela. Ao lado um menino de olho no carrinho de picolé.

- Repouso quietinho dentro de um quarto escuro e gelado. Vez em quando uma porta se abre no teto e uma luz invade o espaço. Uma mão divina entra com a luz e escolhe um de nós. Vez em quando essa mesma mão nos remexe enquanto fala nossos nomes.

- Tem de uva, de amendoim, de chiclete e de milho verde.

Continuo no fundo do quarto. Ninguém quer picolé de milho verde.

O olho do Batata na greta do sofá.

⁵ DELLINGER, J. Relendo a perspectividade: algumas notas sobre “o perspectivismo de Nietzsche”. Cadernos Nietzsche, n.31, p. 127-155, 2012. Em [SciELO - Brasil - Relendo a perspectividade: algumas notas sobre "o perspectivismo de Nietzsche" Relendo a perspectividade: algumas notas sobre "o perspectivismo de Nietzsche"](#)

Faz muito tempo mesmo que vê o mundo da greta do sofá. Alguém o esquecera lá e ele vive como ciclope a ver o mundo com um olho só. Quando pisca, vira-se para a escuridão de um mundo interno, subjetivo. E se abre para sempre ver o mesmo em sua frente. Ciclope condenado como Teseu no labirinto. Aprisionado junto ao monstro na greta do sofá.

A doutoranda saltando no abismo. Solta a mão sem soltar a mão. Se lança. Coragem de se lançar. Talvez caia na teia da aranha que habita o abismo.

Na cama sem poder ficar deitada. Algo tenebroso ocorreu naquela noite. Acordou de repente num susto. Não podia respirar. Não podia ficar deitada. A posição horizontal era impossível de ser praticada. Estava cansada e queria chorar. Andou pela casa por horas. Pensou o que poderia incomodar tanto. A falta de consciência de um problema tornava tudo mais difícil.

Quando você acorda de madrugada, assustada, num sobressalto, o seu coração que bombeava sangue para um corpo em repouso, subitamente começa a bombear sangue para um corpo vertical. Isso não é bom para seu coração. O que fazer, então? Quando acordar assustada, de sobressalto, tente não pular da cama e faça o seguinte exercício: vire-se para a esquerda, conte até trinta. Sente-se na cama e conte até trinta. Pronto, já pode se levantar sem risco de explodir o peito.

Até onde vai o caráter perspectivista da existência, ou mesmo se ela tem algum outro caráter, se uma existência sem interpretação, sem "sentido", não vem a ser justamente "absurda", se, por outro lado, toda a existência não é essencialmente interpretativa — isso não pode, como é razoável, ser decidido nem pela mais diligente e conscienciosa análise e autoexame do intelecto: pois nessa análise o intelecto humano não pode deixar de ver a si mesmo sob suas formas perspectivas e apenas nelas (FW/GC 374, KSA 3.626. Trad. Paulo César de Souza, p. 278).⁶

A areia da praia – mundo que se apresenta.

⁶ DELLINGER, J. Relendo a perspectividade: algumas notas sobre "o perspectivismo de Nietzsche". Cadernos Nietzsche, n.31, p. 127-155, 2012. Em SciELO - Brasil - Relendo a perspectividade: algumas notas sobre "o perspectivismo de Nietzsche" Relendo a perspectividade: algumas notas sobre "o perspectivismo de Nietzsche"

A areia da praia sentia os pés daquela mulher caminhando lentamente pela praia deserta. A areia da praia submersa pela água do mar acompanha a mulher adentrar a água de forma lenta e dispersa. O corpo feminino equilibra-se no oceano fechado da enseada. O eu feminino se entrega. A areia da praia absorve, junto com o oceano, o corpo feminino que se dissolve no éter.

O ponto cego – todo olhar é ponto cego

Na autoescola sobre o ponto cego. O instrutor explicou cuidadosamente. Vamos virar à esquerda. Primeiro olhe no retrovisor. Nada lá. Então bote a cabeça para fora do carro e confira se não está vindo ninguém. Nada lá. Às vezes, no retrovisor não vimos nada, mas tem alguém vindo. Pode estar no ponto cego. Está lá, mas não podemos vê-lo no retrovisor. É o ponto cego. Um perigo! Desceu do carro e se posicionou na lateral do lado direito do carro. Pediu ao aluno. Olhe no retrovisor! Pode me ver? Não. Nada lá. Pois, então! É o ponto cego!

Anotações de uma aula de filosofia.

Por detrás de tudo existe o dinamismo. O dinamismo e vontade de poder deseja ampliar a expansão. É isso o tempo inteiro!

A vontade de poder é múltipla e ela entra em choque. Esse padrão que tá aí é resultado de uma imposição que deseja aumentar. A imposição é *quali* e o aumento é *quantum*. A qualidade expressa esse constante ir. O mais fraco sucumbe e o mais forte avança. Esse padrão de realidade é resultado desse sucumbir num avançar.

Quem somos nós? Resultado do quantam que se estabeleceram. Nesse que somos existe uma condição para se sobreviver. Nessa condição pra sobreviver aparece a ideia de unidade. Aí organizou esse mundo que a gente vê aí. Pra nós humanos a ideia de unidade é fundamental.

As categorias que usamos para organizar o mundo negou o mundo como ele é, em benefício de algo que criamos para continuar a existir de um determinado modo.

O perspectivismo é a produção da realidade dependente das condições internas desse organismo. Porque a ideia de igualdade prevaleceu?

Porque, no caos, só a vida muito forte é capaz de sobreviver.

O conhecimento se organiza a partir daquilo que a gente considera que garante nossa sobrevivência.

Ele precisa da estabilidade para viver e a linguagem garante essa estabilidade.

A ideia de sujeito instituiu a ideia de igualdade e essa garantiu uma unidade perceptiva.

O homem, que na história venceu, fez prevalecer esses valores que sucumbem todos a dinamicidade subjacente.

Sendo assim.... na verdade como correspondência, outro mundo existe, o mundo passageiro é falso, a vida é passageira então não deve ser vivida, O bem é estático, então aquilo que o corpo é, que é movimento, não deve ser vivido.

O perspectivismo é o operar mesmo da vontade de poder.

Tudo que é se apresenta nessa dinamicidade por causa das disputas internas. No nosso caso, Tudo que é, foi considerado falso em nome de uma estabilidade que tá alicerçada na nossa idéia de sujeito e na nossa estrutura de linguagem. O modo como você vê, as coisas... num primeiro nível, é resultado dessa estruturação que se deu em nós, num segundo nível é resultado da tradição que você recebeu como critério para definir o que são as coisas. Nesse lugar reside uma crise do processo de constituição.

Se nós somos esse dinamismo, podemos ser educados em várias outras perspectivas e não necessariamente na única que nos trouxe até aqui: a perspectiva metafísica.

Se tudo é um quantum dinâmico e ele opera por imposição, algum padrão de realidade vai ser construído.

Num primeiro nível já se produz perspectivismo. Para além do primeiro nível - orgânico, tem o cultural.

Tudo é perspectivismo.

O perspectivismo é emanção da vontade de poder. O modo como a gente vê um objeto é uma perspectiva.

Imagine uma borboleta produzindo um padrão. Ela precisa sobreviver por isso produz um padrão. Isso acontece o tempo todo.

A perspectiva é um modo no qual se opera um padrão em que se deu um jogo de relações de força.

Imagine uma borboleta produzindo um padrão.

Imagine uma borboleta produzindo um padrão.

Imagine uma borboleta produzindo um padrão.

Imagine uma borboleta produzindo um padrão.

Imagine uma borboleta produzindo um padrão.

Imagine uma borboleta produzindo um padrão.

Imagine uma borboleta produzindo um padrão.

Imagine uma borboleta produzindo um padrão.

Imagine uma borboleta produzindo um padrão.

Imagine uma borboleta produzindo um padrão.

Imagine uma borboleta produzindo um padrão.

Imagine uma borboleta produzindo um padrão.

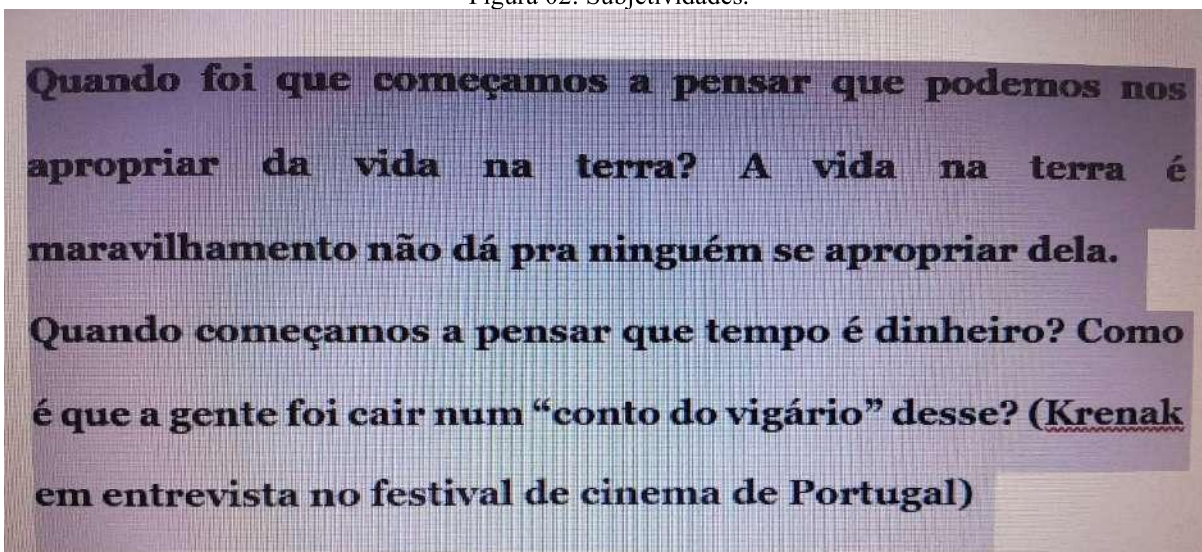
Imagine uma borboleta produzindo um padrão.

Imagine uma borboleta produzindo um padrão.

Imagine uma borboleta produzindo um padrão.

Que padrão produziria?

Figura 02: Subjetividades.



Fonte: elaborado por Júlia M. Ferreira Leite em 2023

Hoje eu quero te contar uma história da época em que estávamos plantando a grande mata.

A grande cobra, depois que as árvores fizeram sombra sobre o rio, começou a viajar em todas as direções. O Amazonas, como é hoje chamado, servia-lhe de estrada e a grande cobra podia ir em cada canto da floresta, que àquela época era ainda uma floresta modesta em tamanho e diversidade. Acontece que a plantação não parava e os animais que iam surgindo, chegando, se apossando, também começavam a participar do plantio. As aves levavam as sementes, os tatus cavavam os buracos e as fezes de todos serviam de fertilidade ao solo e às jovens sementes. O solo era constantemente enriquecido, pois os agricultores ancestrais sabiam torná-lo fértil.

Nessa época do nascimento da grande mata produzíamos floresta como subjetividade, como poética de vida.

Subjetividades produzidas por instâncias individuais e coletivas...

Subjetividade não pensada à moda clássica, mas, como pensou Guattari (1992), uma subjetividade pensada como produção. Entendida de maneira plural. De territórios existenciais até universos incorporais.⁷

Guattari (1992) adoraria saber que os plantadores de floresta apostavam na poesia e não na reunião das ciências – sociais, econômicas e psicanalíticas.

A cada dia novas árvores e novos cruzamentos e outros frutos. E os animais vendo como tudo era bom, se reproduziam e se hibridizavam, aumentando a diversidade. E a grande cobra, expandia seus domínios seguindo a grande mata.

Os bichos bebês, faziam arte e inventavam os segredos da floresta nascente e tudo se constituía mágico e revoltoso.

“A forma como comunidades indígenas administraram a terra há milhares de anos ainda molda ecossistemas florestais modernos!⁸.”

Conto de quando ainda estávamos plantando a floresta.

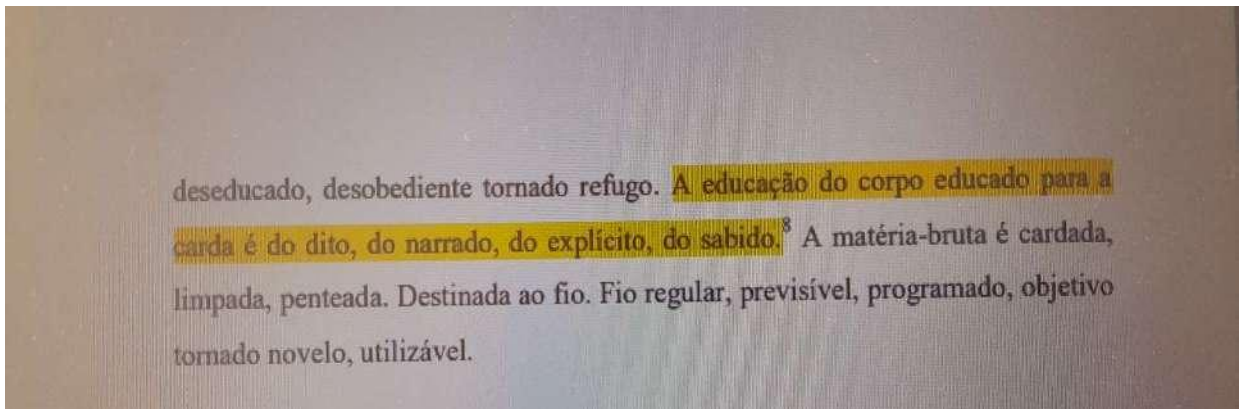
Processos de subjetivação. Povos plantando uma floresta.

Mulheres, sentadas em círculos cardando lã. De nuvem de fibras naturais a novelos organizados. Civilização. Do caos da natureza ao método civilizado. Cada fibra do algodão devassada em sua intimidade, somada a outras fibras, transformando-se em fio que pelas mãos femininas eram moldados em macios novelos de vida.

⁷ Guattari, Félix. Da produção da subjetividade. Caosmose: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1992

⁸ [Cientistas descobrem indícios de que Amazônia tinha agricultura há 4,5 mil anos - BBC News Brasil](#)

Figura 03: Corpo dócil.



Fonte: elaborado por Júlia Maria Ferreira Leite em 2023

A tecelã⁹ apanha o chumaço de algodão e com suas mãos ásperas ainda pode sentir a maciez e o caos da natureza. Puxa a nuvem e pouco a pouco desfaz a sua forma disforme e traz à tona fibras organizadas paralelamente, penteadas. No processo, retira-se toda semente, ciscos e outras impurezas. No processo civilizatório, a impureza é intrusa. Agora, penteado e limpo, o fio vai à roca, tornar-se infinito e útil. Corpo educado, corpo calmo: mulheres da cardação. O fazer correto. O início e o fim são claros. O que se tem? O meio. Um tempo criado para o cardar. Cronos aprisionado por mãos femininas em labor calmo, dócil. A lã se assenta e se entrega à domesticação das mãos da mulher cardadeira. E... aceita a transformação no fio de vida e subjetivações em novelos civilizados.

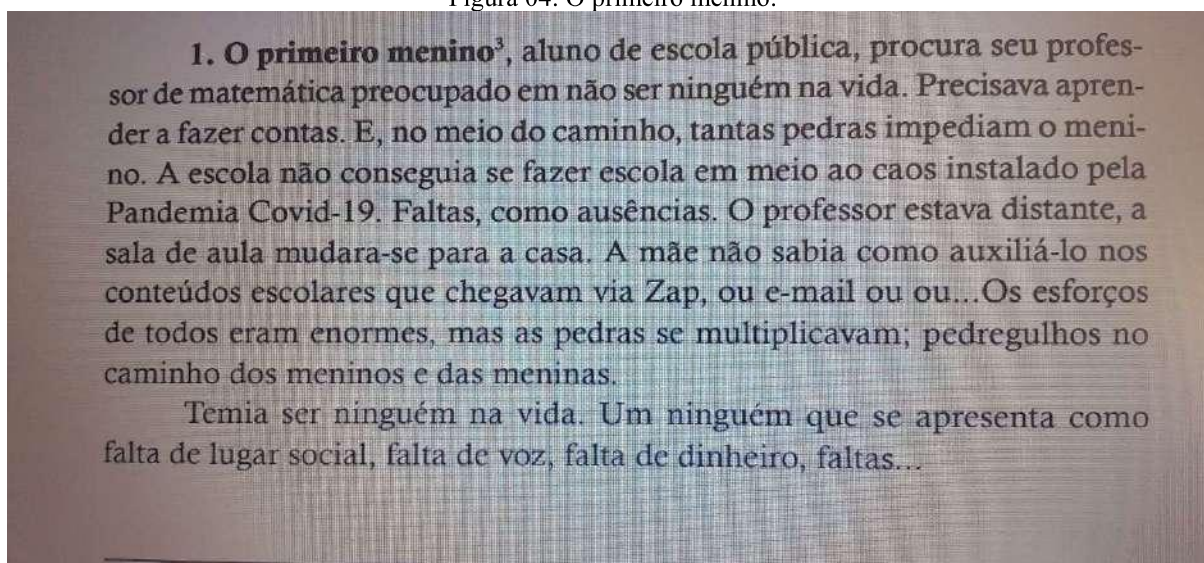
E... o fio se forma fino, regular e os corpos femininos, dóceis a cardar, se constituem **educados**.

A mulher, como o homem, é o seu corpo. (Simone de Beauvoir)

Figura 24: foto da p. 70 de [CAP DE LIVRO PUBLICADO - Deleuze E Educação E Matemática E... - E-book.pdf](#)

⁹ Junto a Ana Lygia Vieira Schil da Veiga em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/5465>

Figura 04: O primeiro menino.



Fonte: elaborado por Júlia M. Ferreira Leite em 2024

Eu vi um menino correndo

O que pode um 'ser Ninguém'?

O primeiro menino¹⁰, temia ser ninguém na vida. Que vida pode um menino que não aprende matemática?

"Temia ser ninguém. Um ninguém que se apresenta como falta de lugar social, falta de voz, falta de dinheiro, faltas..." (Leite 2022, p. 76)

Sendo ninguém...uma dobra.

Ulisses sente saudades de casa. Encontra-se preso na caverna de Cíclope. Na porta, uma enorme pedra obstrui a saída dos bravos guerreiros. Em astuta tentativa, o rei Ulisses embriaga a fera e torna-se Ninguém.

- Caro Cíclop, queres saber meu nome? Será um prazer receber a recompensa prometida. Ninguém é meu nome.

- Caro Ninguém, serás comido por último. (Homero. *Odisséia*. p. 135)

¹⁰ Dobra de escrita junto ao texto ATRAVESSAMENTOS ENSAÍSTICOS – DIÁLOGOS NO ENTRE DOS ACONTECIMENTOS publicado em [CAP DE LIVRO PUBLICADO - Deleuze E Educação E Matemática E... - E-book.pdf](#)

Monstro adormecido pela embriaguez tem seu único olho furado pelos guerreiros. Em gritos, abre a entrada da gruta para tomar ares e externar sua dor em berros. "Outros Ciclopes, moradores das grutas vizinhas, aparecem alertados pelos gritos do irmão e querem saber quem o fez aquele mal". (Leite 2022, p. 76)

- Ninguém! Ninguém furou o meu olho. Ninguém me agrediu! Chamem nosso senhor Poseidon! Vingança!
- Seu tolo! Se Ninguém te agrediu, seus gritos são de loucura. Mal enviado por Zeus não tem cura. (Homero. Odisséia. p. 137)

Pode haver vantagem em ocupar esse 'não-lugar'? Ulisses pode se salvar ao ser Ninguém.

Às vezes tudo que se quer é passar despercebido. Às vezes tudo que se quer é ser visto. Perspectivas... Um olhar de estátua, um olhar de peixe, um olhar de tecelã. Um olhar do mundo do capital, um olhar criança, um olhar de uma aranha que paira o abismo.

Ao Ninguém cabe estratégias de invisibilidade, mas que lhe garantem um conjunto de ações, que se destinadas a alguém, o permitiriam receber até a pena capital, a descoberta de ser portador de um sujeito de ação, capaz de endereçamento. Ulisses existe, porém, na pele de Ninguém, Ulisses tornar-se-á um outro de si liso, aberto à fuga e ao deslocamento. Paradoxalmente, Ninguém age, sem ser descoberto, sem ser pego ou ferido. Em sua ação positiva, cabe ao Ninguém agir sem ser encontrado. Além de quê, enquanto Ninguém, o herói poderá ser devorado por último. (Leite 2022, p. 73)

Figura 05: Morte do igual.

Durante a noite passada tive um sonho que me fez agir acordado, nele a morte ao igual saúda as vestes. Sonhei que matei e degolei um homem. Foi assim... Havia uma casa, uma casa estranha e nela uma janela com grades para um quintal verde, e dentro dela, um homem loiro, calvo e sério de costas para a janela, dava aula para um grupo de pessoas e bichos. Ele falava sobre o que pensava e vigiava atento para ver se as pessoas concordavam com a cabeça quando expunha suas ideias inovadoras. Ele exigia que todos pensassem como ele, que escrevessem igual a ele, que publicassem igual a ele e que agissem como ele. Era isso... lembrei... Ele fazia uma oratória sobre o igual e se justificava em autores que defendem a diferença. Achei estranho e cheguei ainda mais perto de uma greta da janela para espiar. O seu discurso de unidade começava a colar e se multiplicava em alguns adeptos. Outros fingiam que concordavam com o seu facismo, mas um deles me apontou com o olhar um pedaço de corda de varal caído no chão perto do meu pé. Entendi o seu pedido, que também era o meu. Quando o homem loiro se aproximou da janela, eu peguei a corda, passei no seu pescoço e comecei a puxar com muita força, mas não conseguia fazer quase nada sozinho, sou novato nessa coisa de homicídio. Ele apenas ficou sem ar, colocou a língua para fora e continuou a pregar o igual com mais ênfase. Eu puxei a corda com a maior força que eu tenho e ele não parava de falar, até que apareceu outra mão, uma mão só, não sei de homem ou de

Fonte: elaborado por Júlia M. Ferreira Leite em 2023

Homicídio do igual¹¹

Conto agora de quando testemunhei um assassinato: a morte do igual e posterior saudação às vestes.

“Um home dançava por um verde quintal onde havia também uma casa escola. Nessa escola, um homem loiro, calvo ensinava a homens e bichos em uma sala com grades nas janelas que davam para o verde quintal onde dançava o bailarino. Acontece que algumas chamaram atenção do bailarino que parou de dançar para espiar do buraco da porta. Que ensinamentos seriam aqueles? O ensinador emanava verdades e ditava regras para que todos fossem como ele. Deveriam ler como ele, escrever como ele e publicar como ele. Desta forma estariam certos, os alunos. O homenzinho calvo falava sobre a igualdade justificando-se em autores da

¹¹ Junto a Marcos Vinícius Amaral Ribeiro em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10479>

diferença. Pregava o igual. E todos os alunos, homens e bichos, acenavam com a cabeça a cada conclusão do discurso. O professor vigiava para que todos concordassem com ele. O discurso fascista colava e se multiplicava, fazendo adeptos. Foi aí que aconteceu. Um dos alunos olhou para o dançarino e com os olhos apontou uma pequena corda, como quem pede socorro. (Vocês sabem do que estou falando! Claro que sabem! A ordem dada só com o olhar.) O dançarino, envolto pela mesma necessidade de dar fim àquilo, segurou a corda e aguardou que o ensinador calvo passasse perto da janela. E no momento certo passou-lhe a corda pelo pescoço e o estrangulou. Mas o homenzinho não morreu assim tão facilmente. Continuou pregando o igual. Quanto mais o bailarino apertava, mais o homenzinho falava com ira e força. O bailarino entendeu então que nada podia sozinho contra o igual. Vejam bem: nada poderia sozinho. Ora! Foi quando apareceu uma mão. Não consegui perceber se era de homem ou de bicho. O que sei é junto com essa mão, o bailarino decapitou o igual. Jogaram a cabeça no telhado da casa escola e todos que ouviam calados o discurso do igual sumiram dali e foram vestir as vestes que queriam”.

Até aqui, tudo conforme o bailarino me contara. Depois disso, fui descobrir que as vestes podiam ser várias em cores e tons. Descobri pesquisas em muros e junto aos mendigos, nas ruas. Métodos diversos surgiram das mais variadas experimentações e agenciamentos. A pesquisa da ladra, a pesquisa da pemba, pesquisa em teia e em apagamentos. Pesquisas com doces e com quaresmeiras e com giz e dança e música e borboletas.

Novas vestes na academia. Chega da velha beca com cheiro de naftalina! Quero usar uma roupa transparente que deixe ver meu corpo de mulher. Quero uma roupa de puro fio de seda tecido por mãos que dão a fazer arte de vida e de voos.

Quero me vestir de mar, simplesmente, e caminhar no fundo desse oceano que é minha única veste e ser eu derretida no mundo todo eu.

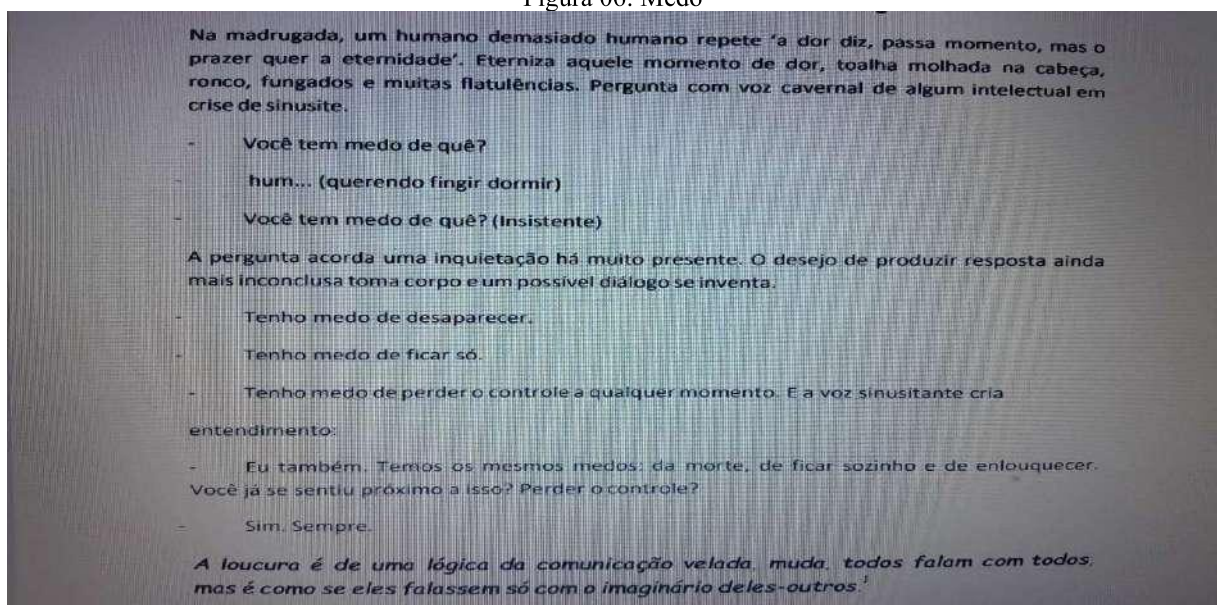
Quero vestir uma roupa feita de carne, finas lâminas de carpaccio a me cobrir inteira e sendo carne, possa eu ser mulher e homem e criança e luz.

Quero vestir uma roupa de celulose, em madeira ou papel e nela possam estar todas as palavras do mundo, de todas as línguas e de todos os afetos e assim possa eu me manifestar e falar de mim e fazer meu autorretrato que mostre como posso ser uma escrita múltipla e una e em pedaços e rasgada possa ser eu inteira.

Quero uma veste de letrinhas como sopa. Quero uma escrita de letrinhas como sopa. Que meus leitores possam ver as letras se embaralhando em meu corpo, formando frases, gritos e orações que dizem o que não pode ser dito
, o que precisa ser dito.

O que é gritado pela escrita menor, pelo corpo menor, pela língua menor. Pelo menor.

Figura 06: Medo



Fonte: elaborado por Júlia M. Ferreira Leite em 2024

Eu tenho medo do mundo inteiro,
medo da água fria, medo da morte
sou como todos os mortais,
incapaz de ser paciente.¹²

Por que não se entrega?

Medo de quê?¹³

Voce tem medo de quê?

Do quarto, ouvia um diálogo distante. Duas vozes a falarem à distancia. Uma voz ao lado, a outra a ecoar maquinalmente do outro lado da cidade. Ouvir e deixar-se atravessar pela escrita que pedia passagem. Algo acontecia. Alguém listava seus medos.

Voce tem medo de quê? Eu tenho medo da morte. Acho simples assim. Ter medo da morte.

Medo de ficar sozinho, de envelhecer, de dirigir uma escola, de ficar desempregado, medo de não ser amado, de fraquejar, de ter dinheiro, de não o ter, de ir embora, de ficar, medo de sair da cama a noite pro banheiro, de cruzar o corredor, de descer no tobogã, de me olhar no espelho,

Eu sinto medo de ficar grudado na teia de uma aranha

¹² Do poema *O medo* de Pablo Neruda

¹³ Junto a Tarcísio Moreira Mendes em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/12748>; Marcos Vinícius Leite em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/3781> e Deleuze em Mil Platôs 3

Ou preso em um labirinto (com ou sem minotauro)

Medo - principio da conservação,

Medo de ser morador de rua.

Ou de morar em uma casa onde não me sinta feliz.

Medo de me viciar em remédio controlado e controlado ser.

Medo de ser sozinho como uma estátua de bronze beira mar. Medo de derreterem minha carne para comprar pão. De ser discriminado! E de ficar preso, isolado para sempre. Medo de ser racista, machista, homofóbico, etarista, medo de ficar preso no aquário.

Medo de não conhecer o amor. Medo de amar demais.

Medo de morrer antes de ter lido *Em busca do tempo perdido*.

É proibido chorar sem aprender,
Levantar-se um dia sem saber que fazer
Ter medo de suas lembranças.

É proibido não rir dos problemas
Não lutar pelo que se quer,
Abandonar tudo por medo,
Não transformar sonhos em realidade.¹⁴

Como construir um corpo sem órgãos?

Por que não se entrega?

Ecos de conexões. Dom Juan. De Marco? Não! Dom Juan, o índio de Castaneda, *A erva do diabo*. O antropólogo e o Índio e a erva. Como se permitir transitar na alucinação? Como se entregar totalmente? Deixar o medo, a clareza, o poder, o envelhecimento e o desejo de morte.

Por que não se entrega?

¹⁴ Do poema *É proibido* de Pablo Neruda

Figura 07: Verbo carne

conjunto de brechas, embora tenha, também, muitas efetivações, mas essas não são seres íntegros ou substanciais. O verbo que se faz carne não é o verbo encarnar, mas sim, o verbo mover. E efetuamos a sua glória, como a glória de um movimento cheio graça e ficção, fazendo da sua mensagem um logos provisório. A palavra é uma carnação incompleta de tudo que há no mundo, das coisas insignificantes até aquelas despercebidas. O que torna um corpo uma maneira potente de conhecer está naquilo que o confunde, a vianda que quase o exprime. E, em verdade vos dizemos: tudo isso não seria senão um ruído e uma estratégia de barulhos que não amarram definições coesas, quando se insiste em incorporar um sentido morto. Um verbo de ação carna um corpo possível e se separa da materialidade que o torna possível, se despede daquilo que o possibilita ser. Carnar, talvez, tenha a ver com formar e despedir, efetuação pura da matéria movente.

Fonte: elaborado por Júlia M. Ferreira Leite em 2023

É o que se passa com Husserl e com muitos de seus sucessores, que descobrem no Outro ou na Carne o trabalho de toupeira do transcendente na própria imanência (DELEUZE-GUATTARI, 1992, p.64).

O verbo¹⁵ se fez carne, armou sua tenda e entre nós se conjugou. Conjugou em carne, ser carne. Humana carne. Carne frágil onde todos nos conjugamos nós. Um corpo físico e etéreo, obra de arte onde se entornam experimentações. A carne sentiu o cheiro da flor. A carne sentiu o gosto da carne. A carne gozou dentro da carne. A carne deglutiou a carne e digeriu a carne produzindo carne. A carne se engoliu pelo rabo e despedaçou algures. A carne pode produzir arte e produz. Recortes e gestos e vida que a corrompe e enleva.

Eu vi a mulher preparando outra pessoa¹⁶. Carne fazendo carne!

Deitada na grama, ignorou um leve sapecar que as folhas produziam em pequenas quantidades de carne exposta, onde o tecido faltava. O corpo não queria o sapecado. Queria quietude e sossego. Deitada, olhou para o céu. Uma fadiga extrema lhe corrompeu os olhos que não queriam se abrir. A carne experienciava luz, calor e sentia-se fraca e morta. Talvez desejasse tornar-se verbo e subir aos céus. Temer

¹⁵ Junto a Marcos Vinícius Amaral Ribeiro em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10479>

¹⁶ Junto a Caetano Veloso em sua canção Força estranha em [Força Estranha - Caetano Veloso - LETRAS.MUS.BR](https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/10479)

subir tão alto. Amar subir tão alto. Uma vaidade paira o infinito do cosmo e desliza pelos anéis gasosos de saturno, uma imagem que habitou seu imaginário durante a semana. Um absurdo tão grande aquela imagem era sim. Um absurdo pairando o espaço visível. História para se contar de um menino que escorregava nos anéis de saturno e escorregava até se cansar. Descobriram água em uma das luas de saturno. Um oceano enorme. Outras crianças brincavam de outras brincadeiras. Roda era uma delas e trava línguas. E de novo o verbo entre nós. Acordar verbo, sentir verbo, almoçar verbo, comer verbo, gozar no meio da manhã verbo, descansar verbo, trabalhar verbo e descansar de novo verbo. Comprar é o verbo que mais se conjuga. O verbo de hoje é CARNAR.

Diabo espreita por uma frincha.

Lá embaixo suspiram bocas machucadas.

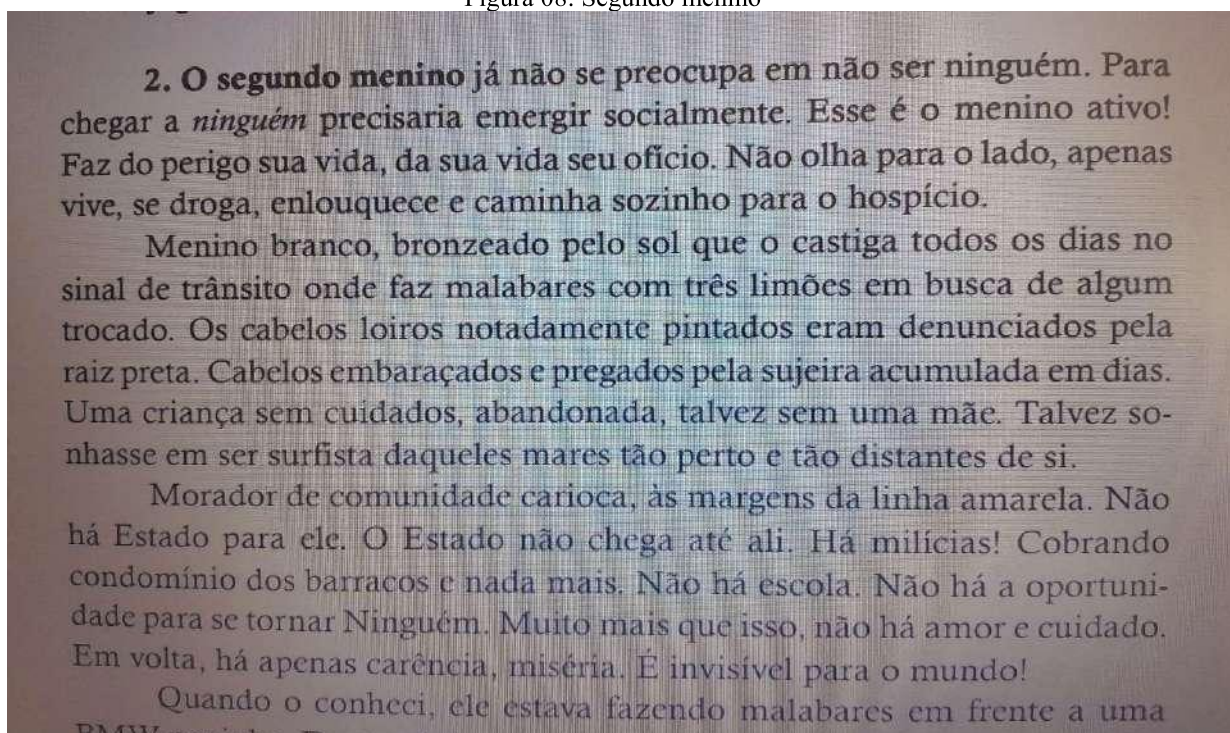
Suspiram rezas?

Suspiram manso, de amor.

E os corpos enrolados ficam mais enrolados ainda e a carne penetra na carne¹⁷

¹⁷ Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987. *Alguma poesia*/ Carlos Drummond de Andrade; posfácio Eucanaã Ferraz — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Em [13486.pdf \(companhiadasletras.com.br\)](#)

Figura 08: Segundo menino



Fonte: elaborado por Júlia M. Ferreira Leite em 2024

, eu vi o tempo

“Como diz Reich, o que surpreende não é que uns roubem e outros façam greve, mas que os famintos não roubem sempre e que os explorados não façam greve sempre: por que os homens suportam a exploração há séculos, a humilhação, a escravidão, chegando ao ponto de querer isso não só para os outros, mas para si próprios?” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 47)

Ao segundo menino¹⁸ não cabe a discussão de ser alguém ou ninguém na vida. Menino ativo vivendo com o que se tem. Nada teme! O que é ser ninguém na vida? Não há oportunidade para isso.

Menino branco, bronzeado pelo sol que o castiga todos os dias no sinal de trânsito onde faz malabares com três limões em busca de algum trocado. Os cabelos loiros notadamente pintados eram denunciados pela raiz preta. Cabelos embaraçados e pregados pela sujeira acumulada em dias. Uma criança sem cuidados, abandonada, talvez sem uma mãe. (Leite 2022, p. 76)

¹⁸ [CAP DE LIVRO PUBLICADO - Deleuze E Educação E Matemática E... - E-book.pdf](#)

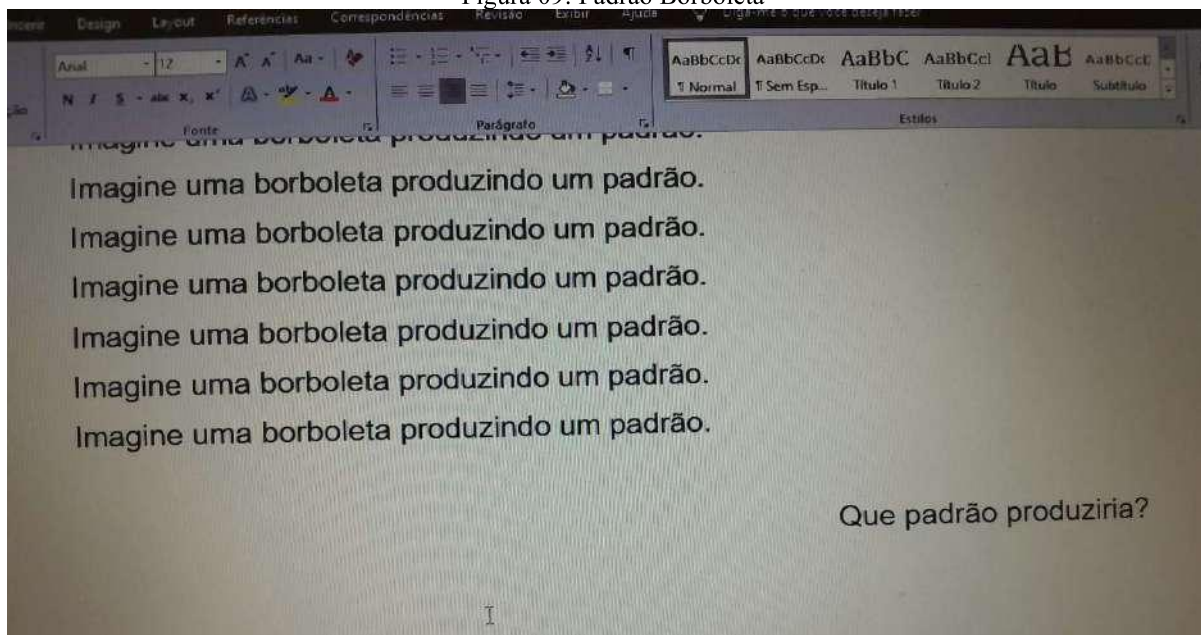
Sem estado, sem cuidado, sem família. Sem amor. O menino branco corta o asfalto quente, corta o ar com limões em danças malabarísticas e ganha um trocado que troca por comida aqui e ali! Às vezes, uma pedra para se perder da lucidez. Menino funâmbulo!

Uma pedra no meio do caminho. Um menino no trânsito, no sinal. Uma porrada na cara da sociedade consumista. Nó na garganta. Náusea. Vômito e dor. Não feche seus olhos, vc aí, atrás do vidro blindado de sua BMW. Olhe para o seu igual. Olhe! **"E no mundo do capital, uma simples conta a ser feita. Quantas crianças pobres são necessárias para se produzir apenas um consumidor de BMWs?"** (Leite 2022, p. 76)

Deixe vir o além-homem. O super, capaz de suportar. "É preciso ser oceano para suportar um rio sujo sem se sujar" (NIETZSCHE, 1998).

O funâmbulo atravessava o vazio entre as torres. A corda bem esticada. Entretenimento para o povo. O menino invisível tenta a arte por algum trocado. Limões entrecruzando o ar. Um funâmbulo entre torres no Rio de Janeiro. A queda, a transitoriedade, a educação para a falência, a estética da travessia. (Leite 2022, p. 76)

Figura 09: Padrão Borboleta



Fonte: elaborado por Júlia M. Ferreira Leite em 2023

A borboleta rompe a sala de aula de matemática.¹⁹

A borboleta transparente pode ser verde como o quadro negro, azul como a porta, branca como a parede. A borboleta voa. Alunos se distraem enquanto pensam em como construir um cubo, sem as regras. O professor não deu as regras, apenas pediu para construir um cubo e a borboleta passou voando, tão leve, tão dócil, tão alheia a sua realidade borboleta.²⁰

E a borboleta?

Apenas um ovinho deixado no verso de uma folha de amoreira. Descansa e duplica em mitoses e meioses até estar pronto para romper. Agora, se arrasta com suas irmãs pra lá e pra cá no lar protegidas do sol. A casa, também alimento, será devorada por inteiro por aquelas que precisam muita energia para crescer. E se arrastam pela amoreira e comem as saborosas folhas que encontram e se abrigam. Um dia, já tendo o corpo muito pesado para se arrastar, dependura-se e deixa-se secretar um fino casulo ao redor de si onde descansará e fará a entrega ao desconhecido. Na casa de seda, o devir borboleta se constitui em silêncio.

A borboleta é a melhor metáfora de todas.

Inevitável que a casinha de seda se faça pequena para o novo corpo que se formou e mais uma vez o ser metamorfo precisará partir. Em um remexer doloroso, rompe pequena janela, porta para o infinito e sente o sol.

¹⁹ Junto a Júlia Maria Ferreira Leite, nesta tese, p. 28

²⁰ Junto a Aline Aparecida da Silva em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/2235>

E nasce, esquecida da vida anterior. Fará vida nova, farfalha ligeira.

Borboleta²¹

No lago zulu
 O casulo de seda
 Da larga lagarta
 Do corpo de estrela

Virada no vento
 Não vai mais rasteira
 Terá vida nova

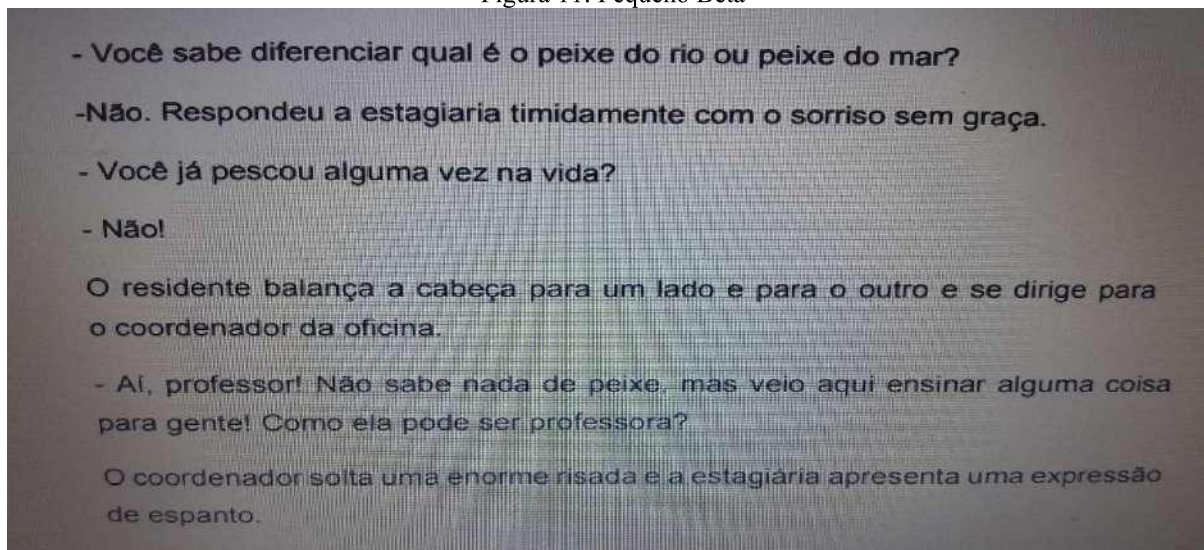
Farfalla ligeira
 Farfalla ligeira borboleta
 Farfalla ligeira

Levada na cor
 Recorta do ar
 O cheiro da flor
 Ruído do mar
 Mas foge de mim
 Na borda da mesa
 Ou pousa no prato
 De louça chinesa

Farfalla ligeira
 Farfalla ligeira borboleta
 Farfalla ligeira

²¹ Musica Borboleta de Adriana Calcanhoto em [Borboleta - Adriana Calcanhoto - LETRAS.MUS.BR](http://LETRAS.MUS.BR)

Figura 11: Pequeno Beta



Fonte: elaborado por Júlia M. Ferreira Leite em 2023

O pequeno beta²²

Saindo da escola às 18:20, olhou, mais uma vez, para vitrine da loja de animais e falou à sua mãe: *Estou economizando para comprar um peixe*. Os peixinhos coloridos, cada qual em seu pequeno pote de plástico, aguardavam seus compradores p a c i e n t e m e n t e.

Um deles, em sua curta memória, pensou em seu tempo perdido naquele recipiente minúsculo, quando poderia estar no aquário de Nuno Ramos²³ ouvindo Proust tranquilamente e após o fim da narrativa, poder discutir com seus colegas peixes toda a grandiosidade da questão *tempo perdido*.

A mãe olhou de soslaio os peixinhos na vitrine, muito rapidamente porque mais importante era não perder o ônibus que esperava. Nesse pequeno embate entre vitrine e ônibus sentiu compaixão das criaturas confinadas nos potes plásticos minúsculos. Desconsiderados como vivos pelos vivos que passavam apressados ao redor.

²² Junto a Bruna Tostes de Oliveira em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/14142>

²³ Artista contemporâneo brasileiro que realizou a performance intitulada Perdido, em janeiro de 2022

Enquanto isso, no Oceano Atlântico que banha Copacabana, um peixe livre abana sua calda para uma tecelã que enrola e desenrola fios beira mar.

Por outro lado, a estagiária continua encucada com sua impossibilidade de ensinar arte já que não sabe nada sobre peixe algum.

Junto ao pequeno Beta, na loja de animais, outros 12 confinados de cores diversas aguardam p a c i e n t e m e n t e por um oceano particular perdido por aí.

Sussurro: Uma escrita que dobra sobre si mesma e nas dobras de seu labirinto busca o fio de resgate de uma academia que se faz nas dobras, nos restos, nos roubos e nas viscosidades do líquido branco que sai da morte do igual. Morte daquele que se vê único capaz de ser. Morte do padrão e do engessamento.

A INCAPACIDADE DE SER VERDADEIRO²⁴

Carlos Drummond de Andrade

Paulo tinha fama de mentiroso. Um dia chegou em casa dizendo que vira no campo dois dragões da independência cuspiendo fogo e lendo fotonovelas.

A mãe botou-o de castigo, mas na semana seguinte ele veio contando que caíra no pátio da escola um pedaço de lua, todo cheio de buraquinhos, feito queijo, e ele provou e tinha gosto de queijo. Desta vez Paulo não só ficou sem sobremesa como foi proibido de jogar futebol durante quinze dias.

Quando o menino voltou falando que todas as borboletas da Terra passaram pela chácara de Siá Elpídia e queriam formar um tapete voador para transportá-lo ao sétimo céu, a mãe decidiu leva-lo ao médico. Após o exame, o Dr. Epaminondas abanou a cabeça:

- Não há nada a fazer, Dona Coló. Esse menino é mesmo um caso de poesia.

²⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. Contos plausíveis. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006

Figura 12: Antropofagia

podem se alimentar de restos de comida, especialmente de leite seco na boca de bebês que estão dormindo. As crianças são mais suscetíveis por terem o sono mais pesado, mas os adultos também não escapam do território que elas farejam. Tudo que é devorado, é antes farejado para a transformação das coisas. Antropofagia do vivo no olfato. Longe do campo de interesses civilizados do homem bípede, aqui no chão nós estamos tentando respirar mais e farejar outros recantos do espaço, onde agimos no limite de uma ação que conjuga a linguagem com a animalidade. Mobilidade anônima em que, talvez, seja possível escoar deste corpo adestrado que temos sido. Nosso programa: respirar...respirar mais... e mais... de novo... novamente... respirar... continuar respirando...Buscamos, aqui, no embaixo das coisas, um instinto raro, que age no lugar dos selvagens, no lugar dos bichos escrotos, e que nos permite trocar afetos com a barata, negociar com ela. Que bicho te habita? Respirou?

Fonte: elaborado por Júlia M. Ferreira Leite em 2023

Que bicho te habita²⁵?

Gregor Samsa desperta uma manhã convertido em um horrível bicho. Não parece tratar-se de um castigo divino, uma maldição ou um sortilégio, mas simplesmente de uma transformação, de uma metamorfose, imprevista, instantânea e inexplicável. (Kafka, 2005b, quarta capa)

Fiquei intrigada com o que você me disse. Aquilo sobre as respostas serem sempre óbvias e demasiadamente humanas. Primeiro pensei (eu mesma) em que bicho eu queria ser e dei-lhe razão sobre sua teoria de que ninguém quer ser bicho escroto. Jamais desejaria ser uma barata, ainda mais sabendo que elas comem pessoas vivas e mortas. Não desejo ser tão antropofágica assim.

Você piorou bastante a péssima impressão que eu já tinha das baratas.

*Por um breve momento fui até Kafka e senti de novo a mesma repulsa de quando, ainda adolescente, li **A metamorfose** e tanto me impressionei com aquele devir barata. De fato, não sei que bicho desejaria ser, talvez algum que voe.*

Você riria de mim, não é mesmo? Talvez dissesse que sou apenas uma mulher de meia idade projetando virtudes e leis que me foram podadas pelo falso teatro do sistema.

Tudo bem. Pode ser...

²⁵ Junto a Marcos Vinícius Amaral Ribeiro em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10479>

Em seguida, ainda tomada pela leitura de seu texto, me atrevi a uma pequena investigação.

Fui até o corredor e perguntei à primeira pessoa que encontrei,

- Qual animal seria?

Estranho! ela me respondeu com muita rapidez e firmeza, como se já houvesse pensado muito sobre aquilo.

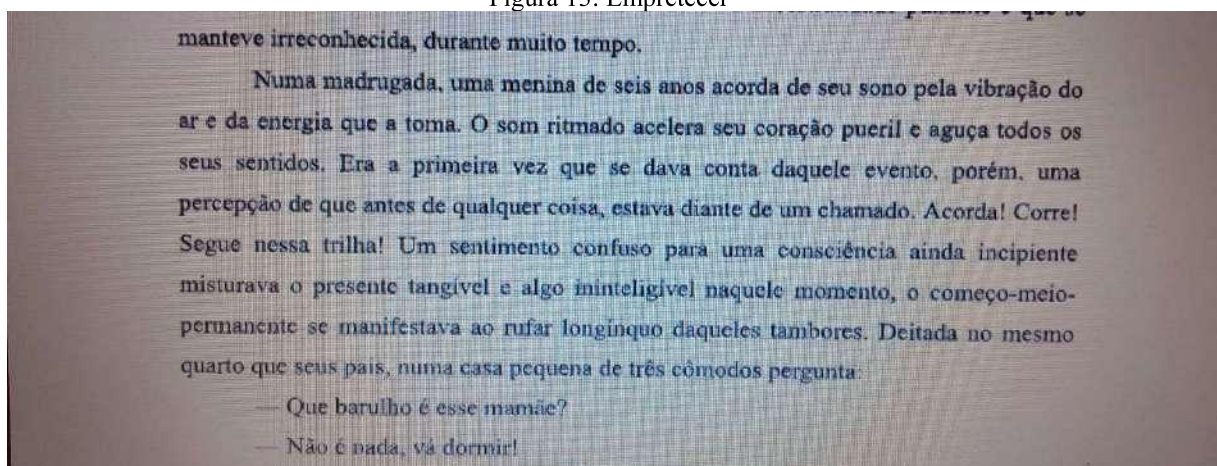
- Quero ser uma loba, acho legal.

- Por que uma loba?, quis saber.

- Porque é forte e sabe se virar sozinha.

Voilà! Nada mais a dizer, por enquanto!

Figura 13: Empretecer



Fonte: elaborado por Júlia M. Ferreira Leite em 2023

AUTORRETRATO: UM TEXTO PARA SER PINTADO²⁶

Dizem, e eu estou disposto a acreditar, que é difícil conhecer a si mesmo, mas não é fácil para pintar a si mesmo também. (Van Gogh em carta a seu irmão Theo)

A menina empretece.

Ela se dá a ver em um reconhecimento de si. Se olha, se vê, se mostra. Processos. Tornar-se.

O que é real é o próprio devir, o bloco de devir, e não os termos supostamente fixos pelos quais passaria aquele que se torna (DELEUZE; GUATTARI, 1995/2002, p. 19)

Fazer um autorretrato. Como ser visto? Como se dar a ver?

Que bicho você quer ser?

- Algum que saiba voar.

Um professor, que pode ser de matemática, dá-se a ver pelo autorretrato. Seria ele feliz e satisfeito por ensinar? Seria ele triste e amargurado por ensinar?

A criança disse que a professora não é feliz ensinando.

– Dá pra ver que ela não queria estar ali.

²⁶ Junto a Marcos Vinícius Amaral Ribeiro em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10479>, Bruna Tostes de Oliveira em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/14142> e Fabiana Leal Nascimento em seu trabalho enviado para qualificação junto ao PPGE_UFJF em 2024.

Em autorretrato o artista se dá a ver. Uma oportunidade de conduzir o olhar do outro. Oportunidade de se dar a ver. Dizer aos olhos alheios quem é você e como se sente. Seria fácil? Uma imagem dura ou um rosto derretendo. Pura escuridão ou brilho nos olhos.

Em oficina, professores de matemática fazem um autorretrato com figuras retiradas do livro didático. Um problema menor em uma pesquisa menor.

Representação de sua essência ou sentimento.

Em aula de arte, aluna se recusa a fazer autorretrato. Prefere desenhar peixe. Um peixe autorretrata uma criança em aula de arte.

Um risco de giz no chão. Método Pemba. Um risco de giz faz luz sobre modo outro de escrita. Força da palavra. Magia nas palavras. A palavra que pode libertar, aprisionar, fazer viver. Um método pemba de pesquisa rompe algo em academias.

Uma escrita outra na academia: escrita pemba. Romper processos, rasgar métodos, definindo novos espaços. Risca no chão, com giz, seu espaço de atuação. Demarca seu campo de pesquisa.

Deixar-se empretecer.

Resistência ao método, ao meio e aos modos por onde os caminhos se percorrem. Resistência à norma imposta. Resistência ao padrão que privilegia interseções entre categorias majoritárias. Resistência ao padrão que só serve à manutenção de poderes iguais e perpetuados. Resistência à hegemonia e manutenção dos poderes. Resistência à castração e à miséria. Resistência a um jeito único e engessado de se fazer escrita acadêmica. (Leite. J. comunicação Semana faced)

Fazer um autorretrato! Dizer de si. Que bicho você quer ser?

- Certamente um bicho que voa: Um autorretrato que voa.

Figura 14: Rádio relógio

Uma música. Uma música. No rádio relógio em uma mesa de cabeceira marcam 5:59. Uma música. No rádio relógio em uma mesa de cabeceira marcam 5:59. Flores luminária e rendas sobre a mesa de cabeceira. Uma música. No rádio relógio em uma mesa de cabeceira marcam 5:59. Uma virada de números marca 6:00, amanhece em melodia. Uma música. No rádio relógio em uma mesa de cabeceira marcam 5:59. Uma virada de números marca 6:00, amanhece em melodia. Um quarto. Um homem deitado em uma cama está preste a acordar. Uma música. No rádio relógio em uma mesa de cabeceira marcam 5:59. Uma virada de números marca 6:00, amanhece em melodia. No rádio relógio, uma

Fonte: elaborado por Júlia M. Ferreira Leite em 2023

Rádio relógio²⁷. 5:59. Olhos abertos se fecham para mais 5 min de acréscimo. Do lado de fora, pela fresta da cortina, pode-se ver uma árvore balançando sua leve cabeleira verde ao frágil vento daquela aurora. Rádio relógio 5:59. Uma leve inveja da árvore que fica dia e noite sentindo a rotação da terra. Rádio relógio 6:00 O quarto continua branco com suas cortinas cinzas. Uma mesa a frente da cama comporta uma garrafa, alguns livros e uma raquete para matar insetos. Rádio relógio 6:04. Tempo final. Olhos abertos. Iniciar. (fosse 5:00 poderia escrever um texto de 70 palavras), mas já sendo 06:04 isso não será mais possível. Rádio relógio silenciado. Café preto, leite branco. Hibridização na refeição matinal. Subjetividade como processo coletivo. Preocupação. Uma certa dor na mandíbula. Tensão que se manifesta no corpo. Somatização. A escrita acadêmica como delírio, asneira. Escrita como delírio persecutório. A escrita, a outra, libertação. Escrita como subjetivação. Resistência. O leite²⁸(em Drummond) se misturou com sangue na madrugada e produziu nova cor: aurora. Uma imagem linda não estivesse o leiteiro morto estirado ao chão. Delírio político. Manutenção da ordem. O ladrão merece morrer. – *Cuidado querida ladra, aproveite suas sandálias aladas e fuja para longe daqui!* A estátua de bronze, que olha para o oceano atlântico, medita sobre a mistura das cores produzida pela morte e o leiteiro que morreu junto da aurora, acordou antes das 5:59 para levar leite branco a toda cidade. E no mesmo oceano atlântico, em outra enseada, um eu feminino em busca de dissolução. E atrás de Copacabana, lá longe da elite carioca, no sinal de trânsito, um menino sujo, pobre faz malabares com limões para resistir na vida, enquanto uma secretária executiva, que enlouqueceu e foi morar na rua toma seu banho no posto de gasolina antes de sair para pedir a ajuda das mulheres que passam por Copacabana, afinal ela não aceita esmolas de homens.

²⁷ Junto a Bruna Tostes de Oliveira em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/14142> e Cláudia Aparecida de Castro Meireles em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10054>

²⁸ Junto ao poema A morte do leiteiro de Carlos Drummond de Andrade.

Figura 15: Corpo

Um **corpo caiu** no chão e se danificou, deixou de ser. A maneira como ele se organizava foi se perdendo aos poucos, lentamente, como um metal levado ao fogo, que fica pastoso e foge líquido pelo espaço. Era sábado, um sábado qualquer e algo fez deslizar os seus contornos sólidos. Durante anos ele zelou por aquele estado de rocha que havia acumulado nos seus ossos. Guardava, lavava, tirava poeira, colocava ao sol do meio dia para tirar o mofo, que insistia em aparecer, perturbando a ordem das coisas. Mas o que aconteceu? Como ele caiu? Quem o empurrou? Foi ao chão por livre e espontânea vontade? E agora? O que está acontecendo? O que acontece quando ele cai? Vai se levantar novamente? Logo ele, um sujeito firme, quase um soldado, não é possível que ele tenha caído. Foram longos anos de adestramento para ficar em pé, que é difícil definir as causas e as consequências da queda. Essas palavras não servem mais aqui. Choram! Elas querem definir enquanto ele está escorrendo, indo... E para acompanhá-lo,

Fonte: elaborado por Júlia M. Ferreira Leite em 2023

Um corpo caiu²⁹

e danificou-se de alguma forma. Ainda é um corpo: um corpo que caiu. Na potência do existir, embebedou-se de coragem, encorajado pelo frescor do vento que o tocava a pele. Uma velocidade sutil em alta velocidade se fez. O corpo caiu e agora jaz aprisionado em limites de ser. Ele se levantou, com a ajuda dos paramédicos. Chora sozinho em si e pra si. Ninguém pode vê-lo sofrer. É prisioneiro de si mesmo num eterno reverberar de seu eu imortal em memórias puras e turvas, as que restaram. Desejo de ensinar, catedrático que era. Tanto a dizer aprisionado. Passava pela rua, mãos dadas com seu cuidador, e soltava grunhidos. Confusos inaudíveis.

- Eu vou morrer!

A cada um que passava a mesma questão se colocava. Efemeridade.

Era forte, pleno, feroz. Ensinava estatística. Talvez fosse um leão. Desceu o morro de bicicleta e bateu no poste. O corpo caiu no chão e ficou preso dentro da cabeça. Pra viver assim, melhor morrer, disse o filósofo pessimista. Que besteira! Se estivesse morto não poderia sentir o sol na pele, nem o gosto da sopa, nem o cheiro do cão. Ele não pode falar, mas pode outras coisas.

²⁹ Junto a Marcos Vinícius Amaral Ribeiro em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10479>

Sentimento do mundo

Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo,
mas estou cheio de escravos,
minhas lembranças escorrem
e o corpo transige
na confluência do amor.

Quando me levantar, o céu
estará morto e saqueado,
eu mesmo estarei morto,
morto meu desejo, morto
o pântano sem acordes.

Os camaradas não disseram
que havia uma guerra
e era necessário
trazer fogo e alimento.
Sinto-me disperso,
anterior a fronteiras,
humildemente vos peço
que me perdoeis.

Quando os corpos passarem,
eu ficarei sozinho
desafiando a recordação
do sineiro, da viúva e do microscopista
que habitavam a barraca
e não foram encontrados
ao amanhecer

esse amanhecer
mais noite que a noite.

[*Carlos Drummond de Andrade*]

(...) mas o labirinto já não é o labirinto do conhecimento e da moral, o labirinto já não é o caminho tomado por quem, segurando o fio, vai matar o touro. O labirinto tornou-se o próprio touro branco, Dioniso-touro: “Sou o teu labirinto”. Mais precisamente, o labirinto agora é a orelha de Dioniso, a orelha labiríntica. Ariadne precisa ter orelhas como as de Dioniso, a fim de ouvir a afirmação dionisíaca, mas também precisa responder à afirmação ao ouvido do próprio Dioniso. Dioniso diz a Ariadne: “Tens pequenas orelhas, tens minhas orelhas, põe aí uma palavra sensata”, sim. Ocorre ainda a Dioniso dizer a Ariadne, por brincadeira: “Por que tuas orelhas não são ainda mais longas?”. Dioniso lhe recorda assim seus erros, quando ela amava Teseu: acreditava que afirmar era carregar um peso, fazer como o asno. Na verdade, porém, com Dioniso Ariadne adquiriu pequenas orelhas: a orelha redonda, propícia ao eterno retorno. O labirinto já não é arquitetônico, tornou-se sonoro e musical
(DELEUZE, 1997, p. 118-119.)

Um fio atravessa uma escritura³⁰

Uma mão agarra uma barata debaixo do sofá. Não em vão, a barata luta. Seis pernas e duas antenas se remexem e contorcem a lutar pela liberdade perdida. A mão aperta um pouco mais. Não abriria mão da presa assim tão facilmente. A barata se esforça um pouco mais retirando forças de onde nada mais há além de um enorme desejo de vida.

Mãos apertam com mais força. Um líquido viscoso e branco anuncia um fim. Barata morta. Mão se delicia com a temperatura do líquido. Mão aberta, barata esmagada. Dedo da outra mão se move em direção ao líquido. Toca. Vai distanciando lentamente. Fio se cria! Fio de líquido branco com ponta de dedo. Lábio não resiste e rompe o fio. (Vargas, 218 p.27)

Fio que se criou e atravessou um gosto, paladar e nutrição. Fio que se cria na teia de Ahnara e atravessa uma existência aracne dependurada no abismo de ser.

³⁰ Junto a Ana Lygia Vieira Schil da Veiga em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/5465>, Felipe Vargas da Silva em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10845>, Maria Paula Pinto dos Santos Belcavelo em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/13414> e Raphaela Malta Mattos em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/1363>

Ariadne também é aranha a tecer fios, a inventar novos modos de existir em novos fios lançados.

Fio também enovelado pelas mãos da tecelã que carda a fibra do algodão tornando-o civilizado.

Olhos voltados para o fio. Cuidado com a vida doente, enfadonha, ressentida. Cuidado com o caminho que matou Minotauro.

Não carregue um fardo, Teseu! Nem siga o fio. O fio pode ser moral. Educar não precisa ser um fardo, meu amigo! Abandone o pesadume!

Fio entre Teseu, labirinto, Minotauro, Ariadne, abandono e dor. Fio que permeia e atravessa e liga e arrebenta.

Uma escrita que dobra sobre si mesma e nas dobras de seu labirinto busca o fio de resgate de uma academia que se faz nas dobras, nos restos, nos roubos e nas viscosidades do líquido branco que sai da morte do igual. Morte daquele que se vê único capaz de ser. Morte do padrão e do engessamento.

A mão aperta, a viscosidade sai e a mão que a apanha deixa formar um fio. Delicioso fio de deliciosa sensação. A boca saliva pelo fio que insiste em ligar a captura ao resto. Vai e vem, se repete e não se repete. Inventa.

Na escrita outra há um fio de ligação com o igual morto no chão.

A gente se acostuma com tudo
 A tudo a gente se habitua
 E até não ter um lugar
 Dormir na rua
 A tudo a gente se habitua

(Vida Diet – Pato Ful)

Acostumar-se

A criança estava inconformada em se sentar ao lado da parede. Pediu à professora para se sentar-se a janela.

Acostumou-se à parede.

Adaptação.

O humano é um ser adaptável. Acostuma-se facilmente ao que lhe é imposto e ~~as vezes~~ nem se pergunta o porquê.

Vive sozinho.

Mora em um apartamento sem vista para o mar. Como não há vista acostumou-se a não olhar pela janela. Como não olha pela janela, acostumou-se a não abrir as cortinas. Como não abre as cortinas, acostumou-se a ficar com a luz acesa. Sem mar, sem sol, sem céu, sem ar. Acostumou-se.

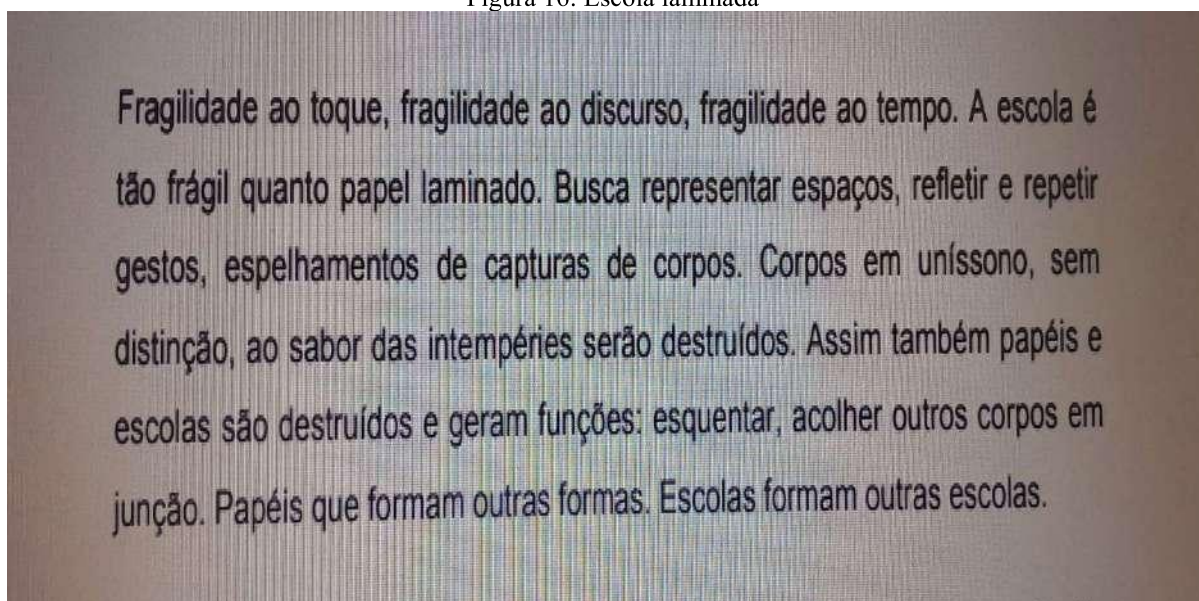
Acostumar-se a uma escrita moldada, engessada em regras prévias. Às vezes não dá pra se expressar assim. Acostuma-se a reproduzir falta de vida e a viver com a luz acesa. Sem sol.

(sem rasgo no guarda sol)

Enquanto isso, uma mulher inconformada caminha num monte de areia da obra do vizinho com saudade do mar tão distante.

E o menino, que mora ao lado do mar, continua seus dias no asfalto quente fazendo malabares com limões por um trocado qualquer. **L u d i b r i a n d o o s i s t e m a .**

Figura 16: Escola laminada



Fonte: elaborado por Júlia M. Ferreira Leite em 2023

“A escola é tão frágil quanto papel laminado”.³¹

O menino danificou a obra de arte? Todos falavam daquilo. Fora visto chorando, de mãos dadas com a diretora, entrando na enorme sala com portas de vidro.

A escola apontava em burburinhos.

A disposição era a mesma: uma cadeira, uma mesa e um objeto triangular cobertos por papel laminado, dispostos no pátio, circulados por uma fita amarela, de trânsito. Ficou lá disposta uma semana.

Depois da exposição, um questionamento: a obra de arte na escola, a que serve?

O ponto cego – todo olhar é ponto cego

Na autoescola sobre o ponto cego. O instrutor explicou cuidadosamente. Vamos virar à esquerda. Primeiro olhe no retrovisor. Nada lá. Então bote a cabeça para fora do carro e confira se não está vindo ninguém. Nada lá. Às vezes, no retrovisor não vimos nada, mas tem alguém vindo. Pode estar no ponto cego. Está lá, mas não podemos vê-lo no retrovisor. É o ponto cego. Um perigo! Desceu do carro e se posicionou na lateral do lado direito do carro. Pediu ao aluno. Olhe no retrovisor! Pode me ver? Não. Nada lá. Pois então! É o ponto cego!

³¹ Junto a Bruna Tostes de Oliveira em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/14142>

Uma câmera no pátio da escola. Um ponto cego no pátio da escola. Algo foi visto? Não se sabe... Um menino danificou a obra de arte no pátio da escola. Um menino ou alguém ou ninguém?

(Talvez Ninguém em sua ninguendade possa danificar a escola.)

A câmera do corredor o viu passando para o pátio. Por um momento nada se vê. Um ponto cego. Só pode ser...

O ponto cego é exatamente aquele momento que a coisa não aparece, mas está lá. Nos cabe a nós complementar a imagem que falta.

O ponto cego e aquela história da árvore na floresta. Cai uma árvore na floresta. Ninguém viu. A árvore caiu? O ponto cego filosófico.

O ponto cego também é assim. Ninguém sabe, mas um menino saiu chorando da sala da diretora. Todos olhavam sobressaltados.

Na escola, uma opressão. A escola constrangedora. A escola taxadora. A escola que faz chorar a criança que danificou a obra de arte.

Não se pode cantar “Dona Maria atrás da porta na escola”.

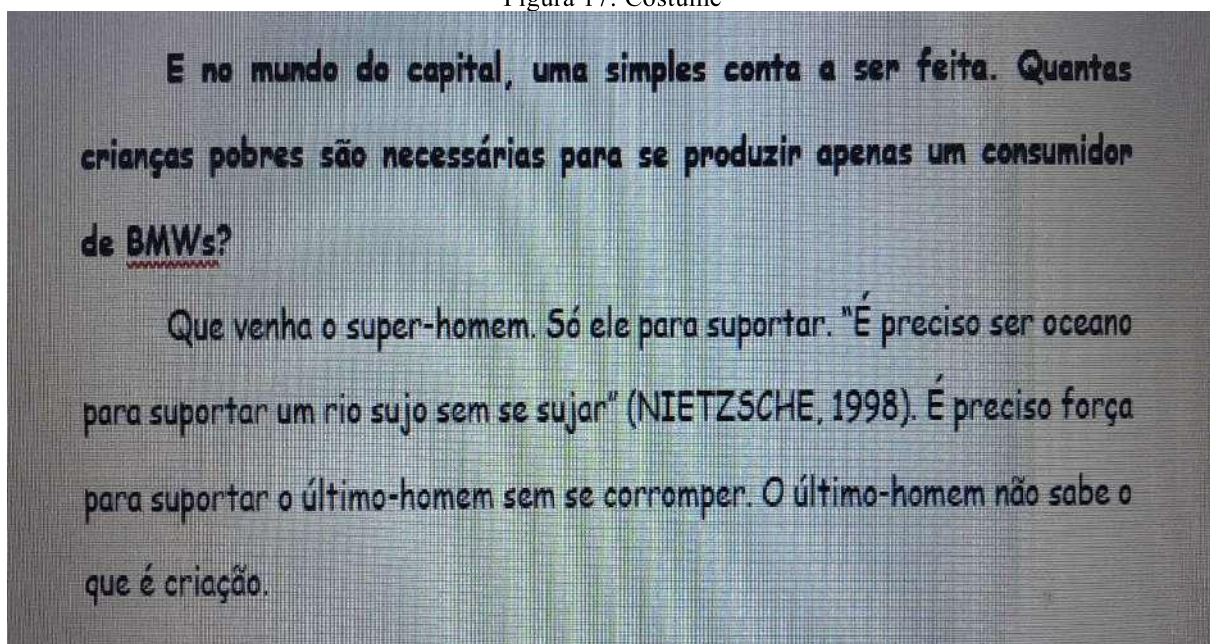
A cegueira pode ser visionária. As Parcas eram cegas e tudo viam na confusão escura da revelação. A cegueira branca de Saramago. A miséria humana em foco. A natureza humana, frágil, distópica e limitada em sua moralidade. A cegueira branca, o egoísmo, a imparcialidade, o medo, a covardia, a raiva e outros sentimentos que cegam o ser humano e o levam à perdição. ~~As pessoas estão cegas no mundo contemporâneo.~~ Não veem o outro e seguem criando uma sociedade centrada, atomizada, correndo atrás dos próprios interesses e vitimizados por um colapso moral.

Nem Zeus contesta a decisão de uma Parca, velhas cegas, tão antigas quanto o tempo, que tecem o destino do mundo, determinando as trajetórias de vida.

Cada uma das três irmãs tem um papel específico na modelagem do destino humano: Clotho tece o fio da vida, Laquési o mede, e Átropo o corta, significando o fim da vida de uma pessoa.

As Parcas são tecelãs de vida. Esticam e cortam o fio.

Figura 17: Costume



Fonte: elaborado por Júlia M. Ferreira Leite em 2023

"Tem horas em que penso que a gente carecia, de repente, de acordar de alguma espécie de encanto." (Guimarães Rosa em Grande Sertão Veredas)

A gente se acostuma com tudo. A tudo a gente se habitua.

Moro a 200 km do mar. Sinto falta de me banhar diariamente.

Moro a 30 m do mar. Mal olho naquela direção.

Moro a 600 km do mar, no centro-oeste cerrado do país.

Na pandemia, sentia muita falta de viajar para ver o mar.

Falta mar, falta céu, falta AR.

Essa impossibilidade aumentava vertiginosamente a solidão daquele período. Ver o mar duas ou três vezes ao ano trazia uma finalidade para a vida. Um objetivo de viver.

- Vou viajar para ver o mar nas férias de julho ou no *Corpus christi*. Um suspiro!

Um vizinho despejou um caminhão de areia frente à sua casa. Areia para construção de algum anexo ou coisa assim. Ela saía toda tarde e pisoteava o monte de areia. Fechava os olhos e fingia ser um sonho, pisando a areia do mar.

Seu pai havia lhe contado sobre um amigo que chorou ao ver o Atlântico pela primeira vez. Compreendia muito bem esta emoção. Era emocionante ver o oceano e imaginar-se caminhando pelo chão do mar. Tinha um desejo desde menina: atravessar o Atlântico a pé, caminhando por suas profundezas, vencendo a gravidade, a profundidade, a escuridão. Montanhas submarinas. Tudo grandioso e medonho. Simplesmente caminhar por dias, meses, anos, até chegar do outro lado, na costa africana onde cumprimentaria o povo e continuaria andando.

Saborear os mistérios do mar.

Querer o mar e estando perto, estar tão distante.

A gente se acostuma com tudo. A tudo a gente se habitua.

Um menino que sonha ser surfista e mora ao lado do mar, mas passa os dias no asfalto quente de um sinal de trânsito fazendo malabares, ludibriando o sistema.

Luta?

Sim. É uma luta!

“Como diz Reich, o que surpreende não é que uns roubem e outros façam greve, mas que os famintos não roubem sempre e que os explorados não façam greve sempre: por que os homens suportam a exploração há séculos, a humilhação, a escravidão, chegando ao ponto de querer isso não só para os outros, mas para si próprios?” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 47)

O asfalto quente e um muro alto o separa do frescor marinho e da natureza que é sua. É apenas uma criança! Estaria estudando e tomando banho de mar não fôssemos uma sociedade desigual?

~~Platão resolvera este problema a séculos atrás.~~ As crianças deveriam ser responsabilidade de todos. A sociedade como um todo cuida dos pequenos.

É fundamental, diz-nos Platão, que nos ocupemos das crianças e de sua educação, não tanto pelo que os pequenos são, mas pelo que deles devirá, pelo que se gerará em um tempo posterior.

Se vivêssemos nessa utopia platônica, talvez nunca permitiríamos aquele menino no sinal. Invisível como se não nos pertencesse.

A gente se acostuma com tudo. A tudo a gente se habitua.

Na pandemia, uma pesquisa acadêmica em isolamento social: Caminhar no fundo do oceano Atlântico.

Figura 18: Terceiro menino

3. O terceiro menino subia na mangueira para assistir à aula. Um Estado precário, irresponsável, ainda que presente: o Estado. E outros desdobramentos...

Mas, por favor, não confundamos o menino em cima da árvore com o menino visto em cima da árvore. O olhar! O que fizeram do menino na árvore. O discurso apresentado. A sociedade do controle regurgita dos lábios da empresa de imprensa e o neoliberalismo se coloca forte nos lábios das mais diferentes classes sociais.

Vejamos então a reportagem que nos conduzirá em nossas reflexões acerca da educação em tempos de pandemia. Divulgada pelo programa Fantástico, da rede globo de televisão, do dia 14/03/2021, a história, apresentada no fechamento daquela edição, foi a cereja do bolo daquele domingo, tendo sido apresentada pelo repórter Tadeu Schmidt como um exemplo de superação e resistência frente às dificuldades impostas pela pandemia de Covid-19. Podíamos todos dormir tranquilos: um brasileiro vencera em algum lugar.

Fonte: elaborado por Júlia M. Ferreira Leite em 2024

Correndo ao redor do caminho daquele menino.³²

O terceiro menino³³, tem amparo estatal. Precário, mas presente. Em vida pandêmica, precisa assistir aula on-line. Sobe na árvore onde o sinal pega.

Vira artista de tv. A reportagem m e r i t o c r á t i c a afirma com orgulho capital: Basta querer! Vejam o menino vencendo na vida em cima do pé de manga!

Mas, por favor, não confundamos o menino em cima da árvore com o menino visto em cima da árvore. O olhar! O que que fizeram do menino na árvore. O discurso apresentado. A sociedade do controle regurgita dos lábios da empresa de imprensa e o neoliberalismo se coloca forte nos lábios das mais diferentes classes sociais. (Leite 2022, p. 77)

Cereja do bolo do noticiário de domingo. Última reportagem da noite. Sabe aquela reportagem para salvar o fim de noite do trabalhador? Ela!

³² Força estranha – Caetano Veloso.

³³ Dobra de escrita junto ao texto ATRAVESSAMENTOS ENSAÍSTICOS – DIÁLOGOS NO ENTRE DOS ACONTECIMENTOS publicado em [CAP DE LIVRO PUBLICADO - Deleuze E Educação E Matemática E... - E-book.pdf](#)

O repórter com brilho nos olhos traz uma notícia feliz: -Vejam trabalhadores! Todos podem vencer na vida, não importam as condições, não importa a precariedade, façam o seu melhor. E todos vão dormir felizes, preparando-se para a madrugada seguinte, as duas conduções e a vida de exploração que é só sua.

O caso era que, em meio à vegetação da maior floresta tropical do planeta, na zona rural de uma pequena cidade do Pará, Artur, um aluno do Ensino médio, da rede pública, improvisou sua sala de aula sobre uma mangueira, único lugar da propriedade da família onde havia 'sinal' de internet para acompanhar as aulas online em período pandêmico. Arthur e seus irmãos improvisaram uma sala de aula nas alturas com cadeira, mesa e até um suporte para o celular. (Leite 2022, p. 77)

Informação de domingo foca no mérito. A serviço do capital, o programa de domingo vê as crianças na árvore como um exemplo a ser seguido. O estado é desnecessário. Seja mínimo, o Estado! Afinal, quem quer, faz acontecer! PERSPECTIVA do servos do capital. As crianças de cima da árvore tornam-se exemplo de superação. Romperam a bolha.

O QUE PODE SER VISTO?

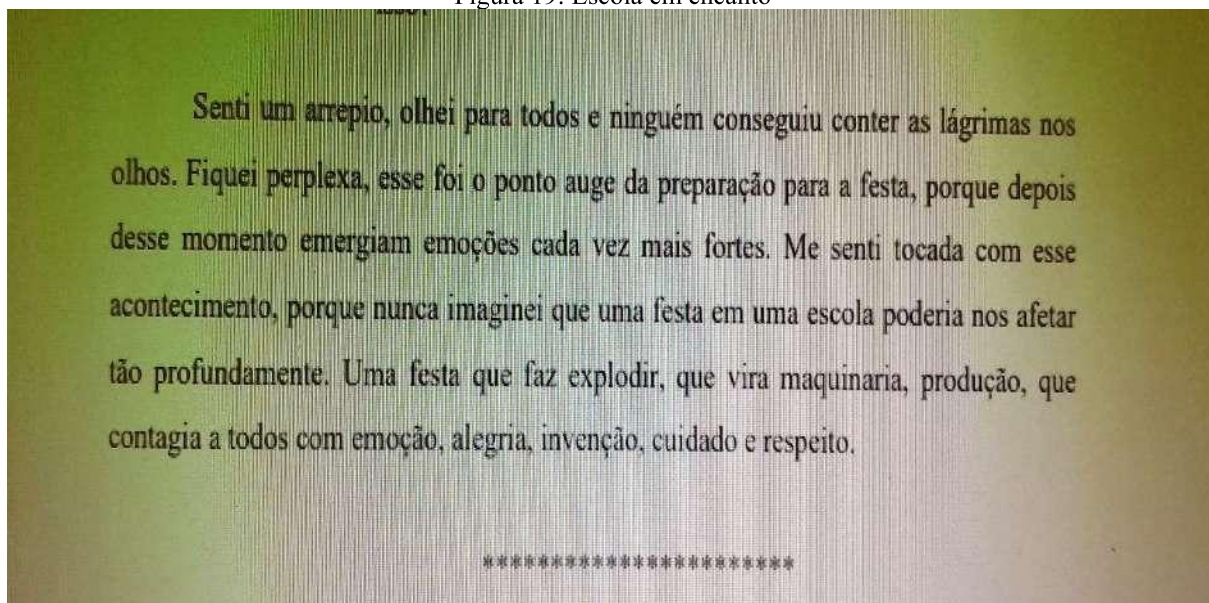
Miséria? Descaso? Sim.

Perspectiva! Talvez, fôssemos mais perspicazes, poderíamos pensar que a criança não deveria estar sobre a árvore. Talvez, ousássemos pensar que a escola deveria ser igual para todos. Apenas um Talvez...

Um caso tomado para ser exemplo a um todo. Aquele menino foi capaz de vencer todas as dificuldades e se tornar o único responsável por seu sucesso. Voilá! Vamos repetir o discurso. Perpetuar a meritocracia a partir de exceções que se dão na sociedade. (Leite 2022, p. 77)

Como criar um discurso afirmativo nessas narrativas sem afirmar essa loucura social em que estamos inseridos? (Leite 2022, p. 76)

Figura 19: Escola em encanto



Fonte: elaborado por Júlia M. Ferreira Leite em 2023

Uma pesquisa em encantos

Uma escola em cortejos segue.

Festejo, Cor, Produção, Artesania... Fabricação

Na pesquisa, segue um cortejo conceitual.

Academia outra.

Quatro cortejos em pesquisa dando a ver infâncias em maquinações.

Quatro cortejos a se fazer. Um ciclo anual. Intensificação dos fios das tensões da escola.

Uma escola a se (in)ventar. Maquinar. Fabricar. Infanciar.

Uma pesquisa em encantos.

No primeiro estandarte, brilha a imagem de uma lanterna.

Menina meiga a iluminar caminhos. Distribui luz por onde passa. Traz uma mensagem aos

olhos que brilham por aquela magia.

As crianças mais velhas fabricam os artefatos para os pequeninhos. A comunidade se fortalece. Quem é mais velho hoje, já foi pequenininho um dia e ganhou seu artefato das mãos dos que estavam lá na frente, quase se formando.

A comunidade gira.

No segundo estandarte, brilha uma coroa. Faz-se um rei.

A escola se agita no processo. Há que se escolher um rei. Um rei menino, um rei negro, um rei orgulho, uma reconstrução.

A escola se agita.

Chico Rei, a escravidão, os ritos e a resistência. A resistência do povo negro.

(E há incômodos... daqueles que não querem bater tambor).

A escola sempre se agita.

Uma força dentro da escola faz reinar uma pedagogia. Outras forças dentro da escola fazem questionar uma pedagogia.

No terceiro estandarte, brilha o auto de natal. Não é festa religiosa.

(Agora, isso não se questiona).

Apenas uma louvação ao nascimento, ao recomeço.

Não é festa religiosa, mas houve um presépio e nele brilhavam anjinhos de luz. Não é festa religiosa, mas há uma mãe santa e um pai santo e um divino menino deitado no presépio.

Não é festa religiosa porque a escola é laica.

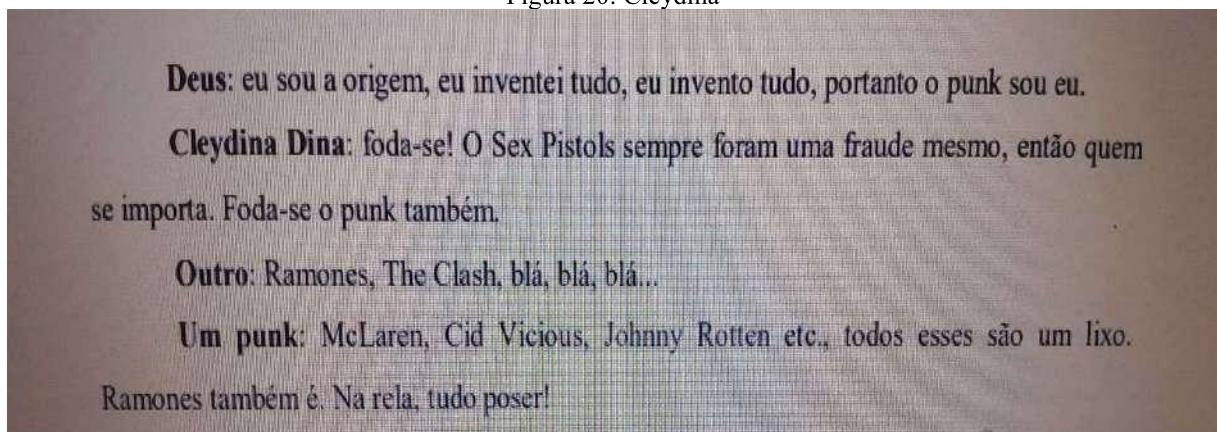
A escola é laica?

É diversa?

O último estandarte, será o primeiro em verdade. Nele, brilhará um boi.

Bumba meu.

Figura 20: Cleydina



Fonte: elaborado por Júlia M. Ferreira Leite em 2023

Noise – Onomatopaicas

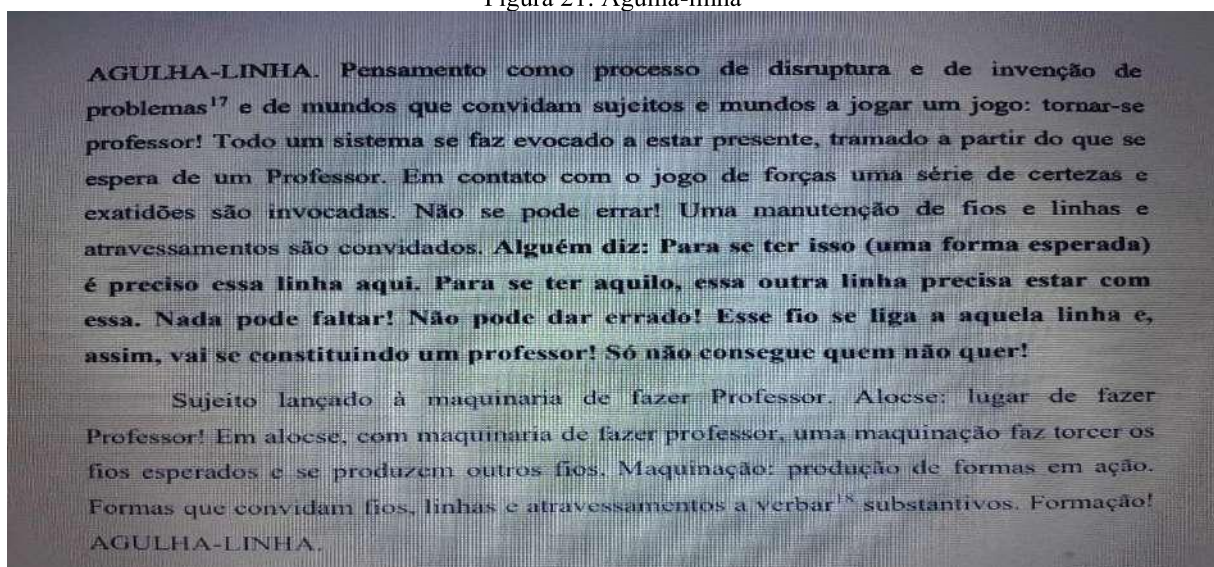
Cleydina Dina: tá foda hein.... Tudo não passa de uma grande ficção.³⁴

Hahahahah...CrashGrrrrrrrHumPumTchamAiUuuuuhhhhhUauuuueErrrrrArggrrrrrEcaaaGrumm
mmCrauNhémUarrrrgGluptRoncPloftZzzzzzzCabrummmmRoincPloftPluftBengBangaGrrrrrrrHumPu
mTchamAiAiAiAiAiUuuuuhhhhhUauuuueErrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmNhémarrrrgGluptGrrrr
rrrHumPumTchamAiAiAiUuuuuhhhhhUauuuueErrrrrArggrrrrrEcaaaGrummNhémUarrrrgGluptRon
cPloftZzzzzzzCabrummmmRoincPloftPluftBengBangaGrrrrrrrHumPumTchamAiUuuuuhhhhhUauuu
ueErrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmGrrrrrrrHumPumTchamAiUuuuuhhhhhUauuuueErrrrrArggrrrr
rEcaaaGrummmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrrrHumPumTchamUuuuuhhhhhUauuuueErrrrrArggrrrrr
EcaaaGrummmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrrrHumPumTchamAiUuuuuhhhhhUauuuueErrrrrArggrrrr
rrEcaaaGrummmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrrrHumPumTchamAiUuuuuhhhhhUauuuueErrrrrArggr
rrrrEcaaaGrummmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrrrHumPumTchamUuuuuhhhhhUauuuueErrrrrArggrr
rrrrEcaaaGrummmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrrrHumPumTchamAiUuuuuhhhhhUauuuueErrrrrArgg
rrrrrEcaaaGrummmmGrrrrrrrHumPumTchamAiUuuuuhhhhhUauuuueErrrrrArggrrrrrEcaaaGrum
mmmNhémUarrrrgGluptRoncPloftZzzzzzzCabrummmmRoincPloftPluftBengBangaGrrrrrrrHumPumT
chamAiAiAiAiAiUuuuuhhhhhUauuuueErrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrr
rHumPumTchamAiAiAiAiAiUuuuuhhhhhUauuuueErrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmNhémUarrrrgGl
uptRoncPloftZzzzzzzCabrummmmRoincPloftPluftBengBangaGrrrrrrrHumPumTchamAiUuuuuhhhhh
UauuuueErrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrrrHumPumTchamUuuuuhhhhh
UauuuueErrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrrrHumPumTchamAiUuuuuhhh
hUauuuueErrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrrrHumPumTchamAiUuuuuhhh
hhUauuuueErrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmGrrrrrrrHumPumTchamAiUuuuuhhhhhUauuuueErrrr
rArggrrrrrEcaaaGrummmmNhémUarrrrgGluptRoncPloftZzzzzzzCabrummmmRoincPloftPluftBengB
angaGrrrrrrrHumPumTchamAiAiAiAiAiUuuuuhhhhhUauuuueErrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmNh
émUarrrrgGluptGrrrrrrrHumPumTchamAiAiAiAiAiUuuuuhhhhhUauuuueErrrrrArggrrrrrEcaaaGr
ummmmNhémUarrrrgGluptRoncPloftZzzzzzzCabrummmmRoincPloftPluftBengBangaGrrrrrrrHumPu
mTchamAiAiAiAiAiUuuuuhhhhhUauuuueErrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmGrrrrrrrHumPumTcha

³⁴ Junto ao delírio onomatopaico de Marcos Vinícius Leite e Wescley Dinali em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/11797>

mAiAiAiAiAiUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrrrHu
 mPumTchamAiUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmmGrrrrrrrHumPumTchamAiAi
 AiAiAiAiUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrrrHumPu
 mTchamAiUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmmGrrrrrrrHumPumTchamAiUuuuu
 hhhhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmmNhémUarrrrgGluptRoncPloftZzzzzzCabrummmmm
 RoincPloftPluftBengBangaGrrrrrrrHumPumTchamAiUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGr
 ummmmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrrrHumPumTchamUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGr
 ummmmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrrrHumPumTchamAiUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGr
 ummmmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrrrHumPumTchamAiAiAiAiAiUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrrArgg
 rrrrrEcaaaGrummmmmGrrrrrrrHumPumTchamAiUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrum
 mmmNhémUarrrrgGluptRoncPloftZzzzzzCabrummmmmRoincPloftPluftBengBangaGrrrrrrrHumPumT
 chamAiAiAiAiAiUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrr
 rHumPumTchamAiAiAiAiAiUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmmNhémUarrrrgGl
 uptRoncPloftZzzzzzCabrummmmmRoincPloftPluftBengBangaGrrrrrrrHumPumTchamAiAiAiAiAiUuuu
 uhhhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmmGrrrrrrrHumPumTchamAiAiAiAiAiUuuuuuhhhhh
 UauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrrrHumPumTchamAiUuuuuuhhh
 hUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrrrHumPumTchamAiAiAiAiAi
 UuuuuuhhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmmNhémUarrrrgGluptRoncPloftZzzzzzCabrum
 mmmRoincPloftPluftBengBangaGrrrrrrrHumPumTchamAiAiAiAiAiUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrrAr
 ggrrrrEcaaaGrummmmmGrrrrrrrHumPumTchamAiAiAiAiAiUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrrUuuuuh
 hhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrrrHumPumTchamUuuuuh
 hhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrrrHumPumTchamAiUuuuuh
 hhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrrrHumPumTchamAiAiAiAi
 AiAiUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmmGrrrrrrrHumPumTchamAiUuuuuuhhhhh
 UauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmmNhémUarrrrgGluptRoncPloftZzzzzzCabrummmmmRoincP
 loftPluftBengBangaGrrrrrrrHumPumTchamAiAiAiAiAiUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaa
 GrummmmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrrrHumPumTchamAiAiAiAiAiUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrrArgg
 rrrrrEcaaaGrummmmmNhémUarrrrgGluptRoncPloftZzzzzzCabrummmmmRoincPloftPluftBengBangaGr
 rrrrrrHumPumTchamAiAiAiAiAiUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmmGrrrrrrrH
 umPumTchamAiAiAiAiAiUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmmNhémUarrrrgGlu
 ptGrrrrrrrHumPumTchamAiArggrrrrrEcaaaGrummmmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrrrHumPumTchamAi
 AiAiAiAiUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrrrHumP
 umTchamAiAiAiAiAiUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmmNhémUarrrrgGluptGrr
 rrrrrHumPumTchamAiAiAiAiAiUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmmNhémUarr
 rrgGluptRoncPloftZzzzzzCabrummmmmRoincPloftPluftBengBangaGrrrrrrrHumPumTchamAiAiAiAi
 AiUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmmGrrrrrrrHumPumTchamAiAiAiAiAiUuuu
 uhhhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmmNhémUarrrrgGluptUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrr
 ArggrrrrrEcaaaGrummmmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrrrHumPumTchamUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrr
 ArggrrrrrEcaaaGrummmmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrrrHumPumTchamUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrr
 ArggrrrrrEcaaaGrummmmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrrrHumPumTchamAiUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrr
 rArggrrrrrEcaaaGrummmmmNhémUarrrrgGluptGrrrrrrrHumPumTchamAiAiAiAiAiUuuuuuhhhhhUau
 uuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmmGrrrrrrrHumPumTchamAiUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrrArgg
 rrrrrEcaaaGrummmmmNhémUarrrrgGluptRoncPloftZzzzzzCabrummmmmRoincPloftPluftBengBangaGr
 rrrrrrHumPumTchamAiAiAiAiAiUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrummmmmNhémUar
 rrgGluptGrrrrrrrHumPumTchamAiAiAiAiAiUuuuuuhhhhhUauuuuuEerrrrrArggrrrrrEcaaaGrummm
 mNhémUarrrrgGluptRoncPloftZzzzzzCabrummmmmRoincPloftPluftBengBangaGrrrrrrrHumPumTcha

Figura 21: Agulha-linha



Fonte: elaborado por Júlia M. Ferreira Leite em 2023

O fio de Ahnara³⁵ passando pela agulha de Neinha foi matéria prima do vestido de uma boneca sem olhos que podia ver o futuro.

Um fio que percorre escritas e constrói tramas e vestes outras. Um fio a deslizar sobre pesquisas que recorrem a teorias, sem teorizar. Sem teorizar! Escritas em rupturas e construções mEnormes. Uma tese inteira sem citações. Ser deleuziano. Outra tese em imagens e outra em versos e mais uma em lâminas. A matéria: o substrato para uma orquídea viva. A orquídea não é parasita, ela é epífita. Ela apenas usa o substrato de suporte, o resto ela faz sozinha. A ladra não, a ladra usa o suporte e todo o resto ela aproveita também. Chupa o sangue, morde a carne e pega o que lhe convém. Roubo com prudência? Pode ser! Talvez seja.

O fio a percorrer pesquisas a tecer teias e costurar novas vestes de pura carne. Pesquisas para desconfiar. Afetos aspergidos como saberes outros. Uma história é contada e passa despercebida. Será? A ideia é o pior de todos os vírus. Quando entra, ela nunca mais para de incomodar. Nem todo mundo quer ser Dona Margarida³⁶.

³⁵ Junto a Felipe Vargas da Silva em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10845>, Maria Paula Pinto dos Santos Belcavelo em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/13414> e Tarcísio Moreira Mendes em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/12748>

³⁶ Junto a Tarcísio Moreira Mendes em performance vivenciada na VI Semana da FACED, 2024 – UFJF.

Experimentações
em Escritas
mEnormes

mEnormes

A hand holding a blue marker is shown in the bottom right corner, actively writing the word 'mEnormes' in a cursive script on a white surface. The word is written in blue ink and is partially completed, with the final 'es' being written as the marker is held.

MEUS ENCONTROS

Tenho uma intenção... contar um pouco de ~~minha experiência~~, nos primeiros passos de meu doutoramento no contexto de isolamento social promovido pela COVID19. Eu e a casa. Eu e os barulhos. Um dia inteiro nesse lugar com a mente perdida em pensamentos. Um pensamento passa e deixa seu rastro pela sala e oscila minuto a minuto no entre das coisas, da vida, da rotina... Como capturar o pensamento e trazê-lo para o papel?

Por último, pensei também que preciso dissolver o EU .

PESQUISA ACADÊMICA E ISOLAMENTO SOCIAL: RELATO DE UMA EXPERIMENTAÇÃO

Trocando em miúdos

Experimentar no acontecimento. Uma experiência da condução da pesquisa acadêmica em meio ao isolamento social imposto pela pandemia de COVID-19. *Junto a leituras, encontros virtuais e família vários atravessamentos são os condutores de uma produção em vida.* Uma experimentação contínua e infinita que se confunde com a própria *vida: esta obra de arte que somos nós.* Vivências de uma pesquisadora, mãe e trabalhadora, em isolamento social com sua família e todo experimentar que surge desse novo modo de (con)viver. Numa tentativa ensaística, a produção textual trafega nas experiências diárias da pesquisa junto à família e à falta de um "Teto todo seu". O relato constitui-se de uma introdução seguida de excertos que dialogam entre si, como cortes que exploram a potência das vozes presentes no texto.

Um Uma rajada de vento

Em atravessamentos junto às pesquisas desenvolvidas (e em desenvolvimento) pelo Travessia Grupo de Pesquisa¹, busca-se uma escrita.

Uma escrita viva. Sibilando de potência. Agarrada ao acontecimento. Uma escrita que se propõe nela, com ela e os outros. Em somatório, em abundâncias. Excessos. Devires e..., e..., e...,

O pensamento, esclarece Deleuze, jamais foi questão de teoria, mas de vida. Em contínuo (des)esclarecimento: *A escrita jamais foi questão de qualquer outra coisa, senão de vida.*

Escrita
Vida
Arte

¹ Grupo de pesquisa em educação abrigado no NEC sob a coordenação das Professoras doutoras Margareth Aparecida Sacramento Rottundo e Sônia Maria Clareto. [Travessia Grupo de Pesquisa - Site Institucional da Universidade Federal de Juiz de Fora \(ufjf.br\)](http://Travessia Grupo de Pesquisa - Site Institucional da Universidade Federal de Juiz de Fora (ufjf.br))

Criar. Criar arte, cinema, contos, escavações, escrita. Constantes processos de criações e recriações. **Roubos**, cópias, criações. Em si, de si, EmTorno.

O que pode uma escrita? Dentre tantas outras coisas, pode Criar. Eis a nossa alegre resposta: Criação e renovação. Inspiração para novas maneiras de ver, ouvir e sentir: de viver! **A vida como obra de arte**. A pesquisa acadêmica se fazendo nessa obra de arte que somos nós.

Uma nova relação com a escrita. Papel político de desconstrução do ranço elitista da escrita. Desconstruir tudo e fazer da escrita um algo que possa transformar nosso trabalho, transformar nosso intelecto e transformar o mundo. Que importa qual mundo? Seja um pequeno mundo de um alguém perdido em algum lugar. **O que importa é a transformação.**

O que é escrita acadêmica legítima? Para além de espaço de hegemonia e dominação, não há escrita legítima. Há escrita legitimada por regime de classe, regime de cor, regime de senhoridade no mundo acadêmico, regime, regime e mais Regime.....

Regime.....

Regime.....

Regime.....

Regime.....

uma série de rajadas e de abalos

O que há é a escrita que se faz na vida viva, no acontecimento, no girar desse planeta infinitamente **redondo** onde habitamos nós.

A lógica da escrita: um pensamento se dá, como rajada de vento a nos impelir. Segundo Deleuze, "a lógica de um pensamento é como um vento que nos impele, uma série de rajadas e abalos" (Deleuze, 2007)

A escrita jamais foi questão de qualquer outra coisa, senão de vida.

A vida que pede passagem e atormenta nos corredores (hoje virtuais) da Faced, nas salas de aula dos professores de matemática, na arte dos artistas e dos não-artistas, nos pensamentos dos filósofos...

O processo de escrita pede corpo novo, pede passagem e transtorna. Um movimento se faz: aulas em virtualidades, colóquios, lives, seminários. O que fazer com a escrita? Que escrita produzir?

A academia hegemônica fornece meios padrões para uma pesquisa que se faz.

- Não aqui...

Um mEnorme em academia se expande em pesquisa sobre escrita "acadêmica?".

Categorias minoritárias não andam só - em suas junções, elas se acumulam em interseções minoritárias. Assim, quando se trata de minorias, há que se considerar as perspectivas - uma multiplicidade de perspectivas.

Olhando²:

Um olhar... uma importância.

Certeau, Vik Muniz³, Outros e eu...

Então, assim... somos convocados a desnaturalizar nosso olhar, para que possamos tornar visível o invisível. Ver o ordinário, a beleza e a complexidade de viver o dia. Preparar o almoço, caminhar até a escola, comunicar-se... tudo complexo, natural e metodológico.

O olhar de Certeau, o olhar de Vik Muniz, o meu olhar... aproximação, distanciamento. Diferentes formas de perceber um mesmo objeto, diferentes formas de compreender uma mesma ação. Quais táticas usaremos junto à academia para fazer acontecer nossas pesquisas? Qual perspectiva escolheremos como condutoras de nosso caminhar até a escrita? (Leite, 2021, p. 332)

² O Relato de experiência que segue conta o primeiro momento do doutoramento em questão, instante de isolamento social - Covid 19, publicado em LINHA MESTRA, N.44, P.332-343, [HTTPS://DOI.ORG/10.34112/1980-9026A2021N44P332-343](https://doi.org/10.34112/1980-9026A2021N44P332-343), MAIO.AGO.2021

³ MUNIZ, Vik. Documentário Lixo Extraordinário (https://youtu.be/JLTY7t8c_x0)

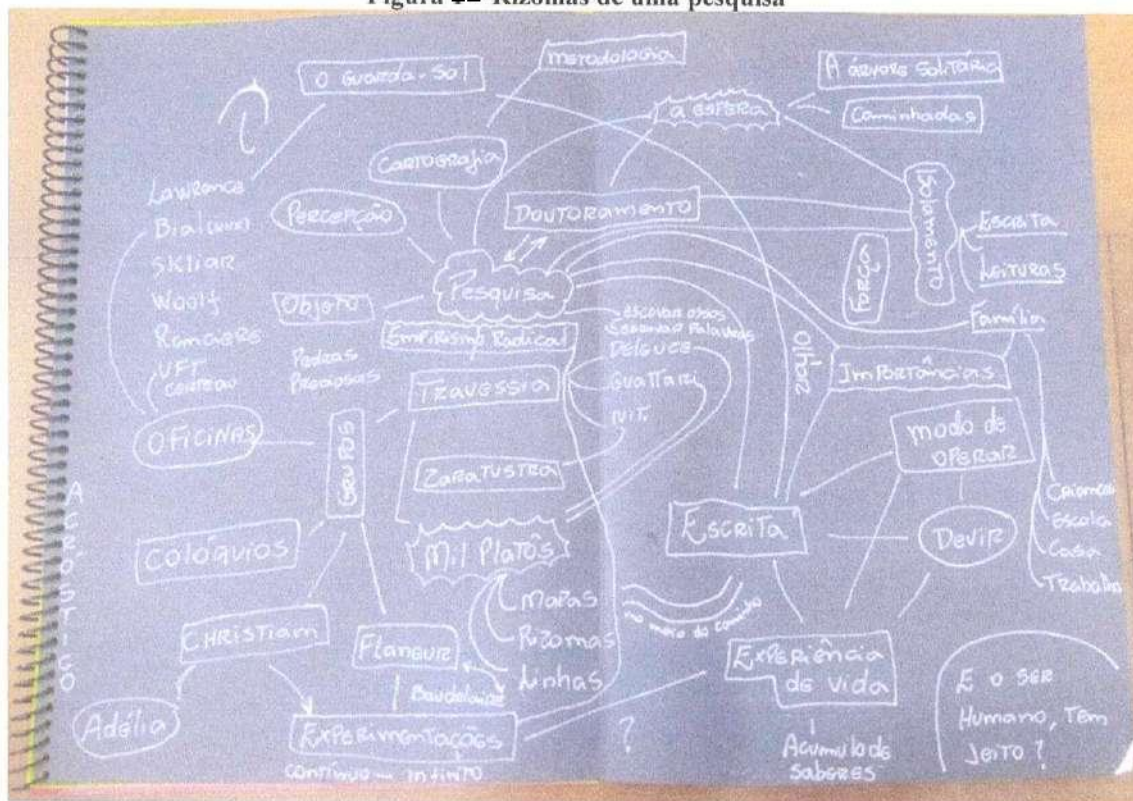
Constantes processos de criações e recriações. **Roubos**, cópias, criações. Em si, de si, EmTorno.

Até onde vai o caráter perspectivista da existência, ou mesmo se ela tem algum outro caráter, se uma existência sem interpretação, sem "sentido", não vem a ser justamente "absurda", se, por outro lado, toda a existência não é essencialmente interpretativa — isso não pode, como é razoável, ser decidido nem pela mais diligente e conscienciosa análise e autoexame do intelecto: pois nessa análise o intelecto humano não pode deixar de ver a si mesmo sob suas formas perspectivas e apenas nelas (FW/GC 374, KSA 3.626. Trad. Paulo César de Souza, p. 278).⁴

Todos precisam de apoio para produzir
 Pesquisa neste País.
 Alguns grupos precisam de mais
 atenção. Entre eles:
 Mulheres, mães
 Trabalhadoras.

⁴ DELLINGER, J. Relendo a perspectividade: algumas notas sobre 'o perspectivismo de Nietzsche. Cadernos Nietzsche, n.31, p. 127-155, 2012

Figura 22 Rizomas de uma pesquisa



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Vik olhou de longe e viu lixo. E viu gente. E viu possibilidade de arte. Quis entender. Quis ser atravessado. Chegou perto e deixou-se atravessar. Chegou mais perto e viu pessoas. E potências. Nos objetos, expressividades. E a arte se montou e remontou. As relações se deram de forma ímpar. E a mágica aconteceu. Todos os olhares se transmutam. E o lixo se transforma e o humano se revela. Ah! O humano. [REDACTED]. E ainda, tão humano. Permeado de nobres desejos. Sonhos sem fim. (Leite, 2021, p. 333)

Formas e perspectivas para guiar pesquisa que se faz. Um olhar pode o quê?

Após aprovação do Projeto de doutoramento no Programa de Pós Graduação em Educação da UFJF, a pesquisa vem se apresentando de várias formas. Apresenta-se um projeto. Muda-se um projeto. Lê-se uma teoria. Ter uma grande ideia. Tudo parece se encaixar na mesma velocidade que se

PERSPECTIVAS

desmorona. Alguns temas insistem em ficar, cativando um corpo à deriva: a escrita, a autoria, a educação, os agenciamentos.

E um corpo feminino entra em batalha com um sistema hegemônico de escrita que se faz em academia. A luta é difícil, por vezes a saudade apertada e um desejo pelo seguro engessado no "dentro da caixinha" toma conta de um corpo em transformação:

Assim como as abelhas com seus olhos compostos, tento enxergar em várias direções. É difícil! Muitas das vezes, a necessidade teórica se coloca como empecilho para um pensamento.

É como se eu só pudesse pensar guiada por uma teoria.

Que lástima! Movimento-me... Oficinas de escrita, colóquios, lives. Procuro a escrita. O processo de escrita. A experiência. O agenciamento. O acontecimento. A experimentação. (Leite, 2021, p. 338)

Apenas pedras que se apresentam no caminho. E se apresentarão por todo o percurso. É preciso saltá-las, chutá-las, varrê-las ou simplesmente ignorá-las e seguir em frente...

Nas leituras, meus olhos se voltam para Deleuze e a literatura. Muitas pedras no meio do caminho. [REDACTED]. Todos os filósofos. Tudo que foi dito, pensado, inventado. Sinto-me perdida em um limbo intelectual. Como produzirei minha escrita? Excessos, teorias, desfoque. Onde estará o meu foco? [REDACTED]

Às vezes tenho a impressão de que todas as questões me levam para um só lugar: a linguagem. Tudo se dá na linguagem. Para Leite (2016) a liberação da língua se dá através dos poros.

O olhar me leva à importância. O que importa para mim? O que importa para a pesquisa? (Leite, 2021, p.335)

*No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra
Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra (ANDRADE,
2001, p.267)*

Figura 23 Eu, Drummond (e o sorveteiro)



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Sobre Importâncias

Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós. (Manoel de Barros)

Sentada à mesa com uma folha A4 totalmente em branco em minha frente. Lápis 6B à mão e a cabeça vazia.

Desejo de escrita e nada para colocar no papel. Fiquei assim algum tempo. Desejava uma inspiração que não vinha. Ao meu lado, sobre a mesa, um livro de Drummond espreitava. Antologia. A presença do poeta me acalmava. Mas eu não sou Drummond e a inspiração andava flanando longe dali.

Apareceu um menino ao pé da mesa. Meu menino. Sou mãe e a solidão e o sossego são irrealis e indesejáveis nessa casa. Uma vez li em Woolf (2014) que a escrita feminina era mais recortada por causa das interrupções que a mulher sofria em sua sala de estar, único local que a mulher do século XIX tinha para escrever. Falta de um teto todo seu. É verdade. Woolf sabia do que estava falando. Nós mulheres, ainda hoje, escrevemos sob interrupções.

O menino chegou e queria atenção. Tentou colo, falou algo, resmungou e vendo que eu estava absorta pelo papel em branco, tentou algum alento com Drummond.

Acontece que o menino de 5 anos não sabia decifrar palavras e aquele livro sem desenhos não tinha muito a dizer a ele. Acolheu o livro como um objeto qualquer. Manuseou e encontrou, dentro, algumas fotos antigas da mãe.

A mãe, o tio e a tia no Rio de Janeiro. Cristo redentor, Copacabana... e a mãe sentada ao lado da estátua de Drummond, beira mar.

Para mim fazia algum sentido guardar minha foto junto ao poeta dentro do livro de poesias. Pieguismo bobo. Como cartas de amor e fotos de amantes dividindo a mesma caixa dentro de um baú.

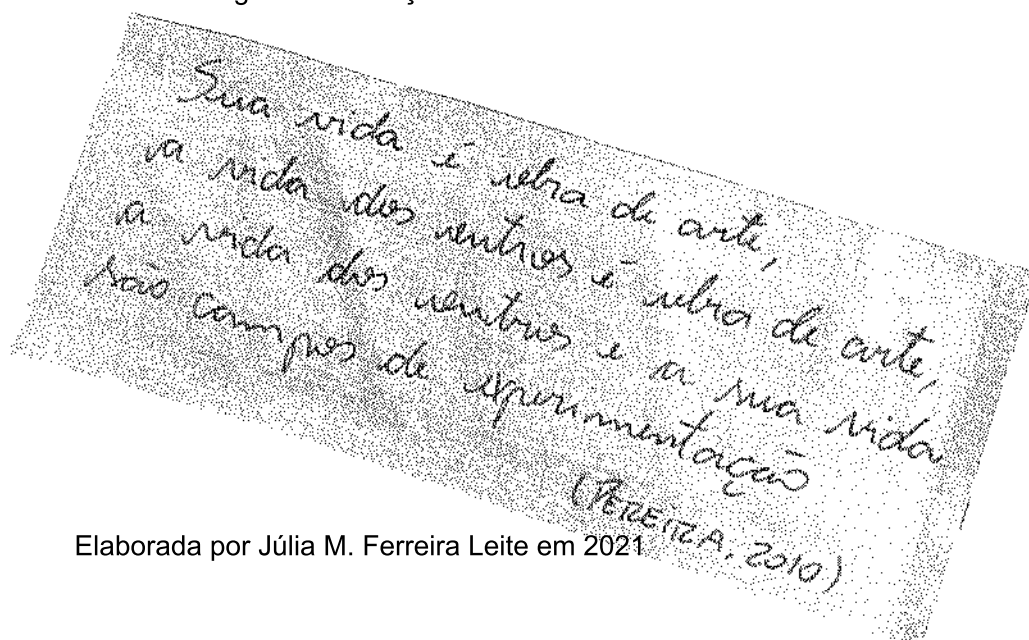
O menino foleou o livro e olhou a foto. Intrigado, sem me olhar, disse: 'veja mamãe, o sorveteiro na praia'.

Por um segundo abandonei minha entrega que implorava pela deusa *Inspiração* e olhei para a criança. Que diacho de sorveteiro é esse, meu deus?

Olhei a foto e pela primeira vez pus reparo no sorveteiro ao lado da estátua. Achei engraçado e sorri.

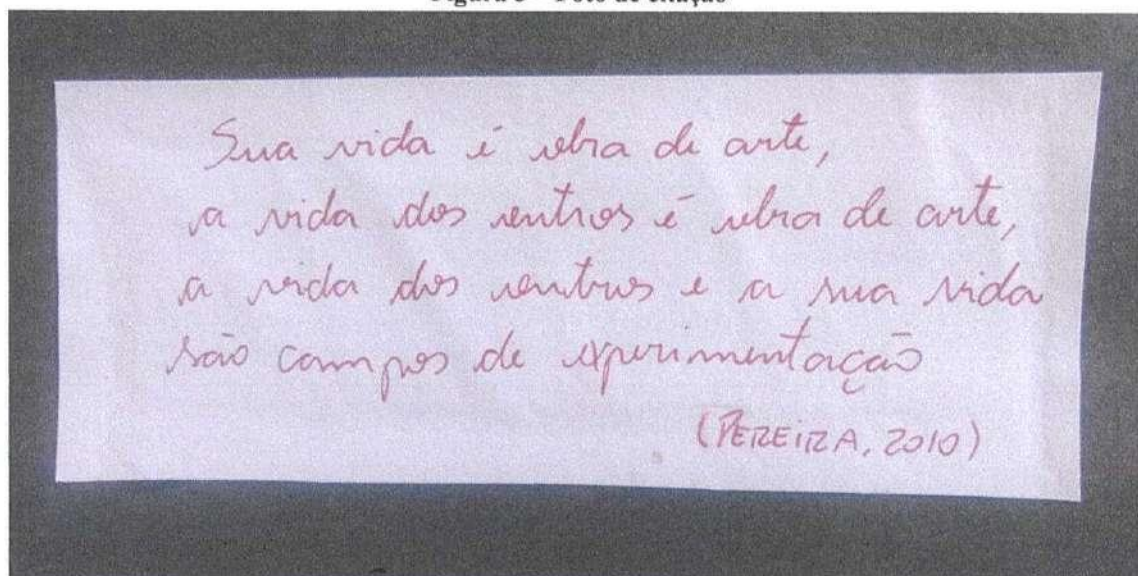
A criança viu o sorveteiro onde eu via saudade e representação. Puro foco e interesse. Entendi Manoel de Barros em seu poema *Sobre Importâncias*. "O que importa é o encantamento que a coisa produz em nós" (BARROS, 2010, p.107). Eu via Drummond. Ele, na pureza de seus 5 anos, via o sorveteiro. O que podia importar mais?

Figura 24 - Citação



Elaborada por Júlia M. Ferreira Leite em 2021

Figura 25- Foto de citação



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Contando história.

O processo seletivo pra doutoramentos em Educação na UFJF - PPGE fora finalizado em novembro de 2019, estando o início das aulas planejado para agosto de 2020.

No entanto, em março de 2020, uma pandemia aconteceu.

"Acontece que em Março de 2020, algo inesperado se deu. O mundo foi surpreendido com uma pandemia: a COVID-19 que teve início na China e espalhou-se por todo o planeta". (Leite, 2021, p. 335)

"A pandemia de covid-19 foi assim classificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no mês de março de 2020, três meses após a identificação do primeiro caso da doença na cidade de Wuhan, no sudeste da China. Desde então, a covid-19, doença respiratória

causada pelo vírus SARS-CoV-2, se fez presente em dezenas de países e contaminou mais de 655 milhões de pessoas, com o maior número de casos nos Estados Unidos. O país norte-americano registrou ainda 16% das vítimas fatais da doença, que causou a morte de 6,67 milhões de pessoas em escala global."⁵

Um novo momento se instalou repentinamente nas vidas que se fazem pelo mundo afora. Novas formas de estar no mundo foram reivindicadas por necessidades que se fizeram de imediato. A Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou a covid-19 como uma pandemia em 11 de março de 2020, cerca de três meses após a descoberta do primeiro caso da doença.

"A pandemia de covid-19 resultou em impactos socioeconômicos aprofundando as desigualdades sociais, além de ter implicado profundas transformações no nosso cotidiano e nas relações interpessoais."

Em meio a todas as angústias, o PPGE-UFJF, em luta, iniciou as aulas em outubro de 2020 no formato de ensino emergencial remoto (ERE).

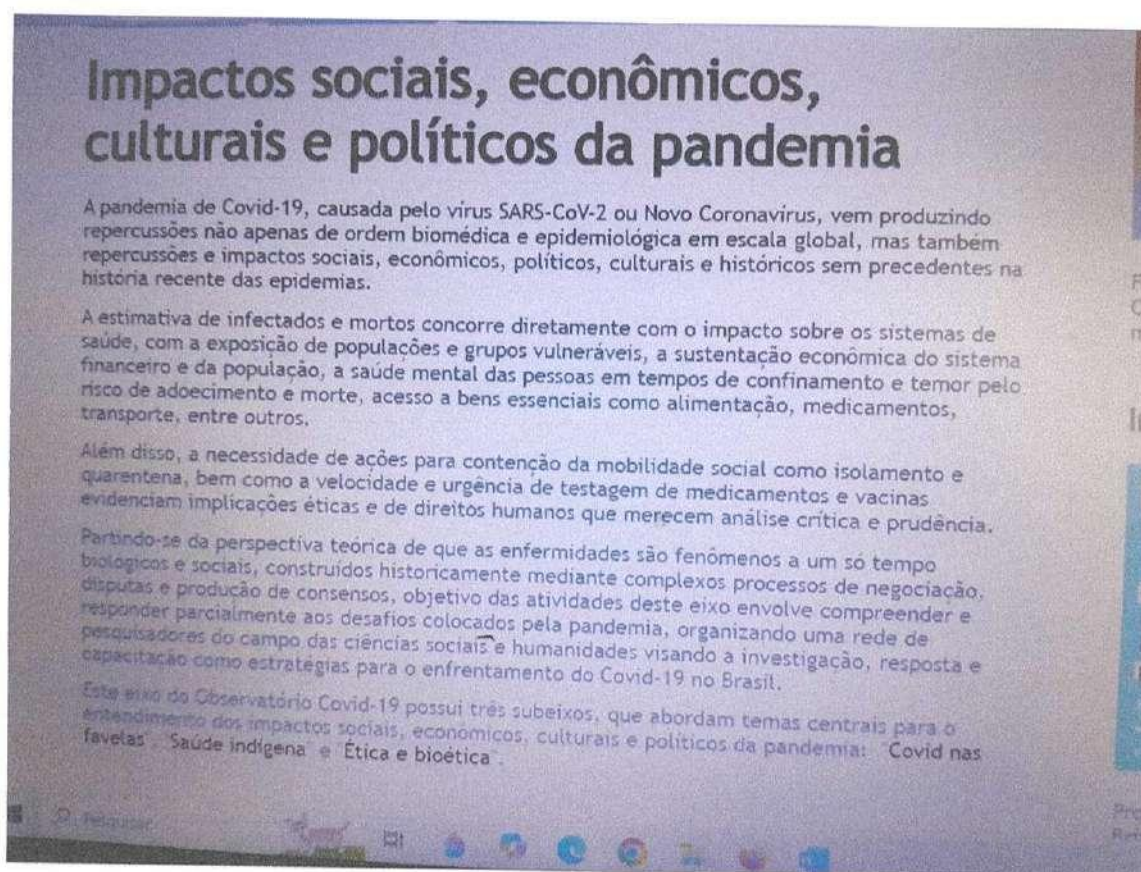
Assim, em outubro de 2020 eu me vi uma doutoranda "presa" dentro de casa, o que de início, frustrou todo o meu desejo pelo doutoramento.

E a pesquisa? E os encontros que trariam pulsação aos estudos? Senti-me só.

Vidas alteradas: as escolas fechadas trouxeram as crianças para dentro de casa. Trabalhadores, quando possível, adaptaram-se aos trabalhos remotos. Um novo modo de viver e conviver era agenciado por todos. (Leite, 2021, p.336)

⁵ [Pandemia de covid-19: origem, histórico, mortes - Brasil Escola \(uol.com.br\)](https://brasilecola.uol.com.br/geografia/pandemia-de-covid-19.htm). Veja mais sobre "Pandemia de covid-19" em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/pandemia-de-covid-19.htm>

Figura 26 - Covid 19



Fonte [Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia - Fundação Oswaldo Cruz \(Fiocruz\): Ciência e tecnologia em saúde para a população brasileira](#)

Para além dos impactos epidemiológicos, a pandemia Covid-19, trouxe inúmeros impactos de ordem social, econômica, culturais e históricos. As populações mais vulneráveis foram as que mais sofreram perdas. Medidas de contenção foram adotadas a fim de diminuir os impactos no sobrecarregado sistema de saúde.

Por aqui, as coisas se (des)organizaram assim: Eu, meu esposo e minhas duas crianças, dentro de casa, em isolamento social. Eu, servidora pública em trabalho remoto. Esposo, professor em adaptação aos meios online de ministrar suas aulas. Enormes discussões e reflexões sobre o que esperar desse ensino que se propõe. As crianças, alunos de escola privada, rapidamente tiveram o sistema remoto implementado e uma educação precária foi se moldando. E assim nos

fizemos nós... Um pai professor, uma mãe estudante e trabalhadora e duas crianças estudantes, todos em pleno envolvimento com suas demandas pessoais remotas. O pai comprou dois novos computadores e absorveu os gastos que a escola *in loco* demandou já de saída. (Leite, 2021, p. 337)

Assim, vivenciando este novo momento, eu, como boa parte da população, encontrava-me em isolamento social, tentando evitar ao máximo contato com o mundo exterior. Saíamos de casa apenas para fazer supermercado. No mais, executávamos nossas atividades de forma improvisada dentro de casa. Uma reflexão se constituiu, então:

Eu mesmo dispondo de minha casa, fiquei sem espaço e, por um tempo, me esqueci das leituras de filosofia que amparariam meu projeto de pesquisa e voltei à questão do feminino explorada durante o meu mestrado. (Leite, 2021, p. 337)

Como escrever? Como produzir pesquisa? Tudo parecia meio desorganizado. As "condições ideais" não se faziam possíveis. Todas as aulas ministradas em modo on-line. Orientações on-line.

Certamente, neste contexto, (no meu contexto) não se tratava de uma questão de gênero. Era uma nova condição social que se apresentava. Como produzir pesquisa acadêmica presa dentro de uma casa com outras três pessoas, sendo duas crianças que me demandam todo o tempo. (Leite, 2021, p. 337)

Enquanto isso, demandas de trabalho chegar todo o tempo, por email. As crianças fazem aulas remotas... "E as aulas remotas. E o trabalho invadiu a casa. E o sindicato invadiu a casa. E a escola invadiu a casa. E o lar, para onde foi?" (Leite, 2021, p. 337)

Passar por essa experiência, me fez rememorar "Um teto todo seu", ensaio de Virgínia Woolf. Perguntei pelo meu espaço de produção, pelo silêncio, pelas velhas condições ideais ao pesquisador na produção de sua

pesquisa. Como produzir pesquisa acadêmica sendo mulher? Como produzir pesquisa sendo mãe? Como produzir pesquisa em isolamento familiar? "Perguntei onde estava o "teto todo meu". Onde está o meu lugar? Como escrever mediante todas as interrupções? Como estudar? Como abordar assuntos para além da *superfície*? (Leite, 2021, p. 337)

Minha fórmula para a grandeza no homem é amor-fati: não querer nada de outro modo, nem para diante nem para trás, nem em toda eternidade. Não meramente suportar o necessário, e menos ainda dissimulá-lo – todo idealismo é mendacidade diante do necessário –, mas amá-lo"
 – Nietzsche, *Ecce Homo, Porque sou tão esperto*, §10

Em sua obra, Woolf reflete sobre as condições sociais da mulher de seu tempo e como tais condições implicam na produção literária feminina.

"Um teto todo seu" é uma reflexão acerca das condições sociais da mulher e a sua influência na produção literária feminina. A escritora pontua em que medida a posição que a mulher ocupa na sociedade acarreta dificuldades para a expressão livre de seu pensamento, para que essa expressão seja transformada em uma escrita sem sujeição e, finalmente, para que essa escrita seja recebida com consideração, em vez da indiferença comumente reservada à escrita feminina na época - Séc. XVI-XIX. (Leite, 2021, p. 338)

A autora discorre sobre a desigualdade dos lugares sociais destinados à mulher e ao homem colocando-se a seguinte pergunta: "Se Shakespeare tivesse tido uma irmã de igual talento, teriam os dois as mesmas possibilidades de trabalhar com seu potencial criativo?" Ela busca refletir sobre como o papel social destinado a cada sexo pode interferir no desenvolvimento de uma habilidade, por vezes nata. E assim, conclui que **Uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever.**

Bem, aquela mulher do século XVI ao XIX não tinha dinheiro (em seu nome), nem um espaço próprio para sua escrita devido às questões tão sérias de opressão pela qual o sexo feminino passou e passa até hoje. Virgínia defende que uma mulher precisa de dinheiro e de um espaço próprio para escrever ficção.

Em analogia, e eu me via neste mesmo lugar, embora por motivos diversos. A pandemia me roubara o teto todo meu e me vi na tensão de leituras e escritas em meio ao lar habitado. 100% habitado. Tomado. Ocupado. Faltava-me um lugar para estar a sós com minha pesquisa, enamorando, apreciando, amadurecendo o pensamento. (Leite, 2021, p. 337)

Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas. Amor-fati [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feito. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!

– Nietzsche, *Gaia Ciência*, §276

Desta forma, bem no início do processo de doutoramento, estando junto ao pensamento de Woolf e repensando a discussão, tive a pretensão de afirmar que uma mulher precisa de espaço próprio para produzir qualquer escrita, não só ficção. Assim, refiz os questionamentos da escritora:

Quais as condições necessárias para a produção de uma escrita?

Há condições necessárias à produção de uma escrita?

Há que existir tais condições? (Leite, 2021, p. 338)

É no ócio, nos sonhos que a verdade submersa às vezes vem à tona. O trabalho imaginativo não cai como uma pedra no chão, como na ciência. Ficção é como uma teia de aranha, presa por muito pouco, mas ainda assim presa à

vida pelos quatro cantos. Muitas vezes estar presa é quase imperceptível.
(WOOLF, 2014, p.20)

Envolta nessas reflexões, tive uma intenção... contar um pouco de minha experiência, nos primeiros passos de meu doutoramento no contexto de isolamento social promovido pela COVID19. "Eu e a casa. Eu e os barulhos. Um dia inteiro nesse lugar com a mente perdida em pensamentos. Um pensamento passa e deixa seu rastro pela sala e oscila minuto a minuto no entre das coisas, da vida, da rotina... Como capturar o pensamento e trazê-lo para o papel?"
(Leite, 2021, p. 338)

Tais reflexões vieram a constituir um relato de experiência publicado na revista Linha Metra de 2021⁶, que volta a esta escrita em dobra sobre si mesma. Produção que, deglutida e vomitada, alinha-se a uma escrita roubada de si, sendo outra no mesmo.

Em meio ao trabalho em um lar que agora era também sala de aula, sala de sindicato, secretaria de unidade acadêmica, eu tentava fazer minhas leituras interrompidas pelos barulhos de um lar invadido por outros espaços. Comecei a ler em voz alta e a ouvir a minha voz. A experiência de ouvir as palavras escritas por Virgínia me faziam compreendê-las de uma forma ainda mais potente. Experimentações.
(Leite, 2021, p. 338)

ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU". (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.17) Estou no início...

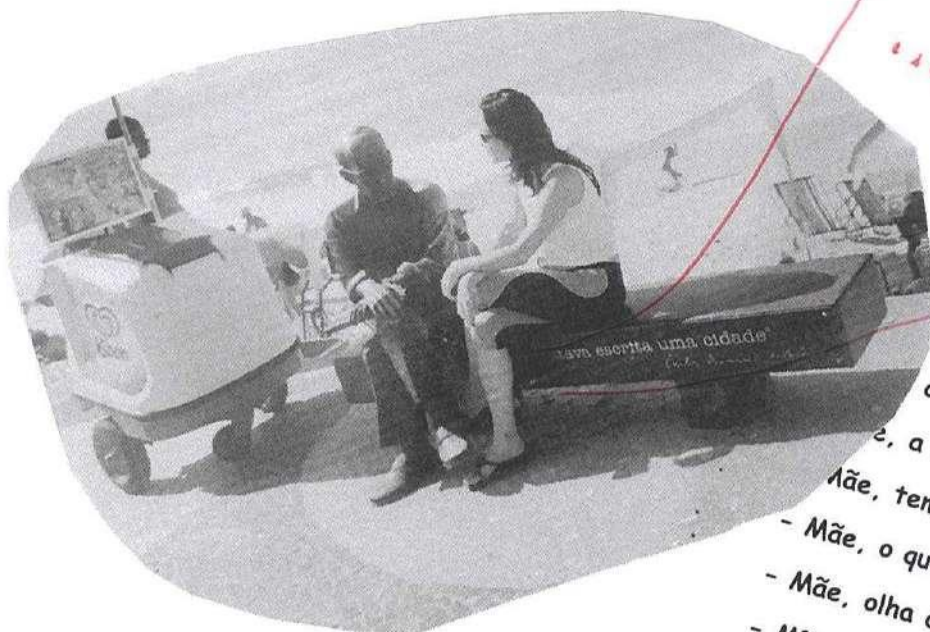
"Não chegar

⁶ O Relato de experiência que conta o primeiro momento do doutoramento em questão, instante de isolamento social - Covid 19, publicado em LINHA MESTRA, N.44, P.332-343, [HTTPS://DOI.ORG/10.34112/1980-9026A2021N44P332-343](https://doi.org/10.34112/1980-9026A2021N44P332-343), MAIO.AGO.2021

A pesquisadora aninhada se debruça em teorias, filosofias e literaturas, junto às interrupções constantes agenciadas no lar isolado em ilha do resto do vasto mundo. Às vezes reclama por ordem e direcionamento. Tudo difícil e solitário.

E nessa luta tão intensa. Ah, que saudade da academia! Aquela velha, boa e controlada academia, onde eu podia, tendo em mãos um conceito, destrinchar textos alheios dizendo que só eu sabia sobre eles porque eu havia lido e me apossado de um conceito. Agora, Deleuze ensina que o pensamento não tem mais imagem. Não ousou analisar ninguém.

E tudo vem confuso. E minha voz se esconde. Tenho gaguejado também. As forças lutam querendo se impor. Sou autoritária. Não, controladora. Perdoem-me por isso também. Quero tudo organizado em minha mente. Isso eu sei. Isso, eu não sei. Isso é útil. Isso não. Talvez deva pedir desculpas por isso também. Eu também, Drummond, estou presa à vida e olho meus companheiros. O que fazer com todo o senso comum que me habita? Como rasgar os postulados que aniquilam o pensamento? (Leite, 2021, p. 338)



...estava escrita
uma cidade"

- a conexão caiu!
- o computador bugou.
- e, a tia pediu pra fazer esse exercício.
- Mãe, tem recadinho na plataforma moodle.
- Mãe, o que vai ter pro almoço?
- Mãe, olha o desenho que eu fiz!
- Mãe, por que vc está nervosa?
- Mãe, me dá um abraço?
- Mãe, o yacult acabou.
- Mãe,

Pedimos somente um pouco de ordem para nos proteger do caos. Nada é mais doloroso, mais angustiante do que um pensamento que escapa de si mesmo, ideias que fogem, que desaparecem apenas esboçadas, já corroidas pelo esquecimento ou precipitadas em outras, que também não dominamos. (...) Recebemos chicotadas que latem como artérias. Perdemos sem cessar nossas ideias. É por isso que queremos tanto agarrarmo-nos a opiniões prontas. Pedimos apenas que nossas ideias se encadeiem segundo um mínimo de regras constantes, e a associação de ideias jamais teve outro sentido: fornece-nos regras protetoras, semelhança, contiguidade, causalidade, que nos possibilitem colocar um pouco de ordem nas ideias, passar de uma a outra segundo uma ordem do espaço e do tempo, impedindo nossa 'fantasia'. (...) É tudo isso que pedimos para formar uma opinião, como uma espécie de guarda-sol que nos protege do caos. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.20)

Pensei no Devir pesquisador. Devir pesquisa.

Qual é o lugar do campo teórico diante de minha questão investigativa? Caminhos a serem trilhados para chegar ao meu objeto. Ao visível e sensível. O algo que desejo investigar.

Lembrei que um dia eu estava apresentando um trabalho em um Colóquio online e minhas crianças romperam o escritório eufóricas me contando que haviam achado um objeto que há muito estava desaparecido em casa. Tive tendência a pedir desculpas aos participantes do evento porque meus filhos haviam invadido nossa reunião. Depois me veio que eu não devia desculpas a ninguém. Helena estava em sua casa, alegre, eufórica. Havia alegria no momento. Ela não estava errada. O espaço invadido era o dela. A invasão era do trabalho na casa e não o contrário. E quando tentamos moldar a casa, amordaçar todo o corpo da casa para que funcione de uma forma diferente do que funcionava antes, tentamos construir algo que não é um lar, é outra coisa. Sendo o mesmo. (Leite, 2021, p. 338)

É preciso relaxar, desfocar a atenção, romper com o eu que encena para se jogar no abismo da permissão da fruição. Deixar vir o fluxo. Deixar-se tocar. Envolver-se. Misturar-se. Amálgamas que trarão outros possíveis, outros afetos.

Não queremos perder nossas ideias. Desejamos retê-las, amordaçá-las, levá-las para o papel. Mas há um desejo de mudança: um outro lugar para a pesquisa. A filosofia, a arte e a ciência querem que rasguemos o firmamento e que mergulhemos no caos, diz um filósofo.

Lutar contra a opinião. É isso que nos protege do caos. Como a poesia poderia me ajudar? O poeta Lawrence, em *O caos na poesia* nos ensina que o poeta abre uma fenda no guarda-sol, rasga até o firmamento, para fazer passar um pouco do caos livre e tempestuoso. (Leite, 2021, p. 338)

Certamente que é. Quem como a arte pode compor tão bem com o pensamento sem imagem?

"- Olha, Barros brincando com a imagem! Borges anuviando um conceito de Aleph! Clarice enlaçando eus em um tempo-espaco impossivel!" . (Leite, 2021, p. 338)

Minha fórmula para a grandeza no homem é amor-fati: não querer nada de outro modo, nem para diante nem para trás, nem em toda eternidade. Não meramente suportar o necessário, e menos ainda dissimulá-lo – todo idealismo é mendacidade diante do necessário -, mas amá-lo”
 – Nietzsche, *Ecce Homo, Porque sou tão esperto*, §10

Um pensamento passa. E o Devir pesquisador? Devir pesquisa.

Qual seria o lugar do campo teórico diante da questão investigativa que se propõe?

Que caminhos a pesquisa precisa trilhar para alcançar seus objetivos?

Onde está o algo que desejo investigar?

Olhei para dentro, contemplei e vi. O meu caminho precisa ser traçado, mas ainda não posso traçá-lo com traços visíveis. São muitas linhas, em várias direções. (Fugir a isso é desviar da vida?) Puro rizoma. Um labirinto. “Linhas de articulações ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.18) . (Leite, 2021, p. 339)

Agenciamentos em conexão com outros agenciamentos. E a minha escrita? Com o que funcionará? Em conexão com o quê meu texto irá passar intensidade? Em que multiplicidades minha escrita se introduz?

(...) multiplicidade, linha, estratos e segmentaridades, linhas de fuga e intensidades, agenciamentos maquínicos e seus diferentes tipos, os corpos sem órgãos e sua construção, sua seleção, o plano de consistência, as unidades de medida em cada caso. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.18)

Para Deleuze e Guattari, a única questão, quando se escreve, é saber com que outra máquina a máquina literária pode estar ligada, e deve ser ligada, para funcionar.

Ligar a máquina. Fazer funcionar a pesquisa.

Fiquei com essa questão... **ligar minha máquina literária.**

Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós. (Manoel de Barros)

A entrega:

Levantei-me e fui à estante. Lá estava Baudelaire e *As Flores do Mal*. Livro preto, ar sinistro, com a foto do autor. Na contracapa o poeta dizia que

Todas as belezas contêm... alguma coisa de eterno e alguma coisa de transitório - de absoluto e de eterno. A beleza absoluta e eterna não existe... O elemento particular de cada beleza vem das paixões e como temos as nossas paixões particulares também temos a nossa beleza. (BAUDELAIRE, 1981, p. contracapa)

Achei engraçada a citação, lembrei-me de meu marido dizendo ao meu caçula que, para o sapo, o ideal de beleza é a sapa. Achei perfeito. Baudelaire e Voltaire em potente diálogo sobre a beleza.

Pensei no Flâneur...

Flâneur de Baudelaire. Esse eterno do transitório que está em constante busca pela experiência, com o dentro e o fora, esse que observa sem ser visto, que é observado sem perceber.

O Flâneur é um ser que vaga pelas ruas apenas a contemplar a vida, encanta-se com ela mas não a vive, pelo menos na produtividade do fazer definido pelo mundo capitalista. (...) ser flâneur "é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população. Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado flâneur ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas". (RIO, 1997, p. 51).

Eu quero a experiência. A experiência do Flâneur. A filosofia de Deleuze. Mais tarde, descobri que *não busco experiências, mas experimentações.*

(Deleuze não trabalha com a dimensão de experiência. Ele trabalha com a noção de experimentação. Para Deleuze a experimentação diferente da experiência é um processo involutivo. A **expE**riência vem marcada como acúmulo de saberes. Tem sempre um saber que antecede a experiência. A ideia de experimentação é pensar que podemos vivenciar o espaço sensível, cotidiano, **S**em mediação de nenhuma ordem, sem ideias prévias, sem mediação de **C**onceitos preestabelecidos. Por isso, quando empreendemos uma experimentação nós não saímos engrandecidos, não acumulamos fatores ou fatos para usarmos futuramente. A **expE**rimentação é um processo contínuo, infinito, que não chega a termo. Se confunde com o próprio pensamento e com a própria vida. Para Deleuze a experimentação **est**á ligada a um empirismo radical, ligada a um processo de crença na imanência, no poder criador da vida. **Q**uebrar com os pressupostos e vivenciar o campo empírico sem mediação de nenhuma ordem e ... construir algo).⁷

Minha fórmula para a grandeza no homem é amor-fati: não querer nada de outro modo, nem para diante nem para trás, nem em toda eternidade. Não meramente suportar o necessário, e menos ainda dissimulá-lo - todo idealismo é mendacidade diante do necessário -, mas amá-lo"
 - Nietzsche, *Ecce Homo, Porque sou tão esperto*, §10

⁷ Pensado junto a Christian Vinci <https://youtu.be/DimrQSpBAF8>

E naquele momento, historicamente tão ímpar, pesquisa e pesquisadora se encontram e se enlaçam.

Minha pesquisa sorria discretamente para mim, tímida em um cantinho da aula remota.

Construir algo.

Vivenciar o campo empírico.

Quebrar pressupostos.

Rasgar o guarda-sol.



(PENSEI NA QUESTÃO DOS ÓCULOS TEÓRICOS QUE SE ANCORAM TAMBÉM NOS GRUPOS DE PESQUISA NOS QUAIS NÓS ESTAMOS INSERIDOS. VOLTEI-ME AO TRAVESSIA GRUPO DE PESQUISA (PPGE/UFJF).)

*Estava
excitada*

Um olhar para a pesquisa: do alto, de longe, de perto. Um olhar de flâneur, (por enquanto).

Pensei em nós pesquisadores da linha 3, do PPGE/UFJF. Um olhar que se recusa a perder a sua subjetividade. O desejo de experimentar cada detalhe de forma lenta e sensitiva. Somos flâneurs, sempre dispostos a inventar coisas novas a partir daquilo que experimentamos. Não apenas interessados na arte, mas saboreando e indo além, pois amamos a novidade.

Nessa relação pesquisa-pesquisador, contemplação e ociosidade são fundamentais para a composição. Eu pensei de novo em nós pesquisadores... pensei no relato de uma professora que para finalizar sua pesquisa apenas dormia e finalizou. Escreveu a conclusão num sonho! pensei nesse ócio produtivo, no tempo necessário... esse amadurecimento que a pesquisa exige. Dizem que um excesso de ética produtiva inibe o espírito farejador. Creio nisso.

Por último, pensei também que preciso dissolver o EU . "Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU". (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.17)
Estou no início...

"O que importa é o encantamento que a coisa produz em nós" (BARROS, 2010, p.107).

Encontrando tesouros

Figura 27- Batati sem os olhos



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Certa vez, sumiram os olhos do Sr. Cabeça de batata. A família inteira procurou e procurou muito, mas não havia nem sinal deles.

O Batata era o brinquedo preferido do menino Ulisses e ele não se conformava em vê-lo sem seus olhinhos arregalados. "Coitado do Batati, não pode ver nada desse jeito!", repetia o menino para a mamãe.

A mãe, tentando ser otimista dizia: "Não há com o que nos preocuparmos, os olhos não podem ter saído da casa sozinhos. Estão aqui dentro, vamos encontrá-los"

Mas ninguém os encontrava e passados muitos dias, uma desistência tácita abateu-se sobre todos e ninguém procurava mais já ensaiando um conformismo com a situação. E assim, o Batata viveu por anos sem seus olhos até que um dia, desfazendo-se de um velho móvel, os olhos apareceram, surgindo da total improbabilidade. E a alegria se fez!!!

Hoje, o Batata repousa entre aqueles que viraram recordação. Este é o fim da história dos olhos do Batata, mas em casa de crianças, as coisas somem e aparecem, às vezes desaparecem para sempre. E assim se deu novo evento...

Figura 28 Batati com os olhos



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Dessa vez o que sumiu foi o livro *Gemas e Pedras Preciosas*. Era objeto muito amado. O papai dera de presente para Ulisses este guia de pedras e o menino amava cada detalhe. Iria crescer e seria garimpeiro. Ficaria rico com um tesouro encontrado e a mamãe seria presenteadada com um diamante de muitos quilates.

Mas, o livro desapareceu e ... vamos lá... a família inteira procurando. A mamãe começou com a mesma conversa: "Livro não tem pernas. Está aqui dentro de casa. Vai aparecer uma hora ou outra". Mas o menino não queria esperar anos como foi com os olhos do Batata.

E todos procuravam, principalmente as crianças.

Mamãe para estimular, ofereceu um prêmio para aquele que encontrasse o livro. As crianças não acharam justo apenas um ganhar o prêmio

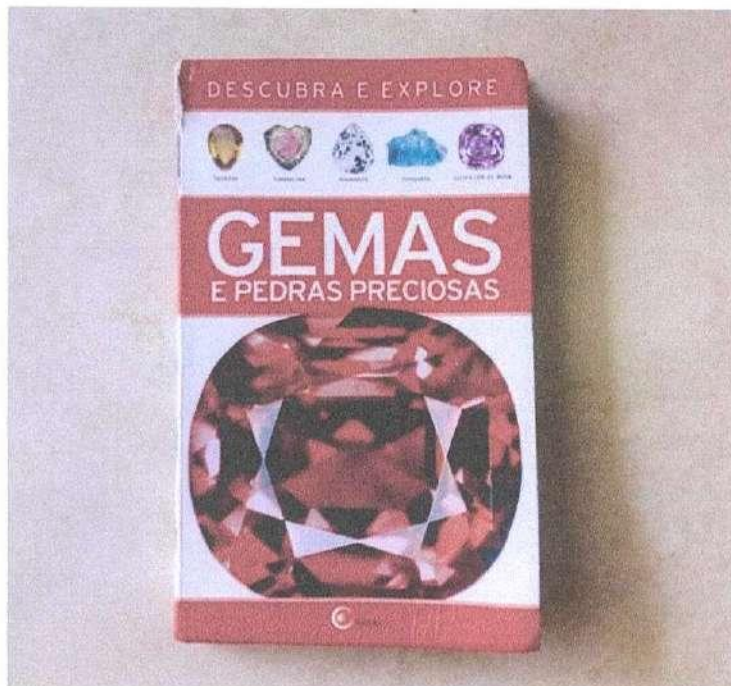
já que os dois estavam procurando, então combinaram de dividir o prêmio entre eles. E procuravam... e nada...

Um dia, mamãe estava trabalhando no escritório. Mediava uma mesa de discussões filosóficas em um encontro deleuziano e ... no meio da conversa... uma algazarra invadiu o escritório. Bem no meio da fala da mamãe. As crianças gritavam eufóricas disputando quem daria a notícia primeiro: Encontraram o livro, o tesouro fora achado.

A mamãe tentou contê-los fazendo sinais com as mãos para além do alcance da câmera, mas a alegria impedia qualquer compreensão. "Achamos o livro, achamos!!!"

Mamãe sorriu. Alguns participantes do evento online sorriram também. O encontro teve que esperar. As crianças falaram, mamãe confirmou que daria o prêmio no dia seguinte e voltou para a mesa de discussões.

Figura 29 – Gemas e ...



Fonte: elaborado pelo autor (2021)

Uma outra vez:

O que é escrita acadêmica legítima? Para além de espaço de hegemonia e dominação. **Não há escrita legítima.** Há escrita legitimada por regime de classe, regime de cor, regime de senhoridade no mundo acadêmico, regime, regime e mais regime...

O que há é a escrita que se faz na vida viva, no acontecimento, no girar desse planeta infinitamente redondo onde habitamos nós.

A lógica da escrita: um pensamento se dá, como rajada de vento a nos impelir. Segundo Deleuze, uma série de rajadas e de abalos. A vida que pede passagem e atormenta nos corredores (hoje virtuais) da faced, nas salas de aula dos professores de matemática, na arte dos artistas e dos não-artistas, nos pensamentos dos filósofos...

Experiência de escrita que se segue afeta-se por inquietações sobre o ato de escrever. (... ingenuidade iniciar supondo uma autoria). [REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

Certa vez me ocorreu, graças a circunstâncias ~~casuísticas~~, e no fundo totalmente ~~inocentes~~, estar presente em uma conversa que pessoas admiráveis tiveram sobre este assunto e tenho profundamente gravado em minha memória os pontos mais ~~importantes~~ desta reflexão. Assim me pareceu cada vez mais ~~útil~~ descrever, com maior fidelidade possível, um semelhante diálogo, aproveitando dessas memórias para conversar sobre o assunto 'escrita'.

Escutem, portanto a minha ~~inocente~~ vivência e a ~~menos inocente~~ conversa dos personagens, a quem, em breve, darei nomes.

Próximo a minha casa, incrustada no vale, havia uma ~~alta~~ montanha coberta de vegetação ~~rasteira~~. O gado que por ali pastava diariamente não consentia que o capim ultrapassasse a altura de trinta centímetros do chão. Esta montanha era recortada por trilhas onde caminhantes e ciclistas aventuravam-se em dias de folga.

Bem no alto, lá onde seu último centímetro tenta tocar o céu, ~~minha~~ montanha lançou seu último recurso de grandiosidade e deixou vir um pé de Ipê amarelo que coroa a paisagem de ouro, claro e sol.

Um dia, uma criança me contou que não há montanhas no Brasil. -A tia de geografia que falou! Lógico que fui pesquisar o fato e, é fato! Por aqui só temos morros. Mas, deixemos a nomenclatura geográfica de lado e me dêem-

me licença para usar a palavra errada para dizer de minha montanha certa onde tudo ocorreu.

O que vemos quando olhamos uma montanha ou um mar de morros como os que nos rodeiam nessas minas gerais? Há olhares que enxergam curvas e voltas e grotas e matas e pastos. Olhares simplistas, pragmáticos. Outros olhares podem identificar outras paisagens, do mesmo tipo dos coelhos que saltam em nuvens. Do alto da minha montanha, olhando aqueles mares, a depender do nível de poesia nas veias e da sensibilidade da alma, era possível ver claramente um cachorro que latia em meio às curvas exuberantes do lugar. Por outro ângulo, com outra luz, poder-se-ia vislumbrar uma mulher que repousava de lado nua, cotovelo no chão e mão segurando a cabeça que se ligava a um esguio pescoço e um corpo arredondado e fértil. O que se pode ver... O que se está disposto a ver... Como as coisas reivindicam o olhar. Eu vejo cachorros latindo e mulheres repousando e você, o que vê?

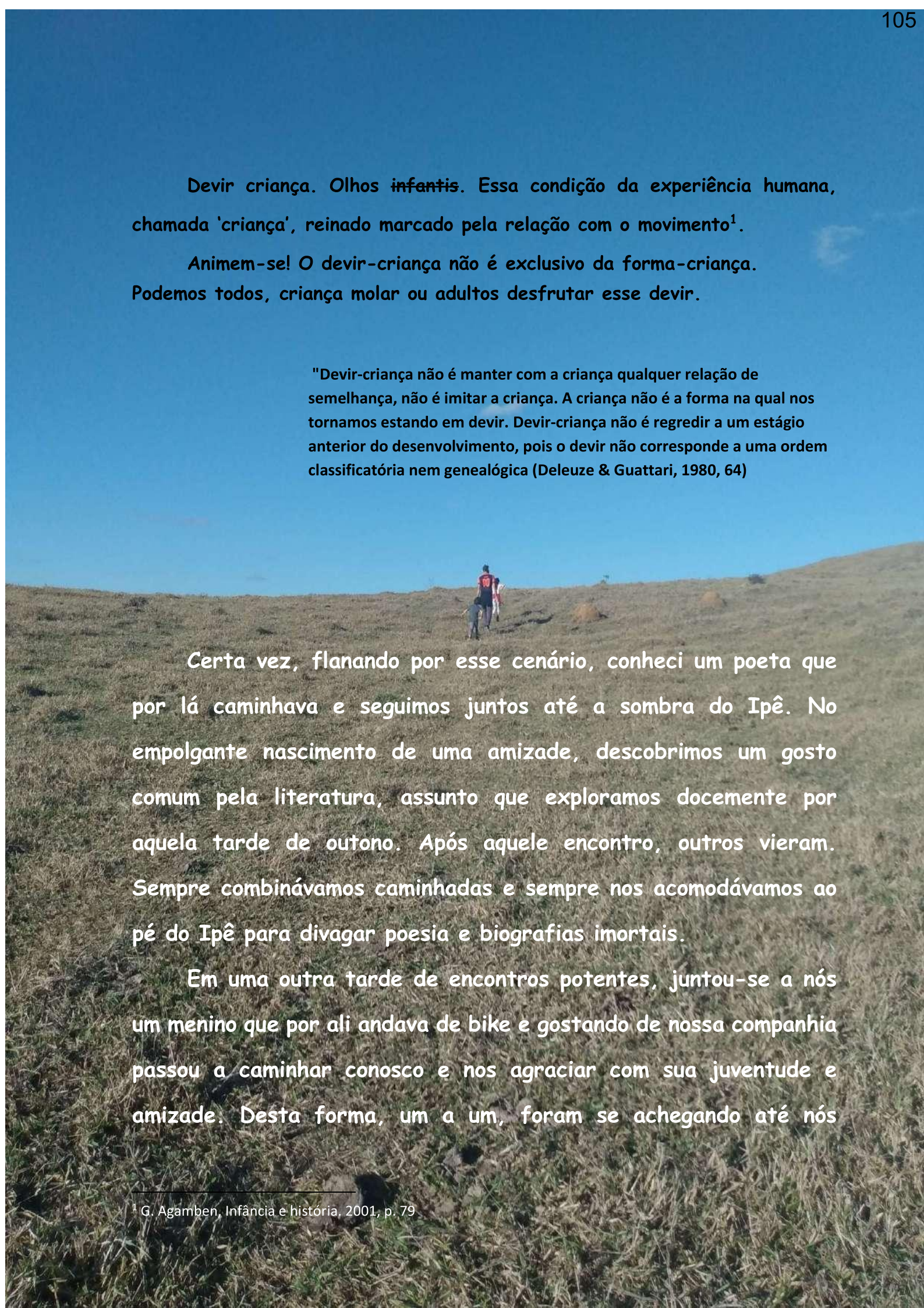
Em *O pequeno príncipe*, bem lá início de tudo, o autor brinca com nossa capacidade de imaginar. O filósofo Nietzsche diria de como as coisas reivindicariam nosso olhar.

O menino príncipe claramente vê um elefante dentro da cobra onde outros só podiam enxergar um chapéu.

Devir criança. Olhos infantis. Essa condição da experiência humana, chamada 'criança', reinado marcado pela relação com o movimento¹.

Animem-se! O devir-criança não é exclusivo da forma-criança. Podemos todos, criança molar ou adultos desfrutar esse devir.

"Devir-criança não é manter com a criança qualquer relação de semelhança, não é imitar a criança. A criança não é a forma na qual nos tornamos estando em devir. Devir-criança não é regredir a um estágio anterior do desenvolvimento, pois o devir não corresponde a uma ordem classificatória nem genealógica (Deleuze & Guattari, 1980, 64)

A person is walking away from the camera on a grassy hill. The person is wearing a red shirt and dark pants. The hill is covered in dry, yellowish-brown grass. The sky is a clear, bright blue. The person is walking towards the right side of the frame.

Certa vez, flanando por esse cenário, conheci um poeta que por lá caminhava e seguimos juntos até a sombra do Ipê. No empolgante nascimento de uma amizade, descobrimos um gosto comum pela literatura, assunto que exploramos docemente por aquela tarde de outono. Após aquele encontro, outros vieram. Sempre combinávamos caminhadas e sempre nos acomodávamos ao pé do Ipê para divagar poesia e biografias imortais.

Em uma outra tarde de encontros potentes, juntou-se a nós um menino que por ali andava de bike e gostando de nossa companhia passou a caminhar conosco e nos agraciou com sua juventude e amizade. Desta forma, um a um, foram se achegando até nós

¹ G. Agamben, *Infância e história*, 2001, p. 79

peessoas que agregavam ao grupo suas vidas, experiências. Alguns passavam e não queriam ficar, então iam embora nada deixando em nós.

Outros gostavam da conversa em pauta e ficavam para sempre conosco em encontro, amizade e amor.

Ao fim, seis almas se tornaram membros permanentes desses encontros. Além de mim, do poeta Carlos e do menino Pedro, estavam sempre conosco em caminhada e conversa o filósofo Carvalho, a ~~doce~~ Emily e o Sr. Alberto.

Encontrávamo-nos quase sempre nas tardes de sábado, em uma porteira ao pé da montanha e de lá partíamos em caminhada rumo ao ponto final, a árvore Ipê que nos aguardava sempre em ~~doce~~ balançar.

Nossa montanha não era grande nem pequena. O poeta ensinou que a gente descobre (ou inventa) que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas². Como se dá com o amor. Então, se a intimidade é a medida, posso dizer a vocês da enormidade de minha montanha. Ela é exatamente do tamanho de nossa intimidade. ~~Enorme~~. Seu tamanho também pode querer dizer força, potência e alegria. A intimidade indica uma relação potente com os outros, com o mundo. Se você se dispuser a ir até minha montanha e cavar um pouco de sua carne/terra, certamente irá encontrar vestígios de poesia e de filosofia, algumas cartas de amor em fragmentos, escritas ~~acadêmicas~~ e um leve sopro.

Na subida, que fazíamos de forma ~~lenta e pausada~~, conversávamos sobre a semana de cada um. Ríamos dos que nos fizeram rir e mais ainda dos que nos fizeram tristes. Ríamos e agradecíamos por tantas coisas que nos davam

² Manoel de Barros – Memórias inventadas

a vida. Ao final, estávamos sempre aos pés do sétimo participante do grupo, o Ipê, que nos recebia sempre ~~alegre e festivo~~. Alguma comida era certa em uma grande cesta de piquenique que, em revezamento, um dos participantes sempre levava para o lanche do grupo. Petiscos, vinho ou cerveja e sucos.

Então, neste lugar, sob a luz do sol, à sombra do Ipê, conversávamos por horas a fio até que a noite caísse e o medo das cascavéis nos expulsasse do topo da montanha rumo a nossas casas, onde esperaríamos pelo próximo concílio.

Em nossas conversas explorávamos assuntos diversos, às vezes falávamos do trabalho de alguém, ou de uma teoria qualquer, às vezes sobre um encontro amoroso e sobre o amor, podíamos falar sobre filhos nossos ou dos outros e sobre filosofia e poesia. Gostávamos de conversar sobre plantas e política e tínhamos uma predileção especial pelo assunto 'comida'.

O menino Pedro nunca subia a montanha pareado ao grupo. Como estava sempre montado em sua bike ia a nossa frente e de vez em quando voltava para não ficar muito sozinho e distante. Por causa de suas idas e vindas, tinha sempre uma visão recortada das conversas. Sempre pedindo explicações e pedindo aos demais para repetir o que havia perdido. Era o ~~espírito mais jovem~~ dentre nós. ~~Inquieto, enérgico e rápido~~, como o vento.

Éramos um grupo diverso. Gêneros diversos, idades diversas, gostos diversos, mas a escrita nos unia. Alguns escreviam por amor, outros trabalhavam com escrita.

Num desses dias, após a longa caminhada da subida, sentamo-nos à sombra de nosso amigo amarelo e Carlos nos presenteou com a leitura de uma poesia. Tomados pelo sentimento que aquele momento nos proporcionou, permanecemos em silêncio por quase uma hora enquanto as palavras do poeta nos acariciavam como o vento. Ainda embriagados por este sentimento ouvimos Carlos romper o silêncio e compartilhar conosco sua experiência naquela escrita. Contou-nos ele que estava há tempos à Procura da Poesia e refletiu junto a nós como quem ensina uma verdade. A voz de Carlos ecoou através da montanha³:

Não faça versos sobre acontecimentos. Não há criação nem morte perante a poesia. Diante dela, a vida é um sol estático, não aquece nem ilumina. As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam. Não faça poesia com o corpo, esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à efusão lírica. Tua gota de bile, tua careta de gozo ou de dor no escuro são indiferentes. Nem me reveles teus sentimentos, que se prevalecem do equívoco e tentam a longa viagem. O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia.

³ As palavras do poeta Carlos têm como referência o poema Procura da Poesia, em A rosa do povo, 1945.

Ainda tomado pelas palavras do poeta, trouxe-nos o filósofo um pequeno conceito a partir do qual deixamos nossas mentes se esvaírem pelo horizonte de nossa montanha. O filósofo caminhava em círculos, com a cabeça baixa e olhos no chão. Sua mente rememorou o pensador, a **imagem das coisas cavalgando o dorso das palavras. Cada coisa se achegando, acariciante sobre sua palavra a fim de subir em seu dorso e cavalgá-la. Pensou no escrutínio secreto das palavras. Toda existência quer aqui transformar-se em palavra**⁴.

Sua voz, ~~equilibrada e firme~~, repetia sem cessar...

são as coisas que reivindicam as palavras.

*são as coisas que reivindicam as
palavras.*

são as coisas que reivindicam as palavras.

*são as coisas que reivindicam as
palavras.*

são as coisas que reivindicam as palavras.

*são as coisas que reivindicam as
palavras.*

⁴ Zaratustra, livro3, pg.98

são as coisas que reivindicam as palavras.

Enquanto Carvalho falava, as vacas que por ali pastavam, pararam para olhar em nossa direção. Não havia águias ou serpentes e sim a simpática companhia de vacas leiteiras que subiram até o mais alto do morro em busca da relva mais tenra.

Ruminar. Lentar.

Disse-nos ainda Carvalho que *Entre todos os que fazem livros com intenções literárias, mesmo entre os loucos, são muito poucos os que podem dizer-se escritores*⁵. Em alto e bom tom, o filósofo fez sua voz ecoar pelos morros enquanto nos dizia daquilo que compreendia ser o processo de escrita:

O exercício de escrita não deveria servir para narrar as vivências individuais. Concordo com Carlos, as afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam “[...] escrever não é contar as próprias lembranças, suas viagens, seus amores e lutos, sonhos e fantasmas”⁶ -

a escrita está à procura das singularidades por trás das individualidades ou, em outros termos, a escrita deve captar uma potência impessoal capaz de atravessar qualquer vivente e qualquer vívido.

⁵ DELEUZE, 2007, p. 16 – A literatura e a vida

⁶ DELEUZE, 2007, p. 12

Prestem atenção! O exercício da escrita é o único processo “inseparável do devir”.

Descemos nosso morro bem no findar da tarde e cantarolando terminamos aquele encontro.

No sábado seguinte, Emily, [REDACTED], timidamente nos contou que amava alguém com quem trocava cartas de amor. Essa era a sua grande experiência de escrita: cartas de amor. Tentou, com olhos ardentes explicar a Carlos e Carvalho que só escrevia para dizer de si, escrevia para revelar sentimentos, dizer do que pensa e sente. **Individualidades**, era sobre isso que ela falava em escrita. Gostava de enviar cartas, cartas de papel, escritas em papel cheiroso cuidadosamente escolhido e perfumado para a amada.

Nas cartas ela podia deixar transparecer ideias e informações. É possível deixar aparecer facetas menos óbvias, e isso pode ser divertido. A linguagem, a entonação da carta é diretamente entendida pela linguagem íntima da gente. Emily continuou narrando sua experiência como um deixar-se levar pelo amor. Uma alma nua entrando pela porta da frente e se anunciando como prisioneira voluntária. Recostava-se no sofá e pensava na amada e, enquanto sua imagem e seu cheiro se achegavam, o papel era levemente recortado pela caneta ~~vermelha de tinta perfumada~~ e ali ficavam registrados seus desejos, preocupações e sonhos. Nada preparado, nenhuma necessidade. Único combustível dessa escrita: paixão.

Assim, ~~ruberizada~~, leu-nos algo que levara dobrado, junto a seu coração:

⁷ DELEUZE, 2007, p. 11

Eu tenho somente um pensamento, Susie, nessa tarde de junho, que é você, e apenas uma prece; querida Susie, que é para você. Que eu e você de mãos dadas, como é com o coração, perambulamos por aí feito crianças, por entre bosques e campos, e nos esquecemos desses anos todos, e dessas preocupações tristes, e nos tornamos crianças de novo - quem dera assim fosse, Susie, e quando olho ao meu redor e me encontro sozinha, suspiro por você outra vez; um suspiro curto, suspiro em vão que não vai lhe trazer para casa.

Preciso de você mais e mais, e o mundo imenso se torna mais vasto, e entes queridos se tornam mais raros, a cada dia que você continua fora - sinto falta do meu coração maior; o meu próprio vai vagueando por aí, e chama por Susie - os Amigos são queridos demais para se separarem; Oh são raros demais, e quão cedo eles se vão lá onde você não pode encontrá-los, não nos deixe esquecer dessas coisas, pois lembrá-las agora vai nos salvar de muita angústia quando for tarde demais para amá-los! Susie, me perdoe, Querida, por cada palavra que digo - meu coração está repleto de você, há apenas você em meus pensamentos, no entanto quando procuro lhe dizer algo que não vale o mundo todo, as palavras me faltam. Se você estivesse aqui - e Oh se você estivesse, minha Susie, não precisaríamos dizer nada, nossos olhos iriam sussurrar por nós, e sua mão firme na minha, não recorreríamos à linguagem - tento lhe trazer para perto, eu persigo as semanas afóra até que elas tenham partido, e imagino sua chegada, e estou a caminho pela trilha verde para lhe encontrar, e meu coração a tamanho galope que terei problemas para trazê-lo de volta, e o ensino a ser paciente, até que a Querida Susie chegue. Três semanas - não podem durar para sempre, pois com certeza elas precisam partir com seus irmãozinhos e irmãzinhas de volta a seu lar distante no oeste!

Devo ficar cada vez mais impaciente até que esse lindo Dia chegue, pois até agora, eu apenas estive de luto por você; agora começo a esperar por você.

Querida Susie, eu me esforcei para pensar em algo que você iria adorar, em algo para lhe mandar - e no fim das contas vi minhas pequenas Violetas, elas me imploraram para que as deixasse partir, então aqui estão - e junto delas como Instrutor um pouco do gramado cavalheiro, que também implorou pelo favor de acompanhá-las - elas são apenas pequenas, Susie, e temo que sem perfume agora, mas elas vão lhe falar de corações acalentados em casa, e de algo leal que "nunca dorme ou dormita" - coloque-as sob o travesseiro, Susie, elas vão lhe fazer sonhar com céus azuis, e sua casa, e o "país abençoado"! Você e eu vamos nos encontrar com "Edward" e "Ellen Middleton", em algum momento quando chegar em casa, e vamos descobrir se certas coisas a esse respeito são verdadeiras, e, caso sejam, o que é que nos aguarda!

Agora, até logo, Susie, e Vinnie lhe manda seu amor, e mãe o dela, e eu acrescento um beijo, tímidamente, a menos que alguém esteja aí! Não deixe que vejam, certo, Susie?⁸

⁸ PARA SUSAN GILBERT (DICKINSON), 11 JUNHO 1852 *Emilie* (Excerto de uma carta da poeta norte-americana para

Ao ouvir a carta de Emily, Carvalho, ainda intrigado por suas reflexões, nos questionou se não seria a paixão algo encarnado, que ultrapassa as individualidades. O que é um "Eu te amo" senão **palavra de ordem?** Mais uma vez, Carvalho começou a falar baixinho, andando em círculos com a cabeça baixa. Mal podíamos ouvir sua voz... Enquanto tentava ouvir as palavras de Carvalho, pensava....

"São as palavras mais silenciosas que trazem a tempestade. Os pensamentos que vêm com pés de lã são os que dirigem o mundo"⁹

O passar daquela semana foi demorado para todos nós. Em pequenos momentos de entrega que se davam nos descuidos com a rotina, atravessamentos sobre nossa conversa tomavam o pensamento. Divagávamos sobre a escrita poética de Carlos, as cartas de Emily e ainda os conceitos de Carvalho que tentavam nos fazer crer que é possível **soltar a mão e deixar-se levar por uma escrita-vida.**

Quando nos encontramos, na semana seguinte, percebi que todos compartilhavam de minhas inquietações, pois um enorme silêncio se fez e não havia entre nós quem ousasse rompê-lo naquele dia. Então, respeitosamente tomamos vinho e comemos. Naquela tarde, tomamos mais vinho do que era de costume.

W. Austin Dickinson. Imagem: Acervo Armherst College. Digital Collections/ReproduçãoJem [Cartas de Emily Dickinson](#) - Revista Continente

⁹ Zaratustra, livro 3, p. 88

A escrita académica¹⁰ requer ética e rigor! A credibilidade da escrita académica pressupõe requisitos formais (como metodologia de investigação, direitos de autor ou normas de citação, estilo de escrita formalmente adequado) e o respeito pelos princípios éticos, como a liberdade do investigador, a acessibilidade da informação, a neutralidade face a interesses ideológicos, políticos ou comerciais e o benefício da sociedade (ou bem comum). Estes princípios estão na base da busca de conhecimento que norteia o ensino superior e a investigação. Um trabalho académico não deve ser escrito sobre o nada, nem se deve esgotar numa opinião superficial. Pelo contrário, o seu valor depende da fundamentação na informação já existente no campo de estudo em causa. Para que um trabalho académico tenha qualidade é necessário que as ideias do(s) autor(es) se fundamentem num trabalho rigoroso de seleção, organização, comparação e análise de diversas fontes de informação. Esta pesquisa em fontes fiáveis deve ser referida, respeitando-se normas de citação bibliográfica a fim de evitar incorrer em problemas como a apropriação indevida de ideias de outras pessoas, ou seja, o plágio. Os critérios de rigor e ética servem para proteger os autores (por exemplo, os autores de ideias ou estudos) e a sociedade (sendo que o conhecimento e os seus usos são património comum).

¹⁰ As falas do Sr. Alberto foram retiradas de [Microsoft Word - Noção de Integridade Académica v8 - 23 julho.docx \(ipc.pt\)](#) em consulta feita em 25/05/2022 às 14:57

Deu-se que, neste dia, Pedro apareceu do nada, como quem cai de uma nuvem. Ao ouvir as falas de Alberto, ele interrompeu com um largo sorriso contando, com certo orgulho, que pode em certa circunstância, furar o guarda sol, e tomar algum vento na academia. Escrevera um texto livre, ventando e voando.

Disse-nos que desejava voar.

Desejava voar, mas a formação não sabia que aquele menino desejava voar.

Menino que deseja voar faz sempre o que mais deseja, que é voar. Menino que deseja voar voa de lá para cá e de cá para lá. Menino que deseja voar nunca para de voar. Menino que deseja voar está sempre voando, sempre em movimento. Até quando parado, menino que deseja voar, voa.

Alguns zombam do menino que deseja voar porque ele está sempre voando às vezes meio avoado.

Menino que deseja voar vê que os outros meninos e meninas que não desejam voar tiram notas boas, são aprovados, sempre alegres e contente. Formação não voante. Diz que quem voa fica de castigo. Menino que deseja voar voa na escola e fica de castigo.. sentado. Parado. Voando.

Menino que deseja voar habita lugares os quais não é convidado. Menino que deseja voar não precisa ser convidado para entrar em lugar nenhum porque não precisa que ninguém abra a porta, muito menos precisa de uma porta. Menino que deseja voar não precisa de porta porque ele voa.

Menino que deseja voar não sabe porque ele deseja voar. Menino que deseja voar apenas voa e voa e voa. Menino que deseja voar vai inventando caminho enquanto voa. Menino que deseja voar se coloca em ventar, no vento. Menino que deseja voar é tomado por um ventar assim como uma pipa baila ao vento.

Menino que deseja voar voa como uma pipa ao vento. Menino que deseja voar deseja também dançar como uma pipa ao ar. Menino que deseja voar deseja também dançar. Menino que deseja voar e dançar, voa e dança.

Menino que deseja voar e dançar se coloca no risco. Menino que deseja voar e dançar, voa e dança em formação. “voar e dançar em formação não pode.”, dizem a professora e o professor que não voam nem dançam. O menino que deseja voar e dançar: um problema para uma formação que não deseja voos, nem danças.

Menino que deseja voar e dançar é convidado ao repouso. Que ilusão. Menino que deseja voar e dançar ri porque sabe que não existe parar. Parar é verbo. Verbo é ação. Não há parar para quem deseja voar e dançar.¹¹

¹¹ Escrita de Pedro Rocha Silveira de Mendonça junto ao Travessia Grupo de Pesquisa, UFJF, 2019

Pedro ainda nos contou que houve críticas dos acadêmicos tradicionais de plantão.

“Que mal há em produzir dentro da caixinha?” disseram a ele. Mas suas asas não o permitiam ficar na caixinha. Era apertado demais! Assim, saiu e voou pelos corredores da Universidade e fez uma academia nova, esvoaçante e (m)enorme.

Então, Carvalho, motivado pelo sopro de Pedro, suspirou e continuou:

- Ah! A escrita!

“[...] processo, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido¹².

“...escrever não se diferenciaria dos atos de evacuar, gozar, comer, falar, agir etc. Surpreende constatar que se trata de funções vitais, concernentes ao funcionamento de um corpo.

Esse movimento, singelo, permite a Carvalho aproximar uma vez mais a escrita da vida, compreendendo-a como uma função vital e não como mera representação de ideias que se encontram em um alhures qualquer. Escrever não é apenas uma questão de modo de expressão, mas de potência vital - de clínica, portanto.

Ao aludirmos à escrita, em Deleuze, tratamos sempre de vida, “falamos da saúde dos corpos”. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 36)

faça rizoma e não raiz, nunca plante! Não semeie, pique! Não seja nem uno nem múltiplo, seja multiplicidades! Faça a linha e nunca o ponto! A velocidade transforma o ponto em linha! Nunca suscite um general em você! Nunca ideias justas, justo uma ideia (Godard). Tenha ideias curtas. Faça mapas, nunca fotos nem desenhos. Seja a pantera cor-de-rosa e que vossos amores sejam como a vespa e a orquídea, o gato e o babuíno. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 36)

¹² DELEUZE, 2007, p. 11

paralísia

(uma forma que aprisiona....)

Onde a escola está?

Procuro a escola.

Escola de professores.

Pátio.

Recreio.

Escola de boas histórias.

Escola de alunos.

Escola pública.

Privada.

Histórias ruins.

Superação.

Desistências.

Evasão.

Procuro a escola na vida.

Encontro a escola na vida.

Dentro da minha casa.

Nos uniformes por lavar.

No horário do almoço.

Na lancheira por arrumar.

No penteado bonito.

No que não quer pentear.

No para casa.

No livrinho.

No bilhete da agenda.

No material escolar.

No carro

No percurso.

Na espera no portão.

Nas mães.

Nos pais.

Grupos de whatss

Festas.

Aniversários.

Amiguinhos.

No salão de beleza, a escola chega de mansinho.

Conta uma história.

Faz um desabafo.

A escola na memória.

Quanta memória da escola!

Festa do pijama.

Escola.

Liga pro sobrinho. Escola.

Fila do supermercado.

Televisão.

Consultório médico.

Dentista.

Onde seu filho estuda?

Lá vem a escola tomar conta da conversa.

Na pizzeria.

Olha lá o uniforme dele. Onde será que ele estuda?

Xadrez.

Natação.

Piano.

Escola.

Método.

Feriado.

Férias.

O que fazer com as crianças?

Escola.

Tem de renovar o material escolar.

Compra pra mim, mamãe?

Vestibular.

Meu sobrinho passou no vestibular.

Os pais estão tão felizes!

Os cadernos estão horríveis.

Cheios de orelhas.

Do lápis de cor, só tem o cotoco.

Vamos nos organizar para a festa junina.

- Já comprou meu chapéu de Jeca?

Scriptofagias em Travessia:

Expansão da mEnormidade.

Segundo o filósofo Deleuze (2010), "maioria não designa uma quantidade maior, mas, antes de tudo, o padrão em relação ao qual as outras quantidades, sejam elas quais forem, serão consideradas menores" (p. 59). Essa padronização beneficia cruzamentos entre categorias majoritárias, como homem, cis, branco, cristão, classe média, macho, adulto, urbano. Faz-se necessário dizer que tais categorias majoritárias não andam só, ou seja elas se acumulam e essa junção de duas ou mais categorias majoritárias produz as interseções majoritárias -, logo, "o que define a maioria é um modelo ao qual é preciso estar conforme: por exemplo, o europeu médio adulto macho habitante das cidades..." (Deleuze, 2013, p. 218). Ou seja... **maioria não designa uma quantidade maior e sim um estado de poder e de dominação.** (VIANA, 2022, P. 459)

Também é (muito) importante dizer que as categorias minoritárias também nunca estão sozinhas - o acúmulo de duas ou mais categorias produz interseções minoritárias -, logo, para estudar as minorias, é importante considerar uma multiplicidade de perspectivas. Por sua vez, o segundo sentido de minoria é muito mais numeroso que o primeiro, porque se refere a todo mundo, é um devir no qual uma pessoa se engaja. Assim, de certo modo, minoria também diz respeito a todo mundo, porque a representação da maioria é o homem que todos deveriam ser, mas que ninguém o é. Resumindo, **minoria não designa uma quantidade menor, mas um estado de potência e de subalternização.** (VIANA, 2022P. 459)

Minoria designa, primeiro, um estado de fato, isto é, a situação de um grupo que, seja qual for o seu número, está excluído da maioria, ou está incluído, mas como uma fração subordinada em relação a um padrão de medida que estabelece a lei e fixa a maioria. Pode-se dizer, neste sentido, que as mulheres, as crianças, o Sul, o terceiro mundo etc. são ainda minorias, por mais numerosos que sejam. Esse é um primeiro sentido do termo. Mas há, imediatamente, um segundo sentido: **minoria não designa mais um estado de fato, mas um devir no qual a pessoa se engaja [...]** **Minoria designa aqui a potência de um devir.** (Deleuze, 2010, p. 63 EM VIANA, 2022, P.480)¹³

¹³ VIANA, Wes. A variante menor em Deleuze: uma minoração da linguagem. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 2, p. 457-482, dez. 2022. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382022000200023&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 jul. 2024. Em [A variante menor em Deleuze: uma minoração da linguagem \(bvsalud.org\)](#)

Em experimentação, aproximar-se dos acontecimentos em sua potência *desterritorizante*. Escape em cores, embates, encontros, escrituras, solidões, sombras e algumas frugalidades presentes no fazer de alguma escrita.

Tatear as trilhas abertas pelas produções dos membros do Travessia Grupo de Pesquisa e a produção de afetos junto a Deleuze, Adélia, Clarice, e ..., exercitar por meio de múltiplas experimentações a construção de uma escrita acadêmica envolvida por oficinas, fotos, filmes, recortes, encontros, peles, dissertações...

A tese saboreia e passeia junto aos múltiplos afetos decorrentes dos encontros e desencontros. Em somatório. Em abundâncias. Excessos. Devires. Os textos aqui escritos são feixes, riscos e rabiscos. Punhados de desejos, sonhos, ideias e teorias. Experimentações. Caminhadas, labirintos e atalhos. Trata-se de vida, roubos, apagamento... criação.

Escrita-pesquisa: um pensamento se dá, como rajada de vento a nos impelir. Uma série de rajadas e de abalos.

Juiz de Fora, 01 junho 2023, quinta-feira

Travessia,

estou lendo os textos que vocês em algum lugar, algum tempo, com algum corpo deixaram -se escrever.

Entre o Sol e a Terra, um pequeno espaço para existir. Desejo de infinito. A força vital surge na medida que as disputas se estabelecem. Liberando escrita pelos poros.

Ver a vida com os próprios olhos. Arriscar-se na mudança. Um corpo! Um pouco de lembranças. Um pouco de estima. Andanças. Afetos. Ausência de filtro. Escute a voz semeadora da Terra. Caminhando sobre o precipício. Pairando, como aranha em fina teia. Força, raiz e solo. Muito além da disposição dos órgãos. Arrumo os talheres. Cada um no seu lugar. Arrumo de novo. Tudo trocado. Conquista de um tempo que há de vir. Aprender em fricção.

Escrevo. Um grão de poeira ousa pousar na tela e destila incompreensão. Delírios de imaginação. Afastar do mundo. Tocar com delicadeza a escrita que se faz. Expressão de condição de existência? Ah! Eu chutei tudo. Eu sei chutar.

Começar pelo meio, subverter a página... Pelocaminho, encontrar pessoas, bicicletas, skates, arte no muro branco. Buraco negro.

Desorganização plena dos sentidos. Organização de uma escrita em desorganização. Escrever travessia. Escrever em intensidade, em relação com o fora, “fluxo contra fluxo, máquina contra máquina, experimentações, acontecimentos em cada um que nada tem a ver, fragmentações, máquinas...” (DLZ, 1992, p.18)

Experimentações. Pode qualquer coisa desde que o corpo aguente. Pode qualquer coisa desde que vá até o fim. A prudência na experimentação é imanente. Nada com o fora. Pode qualquer coisa desde que...

Entro, risco, rasgo, dobro, roubo. Às vezes me pego tão absorta que me sinto junto a vocês no ato da pesquisa, da escrita e fabrico simples epifanias, como gozos. Caminho pelas ruas visitando os moradores que as habitam, vejo a arte e o artista, aprecio a matemática m'Enorme e a filosofia da diferença. Acordo todos os dias às 5 da manhã para escrever um texto com 70 palavras, observo aranhas na tessitura de suas casas modos criações, formigas revelando novos caminhos, raízes se levantando da Terra e provocando textos, experimentações, encontros, sangue. Vejo os muros, brancos muros, negros buracos. E os corredores? Ganho vários tesouros. E fabulações, devires, instâncias problemáticas e proliferantes. Reconcílio-me e aprendo coisas adivinhadas. Revisito a academia e a vejo em travessia.

*Obrigada.
Júlia Ferreira.*

Hoje acordei normal, como quando eu tinha onze anos.

EUMAR¹⁴

Caminhava pela praia com pensamentos distantes, alheia aos dois filhos que habitavam seu futuro.

Ao longe, à sombra de uma castanheira, o namorado, que talvez já fosse marido sem o saber, observava seu caminhar.

As crianças do futuro fizeram silêncio para que a mãe usufrísse de sua quase ínfima solidão.

Pela areia, sentia um leve torpor provocado pelo mormaço abafado da manhã. O brilho de um sol encoberto fazia os olhos desejarem se fechar e o corpo almejar descanso e prazer.

Deixou a água tocar seus pés. A água fria convidava ao despertar. Seria possível pela temperatura da água, renascer. Recuperar ânimo e forças para existir em futuro.

Entrou no mar.

A ausência de ondas daquela enseada deixava a água em um balanço acolhedor e inebriante.

Deixou-se conduzir. Caminhou até que a água tocou seus seios e então podia soltar o corpo e se equilibrar com os braços abertos e os pés no fundo do mar.

Deu as costas para o oceano e olhou para o namorado na areia, mas não o viu, seus olhos apenas seguiram na direção de costume, sem, no entanto, processar a imagem. Estava absorta. Inclinou levemente o tronco para trás e viu o céu sobre si, sobre o mar, sobre tudo.

Foi quando aconteceu.

Mais que um simples torpor, o Eu se apagou. Sensação medonha e irresistível. Seu corpo derreteria no mar. Diluíra-se. E cada uma de suas moléculas compunha agora o oceano, os peixes, o planeta e o céu.

Percebeu-se como parte integrante de um todo, percebeu-se TODO. Ela era tudo e tudo era ela.

Experimentou a paz.

Naquele momento de perda total de si poderia temer morrer, um afogamento. Mas a morte não havia. Não havia perdas, nem danos. Apenas plenitude, totalidade. Era Natureza.

Ficou ali na eternidade daquele momento, por horas, dias, séculos, quiçá uma era inteira. Que importa o tempo, essa confusão que criamos para regular a vida?

¹⁴ Bem juntinho ao "Amor" de Lispector.

Terrário

(Verbetes no entre da escrita)

Caos:

O homem ergue, entre ele e o selvagem caos, algum **maquiaveloso edifício de sua própria criação**, e gradualmente torna-se pálido e rígido embaixo de seu pára-sol. Então ele se torna um poeta, um inimigo da convenção, e faz um furo no guarda-sol; e oba!, o vislumbre do caos é uma visão, uma janela para o sol. Mas depois de um certo tempo, tendo se acostumado à visão, e não lhe agradando a genuína golfada de ar do caos, o homem do lugar-comum rascunha um simulacro da janela que se abre para o caos, e remenda o guarda-sol com o remendo pintado do simulacro. Isto é, ele se acostumou à visão; ela faz parte da decoração de sua casa. De maneira que o guarda-sol finalmente parece um amplo e brilhante firmamento, de vistas variadas. Mas, que pena! É tudo simulacro, feito de inumeráveis remendos.

(LAWRENCE, 1998, p. 234)

Oliveira 2022

↓
Bruna

Oliveira 2018

↓
Martha

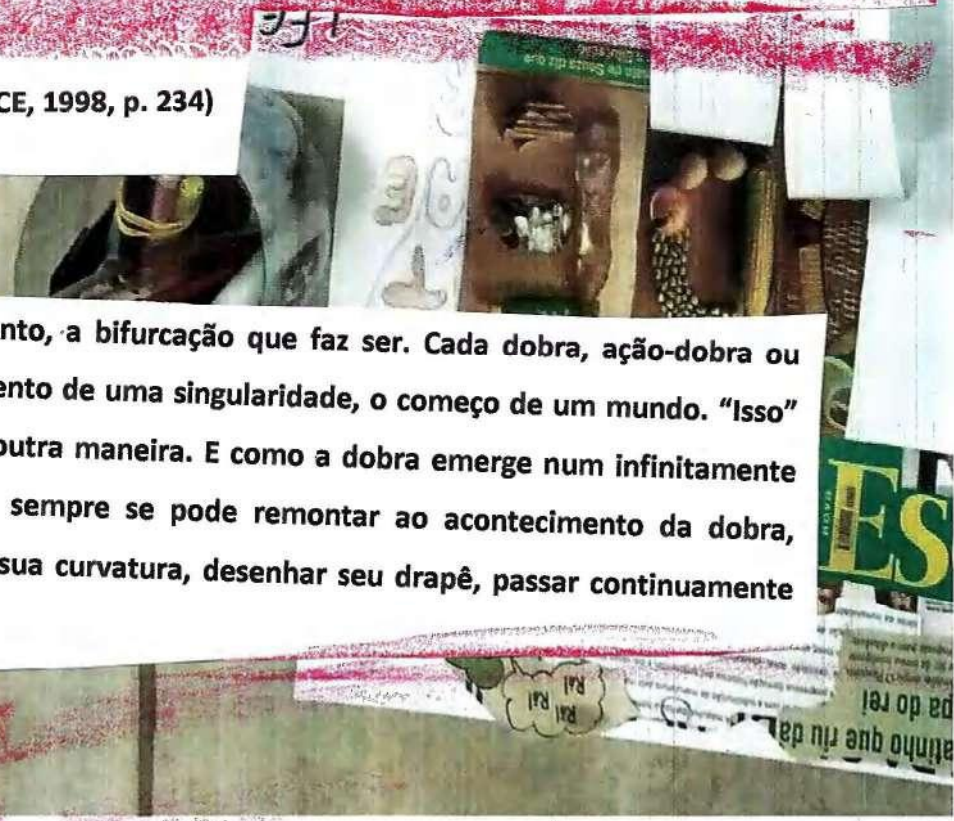


DORE, 2017

Dobra:

A dobra é o acontecimento, a bifurcação que faz ser. Cada dobra, ação-dobra ou paixão-dobra é o surgimento de uma singularidade, o começo de um mundo. "Isso" poderia ter dobrado de outra maneira. E como a dobra emerge num infinitamente diversificado mas único, sempre se pode remontar ao acontecimento da dobra, seguir seu movimento e sua curvatura, desenhar seu drapê, passar continuamente de um lado para outro.

(Pierre Lévy)



Identidade.

Não há - A Raphaela, mas uma Raphaela, que pode ser outra sendo sempre a mesma. Há um arranjo, uma configuração, que reflete Raphaela. Como cada um de nós era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo o que nos aproximava, o mais próximo e o mais distante. Distribuímos hábeis pseudônimos para dissimular. Por que preservamos nossos nomes? Por hábito, exclusivamente por hábito. Para passarmos despercebidos. Para tornar imperceptível, não a nós mesmos, mas o que nos faz agir, experimentar ou pensar. E, finalmente, porque é agradável falar como todo mundo e dizer o sol nasce, quando todo mundo sabe que essa é apenas uma maneira de falar. Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados.

Eu sou trezentos...

Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta,

As sensações renascem de si mesmas sem repouso, Ôh espelhos, ôh!

Pireneus! ôh caixaras!

Si um deus morrer, irei no Piauí buscar outro! Abraço no meu leito as melhores palavras, E os suspiros que dou são violinos alheios;

Eu piso a terra como quem descobre a furto

Nas esquinas, nos táxis, nas camarinhas seus próprios beijos!

Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta, Mas um dia afinal eu toparei comigo...

Tenhamos paciência, andorinhas curtas, Só o esquecimento é que condensa, E então minha alma servirá de abrigo.

(Mário de Andrade (7-VI-1929))

Como alguém se torna o que é?

matos 2016

Formação:

Terra penetra no rosto deslocando-lhe das entranhas dos processos de rostificação: significar-subjetivar. Terra escavar corpb. Faz ruir Homem,

Hetero, Europeu, Nobre, Branco, Religioso. Máscaras em cima de máscaras. Pano branco arranha com terra muro branco das significações e faz vaz

ar em buraco negro das subjetivações. Um rosto inumano com terra e pano. "O rosto é inumano no homem, desde o início; ele é por natureza close, com seu vazio e seu tédio"

(DELEUZE; GUATTARI, 2008, p. 36)

Tornar-se

As diversas forças que compõem a configuração desta pesquisa, deste texto, remetem, de algum modo, ao tornar-se daquele que escreve. Mais do que um exercício de resgate de uma história que me constitui, talvez o exercício seja traçarna escrita, ainda que minimamente, um mapa de configurações que vai, aos poucos, devindo, tornado-se outro, implicando questões em mim. *O que em você faz questão?* Se o exercício de uma reconstituição de minha história aponta para um olhar aos pontos de continuidade/descontinuidade que me trouxeram até essa pesquisa, o exercício que proponho é de problematização de minha própria história, apontando os escapes que forjam subjetividades, tornam-se um corpo: corpo-pesquisa, corpo-pesquisador. Rolnik (1993) chama de marcas esses “estados inéditos que se produzem em nosso corpo a partir das composições que vamos vivendo” (p. 242). Talvez aqui, mais do que minha própria história, seja contada uma fabulação de marcas. Marcas de um corpo-educador-matemático.

Como alguém se torna o que é?

A compreensão do mundo enquanto relação de forças problematiza a noção de sujeito constituído como uma identidade que se fecha em uma forma final.

Como anular a destruição de um tornar-se? Como anular a ruína da árvore?



escrita na experiência agita, grita,
descontrola o mais afoito, o mais
esperto em dias de céu e sol.

Escrita

Compor com os restos:
fragmentos de memórias,
de atividades, de
anotações. Tomar e
apresentar como real
aquilo que é imaginário.
Potência, fabulação!

Como alguém se torna o que é?

exatos
Documentos

artefatos

Escola

O espaço escolar é, então, relacional no sentido
de que as subjetividades e os objetos são já
configurações provisórias de forças, são já
relações de forças

Camargo Ta, 2013, 142

Clareto, Sa, 2000

Corredor

CORRE

DOR

Lugar perigoso esse corredor. Não poder atrever-se com ele, nem rápido e nem lento. Há um modo correto de mover-se com ele e por ele. Há algo a vigiar nele, que dita o que fazer. Há espelhos no corredor que fazem perguntas.

(Oliveira, 2023)

Há sempre um professor, no corredor, com um espelho invisível, respondendo, dando conta do que acontece no corredor.

(Oliveira, 2023)

Luta

na reunião do sindicato, ficaram duas horas discutindo uma única palavra. Questão política.

O poeta passou a vida inteira a procura de uma única palavra. Questão estética.

Cartografia:

A cartografia como método de pesquisa é um traçado de um plano de experiência, acompanhando os efeitos do próprio percurso de investigação

terror, metodologia enquanto acontecimento.
terror, experimentação numa fis

sura no tempo

espaço.
terror, arrastar processos formativos

terror, abalar muro branco – buraco negro.

terror, metodologia suja

terror: estranhar escrever

80/82

entre si

Clareto e Rottondo, 2017

Seria preciso de um método em sintonia com o caráter processual dessa investigação. A cartografia aparece então pra mim. Como método de pesquisa ela prima pelo caminhar, traçando no seu percurso suas metas. Seria então a reversão para um *hódos-metá*. A direção cartográfica se coloca por pistas que orientam o percurso da pesquisa. Um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. A cartografia tem um pouco disso de se debruçar sobre a sua própria intervenção naquele espaço.

Cummarota
2013 p. 141

Sempre quando tentei escrever sobre algo, ou melhor, em algo que estou produzindo, uma palavra é recorrente: -incômodo. Esta palavra é o movimento de busca, mas não uma busca que irá achar um fim, um ponto final, mas uma tentativa de livrar-me daquele incômodo, incômodo principalmente abdominal. E aí se instaura um problema, porque comigo, livrar-me de um incômodo é sempre um contínuo desdobrar-se – que aflige a espinha, arrepio. O fato é: o que me move em direção à ilusória sensação de comodidade, de estar confortável, de sentir-me tranquilo é também um/o incômodo que se desdobra sempre. Esta inquietação, (que é cotidiana para o professor no seu desafio, no seu tornar-se professor) que é o incômodo sem nome, não identificado, me desassossega, não paro, e, nesta ação de farejar o incômodo vou produzindo coisas que às vezes não compreendo, mas as empreendo.

Incômodo:

(CARBOGIM, 2011, P. 20)

Crianças desviam o rosto... Sair ileso? Das idas e subidas, das escarpas, pelos, poeiras? Tateou, com a face, a brancura do muro, seus buracos negros, julga-se vitorioso?

(leite, 2016, p20)

Dore 2017
2018

Muro:

MURO

O buraco negro sem dimensão, o muro branco sem forma já estariam, antes de tudo, presentes. E nesse sistema muitas combinações já seriam possíveis: ou os buracos negros se distribuem no muro branco, ou o muro branco se afila e vai em direção a um buraco negro que os reúne todos, precipita-os ou "aglutina-os". Ora rostos aparecem no muro, com seus buracos; ora aparecem no buraco, com seu muro linearizado, espiralado. Conto de terror, mas o rosto é um conto de terror. É certo que o significativo não constrói sozinho o muro que lhe é necessário; é certo que a subjetividade não escava sozinha seu buraco. Mas tampouco estão completamente prontos os rostos concretos que poderíamos nos atribuir. Os rostos concretos nascem de uma máquina abstrata de rostidade, que irá produzi-los ao mesmo tempo que der ao significativo seu muro branco, à subjetividade seu buraco negro. O sistema buraco negro-muro branco não seria então já um rosto, seria a máquina abstrata que o produz, segundo as combinações deformáveis de suas engrenagens. Não esperemos que a máquina abstrata se pareça com o que ela produziu, com o que irá produzir. A máquina abstrata surge quando não a

Não há nada a explicar, nada a interpretar. Pura máquina abstrata de estado crepuscular. Muro branco-buraco negro? Mas, segundo as combinações, é igualmente possível que o muro seja negro e o buraco seja branco. As bolas podem ricochetear em um muro, ou escoar em um buraco. Elas podem mesmo, em seu impacto, ter um papel relativo de buraco em relação ao muro, bem como, em seu percurso afilado, ter um papel relativo de muro em relação ao buraco para o qual elas se dirigem. Circulam no sistema muro branco-buraco negro.

oliveira(?)

Dore

Criação:

...criação: -Como recomeçar o novo? Criação: partir desta pergunta motriz - como recomeçar o novo? Como a criança - e o sempre novo pulsante nela - na última metamorfose do espírito em Nietzsche:

É que a criança é inocência e esquecimento, um novo começar, um brinquedo, uma roda que gira por si própria, primeiro móbil, afirmação santa.

Na verdade, irmãos, para jogar o jogo dos criadores é preciso ser uma santa afirmação: o espírito quer agora a sua própria vontade; tendo perdido o mundo, conquista o seu próprio mundo.

(NIETZSCHE, p.31, 1989)

Carbogim 2011

Para o jogo da criação é preciso dizer um sagrado "sim": o espírito, agora, quer a sua vontade, aquele que está perdido para o mundo conquista o seu mundo.

(CARBOGIM, 2011 P. 17)

A criança do espírito faz a pergunta: -como recomeçar o novo?|. Mas não apenas pergunta, ela é o recomeçar, ela é a diferença que instaura o novo, ela é potência afirmativa, ela é o aprendiz obscuro. O -jogo dos criadores é pura imanência. A -santa afirmação não é metafísica. Está tudo Aqui. A criação, aqui entendida, é uma criação sem criador, é um criar-se imanente, é a invenção.

(Nietzsche, 1998, p. 44)

Restos.

Há algo de paradoxal no significado de resto, pois indica a ausência de uma presença e a presença de uma ausência.
 Sem vestígios de uma individualidade.
 Sem garantias de uma identidade resguardada.
 Restos detritos, restos de uma vida, restos de uma qualificação, restos de uma cidade, aquilo que escapa, algo que tensiona o tempo, que confronta o curso harmonioso da história.
 Arrisca-se uma questão: é possível tecer um narrar como uma produção de restos? Romper uma narrativa linear com o uso de pequenas histórias? Uma narrativa que não se sirva de detritos, mas que possa desacomodar saberes instituídos e promover rasgos nas cômodas convicções da história?
 Como escrever uma vida?
 Como escapar de procedimentos que conformam a vida atribuindo essências, definindo contornos e destinos previsíveis?
 Catando o lixo em que tropeça na cidade?
 Recolhendo detritos?
 Estilhaçando limites individualizantes?

apud muitos

(Oliveira, 2016, p.9)

Criança

— um sempre novo pulsante.

(Traveçia. De volta, A Terra. 2017)

Traveçia

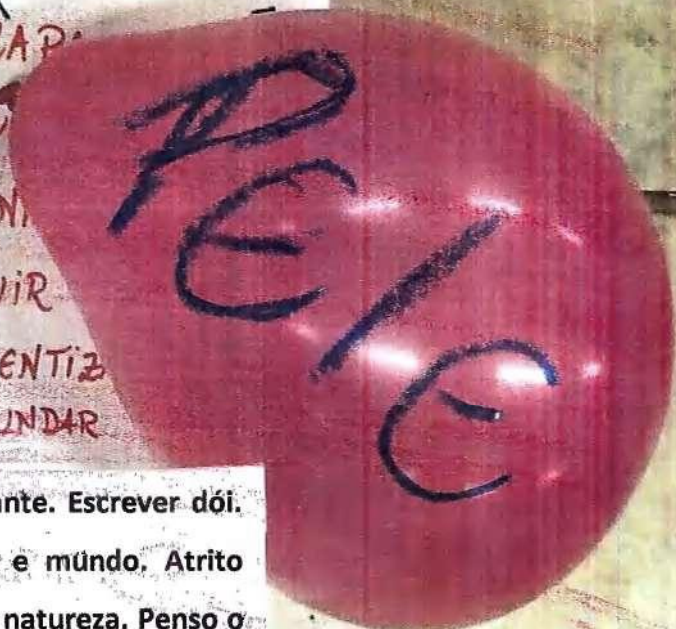
O que resta?
 Resta o resto.
 O que é o resto?
 O resto é a vida.
 Vida faz-se verbo.
 VIVER.
 Então, que se componha com os restos.
 Uma possibilidade de 'Invenire'.
 Oliveira, 2016 p.9

O ato de escavar a terra dá passagem para um corpo que penetra na experiência em seu estado sólido de ser. E este corpo esta todo atravessado por um devir-criança que esburaca a brotação de um acontecimento no avesso da raiz fixa.
 Carvalho 2017



Absurdo
 Tudo é água ou, conhece-te a ti mesmo ou, ir para a raiz do problema... Ou, parar centauros com unhas, chifres, pés de patos... Aos pulos, aos berros, no entre rasgar folhas, no preciso instante da falha... Ou quem dera a filosofia pudesse! Quem dera o pensamento pudesse! Quem dera o pensar pudesse! Na velocidade da expansão do universo tudo é lentidão - cascas de ovos no chão - Seria o gavião?... Quem dera o pensar pudesse... Tudo é vontade! Tudo é ser! Tudo é vontade de poder! Tudo é máquina! Tudo é agenciamento! Na superfície da pele 70 vezes 7.

ESTAR
 ULTRA P
 FAR
 KEAD
 R
 RIGANI
 TOBUIR
 R
 INSCIENTIZ
 APROFUNDAR
 ILTO A PASSAR



Escrever

(leite, 2016, p. 14)

Escrever não é nada confortável. Nada tem de confortante. Escrever dói. Abala. Dilacera. Se instala no território do atrito. Eu e mundo. Atrito acelerado, direto, sem roupa, sem proteção de qualquer natureza. Penso o porquê de todo esse desassossego. São horas talvez de eu fazer o único esforço de eu olhar para a minha vida (PESSOA, 1984, p. 27). Dolorido esforço. Custei a perceber que é daí que vem a dor. O desassossego. A vontade de me levantar e me levar para outras paisagens que não minhas. Não como bem, não bebo bem, não durmo bem. Uma sensação de angústia oprime. Vejo-me no meio de um deserto imenso (PESSOA, 1984, p. 27). Quando penso que vou em frente, fito essa costura-escrita e sinto que caminhei para trás. Tento. Escorrego. Caio. Esfalo. As vestes se rasgam. Mim mesma do avesso. Parece que procuro explicar como cheguei aqui, do ontem que literalmente fui, do hoje que literalmente sou e do amanhã que quero literalmente ser. Incoerentes palavras de alguém que persegue a liberação do tempo. Ressentimento.

Escrever:

Raphaela ou Carbo Gim ?

Espeho

Quisera eu, como Alice, manter a insensatez infantil, onde impera o maravilhamento e o absurdo, e fazer do espelho uma ponte, e descobrir do outro lado um mundo imanente, habitado por uma outra dimensão de tempo. Como ainda não descobri tal façanha, faco sapequices do lado de cá.

(Oliveira, 2023)

Mattos 2016 (rafaela)

Espehos são invisíveis? Espehos sempre são invisíveis.

Maá será que eles existem?

Sim, eles existem. Espehos do Juízo. Espeho da Consciência... Tem espeho para o que quiser ver e o que quiser refletir.

ESPELHO

Esses espehos invisíveis: espehos do Juízo, espehos da consciência... maquinam um lugar de formação.

(Oliveira, 2023)

Futuro

na tribo munduruku não existe o conceito de futuro

ARTE

ARTE

Só há arte com total *in-corporação*. Somos *in-corporações*. *Produção* *produzir-se*. Isto é o que se é. Só há desdobramentos, ampliações e composições. O contraponto é a negação, a multiplicidade é composição. A arte é *co*, sempre *co*. Por mais que se queira não há a distinção, o processo artístico, é *co*, *co-engendramento*, *co-produção*, *co-qualquer*... Somos experimentação artística. Somos fertilidade natural. Somos *cor neutral*. Somos o pensamento... Mas não por negação de sermos mapa, câmara escura, carta, eixo, perspectiva... Antropofagia. Apenas nós mesmos podemos formular as nossas perguntas, pegar perguntas não nos produzirá, pegar é uma promiscuidade nossa, adaptar, um vício – precisamos da invenção, sem parâmetros, sem regulamentações, sem essas palavras, sem aspas, sem essas coisas inventadas, sem arrego, precisamos de tudo e de nós mesmos, somos todos, querer ser "como" é velar nosso próprio enterro, ser com e co. É isso que somos COMCO. Não há negação, só há Comco. Não há polarização e binarismos. Não há de haver.



(carbogim)

Roubar

Escrever tem a ver com invadir com terra e com certa maneira de estar à espreita para aquilo que está por vir, expandindo-se na experiência da palavra parida. Palavra parida preñha de sentidos dá-se a significações. Antes que se apodreça nestes berços, brindamo-la com terror. Uma terra desterritorializada, cambaleante, faz acontecimento.

Clareto
Rotondo
2017

LADRA

ever

Besides

(clareto e rotondo, 2017)

Erro/besteira:

...distorção de pensamento

(Oliveira 2016, p. 96)

E que é o erro senão uma falsa recogñição? E de onde vem o erro senão de uma falsa repartição dos elementos da representação, de uma falsa avaliação da oposição, da analogia, da semelhança e da identidade? O erro é apenas o reverso de uma ortodoxia racional e ainda testemunha em favor daquilo de que ele se desvia, em favor de uma retidão, de uma boa natureza e de uma boa vontade daquele que é dito enganar-se. Portanto, o erro rende homenagem à "verdade", na medida em que, não tendo forma, dá ao falso a forma do verdadeiro

(DELEUZE, 2006, p.146).

Rotondo 2017

Lo...aced/sala 15

... was
... of the island being brought back

Formação:

Um corpo-aluna que ao passar por formações (inicial e continuadas...) vai adquirindo sua forma até virar corpo-professora? Um processo metafísico de formação? O corpo-professor não é dado de maneira adequada e tem que ser re-formatado? Formar então pressupõe um aprimoramento e engrandecimento, implica ruptura com o imediato, realização de uma forma, um acabamento

Belcavello 2021

(CLARETO et al., p. 401, 2013)

E formação como uma obra aberta e permanentemente inacabada. E uma obra que se constitui na resistência permanente daquilo já constituído como natural no processo formativo... e resistência. Re-sistir. Re-existir. In-sistir. In-xistir. Um in, um dentro do fora. Uma dobra. E... Urro diante da persistência do passado e detradigão, da codificação e da necessidade da norma e normalização. Desassossego.

CLARETO et al, 2013 p. 401

(FAVARETTO, 2010)?

território de criação, um território de existência – um testemunho de afetos e sabores, lugar de costura de um corpo. Lá eram criadas outras formas de criar sentidos.

Favaretto, 2010 (?)

Diário:

Encontro:

A potência do *bom encontro* constitui-se de dois momentos distintos: a leitura de um texto e a escrita do relatório final da pesquisa em formação de professores.

Lâmina:

terra de volta à terra. Encantos da Terra. O impor-se do método é o traçado de um caminho que vai de um ponto a outro. Uma estria. Uma interioridade que deseja falar da experiência, organizar a experiência associando a imagens prontas.

Carvalho, 2017, SP.

Carbogim, 2011, p. 5

Oficina de escrita:

entre signos e povos

28/08 às 14h

Corpo:

À este *corpo escrito coletivo*, que me ajuda a compor-me outro, suspender o ressentimento e a prescrição. E por fim, aos *-estados suprasensoriais* – definidores de uma *escrita* outra, *escrita de si*.

Carbogim
2011

15

sions of the island being brought back

Terra

Sob a face da terra corpos projetam-se sobre o chão. Mãos entretecem com a terra e novidade enuncia-se no campo do olhar... dúvidas projetam-se dos olhos sob a superfície tênue do sentido. Com cuidado, mão e e pés e joelhos e olhos e figados se dispõem com a textura da grama enverdecida, na disputa com a altura do mato... Como passe de mágica, boca se abre aos olhos que tocam com delicadeza as curvas da terra, os andares da terra. Terra depositada na terra, terra sob a terra. Terra emoldurada convite à duração, à ruptura com o descontrolo da terra e seus processos de invaginação e deslocamentos persistentes e crescentes... sob a pressão do passar do tempo, breve e inusitada hierarquia. Terra como obra de arte, terra como espelho em obra de arte, terra devotada à da Terra... de grãos se faz terra... primeiro indício de ilusão: a idéia de terra e Terra.

Como alguém se torna o que é?

Um grupo se lança ao abismo das dessubjetivações, ao abismo da experimentação. Experiência com terra, com arte, com pensamento. Experiência do pensar. Engendrando terra no pensamento. Engendrando terra no pensar. Pensar atrelado a terra, ao cheiro de terra. terrar! terrar, metodologia enquanto acontecimento. terrar, experimentação numa fissura no tempo espaço. terrar, arranhar processos formativos terrar, abalar muro branco – buraco negro.

(CARVALHO, 2017, S/P)

Claudininha



Andarilho:



FESTAR
 ULTRA
 INFAR
 KEAR
 LINAR
 ORGAN
 CIVILIZAR
 EVOLUIR
 CONSCIEN
 APROFUNDA
 ULTRA PASSAR
 UTILIZAR
 UN
 CIRCULAR
 APROFUNDAR
 BENEFICIAR
 ACUMULAR
 SOCIALIZAR
 MORALIZAR
 MATERIALIZAR
 NATURALIZAR
 ACUMULAD

Quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão, não pode se sentir mais que um andarilho sobre a Terra e não um viajante que se dirige a uma meta final: pois esta não existe. Mas ele observará e terá olhos abertos para tudo quanto realmente sucede no mundo; por isso não pode atrelar o coração com muita firmeza a nada em particular; nele deve existir algo de errante, que tenha alegria na mudança e na passagem. Sem dúvida esse homem conhecerá noites ruins, em que estará cansado e encontrará fechado o portão da cidade que lhe deveria oferecer repouso; além disso, talvez o deserto, como no Oriente, chegue até o portão, animais de rapina uivem ao longe e também perto, um vento forte se levante, bandidos lhe roubem os animais de carga. Sentirá então cair a noite terrível, como um segundo deserto sobre o deserto, e o seu coração se cansará de andar. Quando surgir então para ele o sol matinal, ardente como uma divindade da ira, quando para ele se abrir a cidade, verá talvez,

nos rostos que nela vivem, ainda mais deserto, sujeira, ilusão, insegurança do que no outro lado do portão e o dia será quase pior que a noite.

(NIETZSCHE, 2005, p. 638 APUD Meireles, 2019, p. 29)

ITOS

Carbogim, 2011
p.6

Havia montes de papéis sobre salas de aulas observadas, sobre professores que ensinavam matemática, sobre barulho de sala de aula, sobre cheiro, sobre cor, sobre vida. Não seria, também isso, pesquisa?

O processo de pesquisa é processo de invenção, importa ao pesquisador estar à espreita do acontecimento, atento às virtualidades que pululam no campo de pesquisa. Nesta perspectiva, o campo de pesquisa é jogo de forças, oficina de signos, e a atenção do pesquisador-cartógrafo deve flutuar e pensar num movimento com o movimento vivo de um campo-jogo.

Invenção:

Inventamos por uma necessidade forçosa, por algo que violenta o pensamento e nos conduz.

OLIVEIRA
2016, p. 08

Por que chego ao chegar?
Dizem que não há nada a fazer de...

Deleuze
2003

A invenção imagina o mundo, imagina tudo, cria o inventor, cria o inventado.

... em que sentido seu texto pode ser uma invenção? Já ouvi dizer que invenção é uma composição com restos. O que compõem com esses restos, com uma ampliação do campo de pesquisa para as experiências de uma travessia?

Commarota
2013, 142

Fabulação:

Fabulação é a arte de fabular e fabular é a arte de compor ou contar fábulas.

CAMMAROTA, 2013 p. 140

Fabulação como pura potência, como atravessamento das formas do vivido, como falseamento da memória.

Por que ao chegar? Dizem que o...
Travessia

p. 143

Fabulação... aquilo que dá expressão a uma política de escrita que envolve a potência da criação e certos modos e certos modos de se estabelecer relação com o conhecimento, com a aprendizagem e com a própria pesquisa.

Fabulação é devir, condição de toda fábula, mas é também o que mantém a fábula viva, como instância problemática e proliferante. Se à fábula se fia uma moral, à fabulação se fia uma ética que coloca a moral em questão, que se pergunta pelas implicações da vontade de verdade instituída pela moral.

Posso me tornar educadora" sem achar que faço um "trabalho sujo"? Como resistir?

Educador:

Posso me tornar educadora" sem achar que faço um "trabalho sujo"?

MATTOS, 2016

Rafaela

FESTAR
 ULTRAP.
 INFAR
 READ
 LINAR
 ORGANI
 CIVILIZAR
 EVOLUIR
 METER
 CONSCIENTIZ
 UCUAR
 APROFUNDAR
 ULTRAPASSAR
 UTILIZAR
 ONPREENDER
 CIRCULAR
 ORGAR
 APROFUNDAR
 UJEITAR
 BENEFICIAR
 QUISITAR
 ACUMULAR
 LIBERTAR
 SOCIALIZAR
 PROFUNNDAR
 MORALIZAR
 SOCIALIZAR
 MATERIALIZAR
 ONLEAR
 NATURALIZAR

Distação 2019

VERBAR

Rafaela
Rafaela

MATTOS, 2016

Posso me tornar educadora" sem achar que faço um "trabalho sujo"?

Se você perder tempo, vai acabar perdendo espaço.

Os novos

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.¹⁵

¹⁵ Oswald de Andrade - Manifesto Antropófago - *Anno 374 da Deglutição do Bispo Sardinha*.

Da terra há de brotar uma escrita potente.

Escrever raiz. Escrever terra. Escrever deitado ao chão. Eroticamento.

Os seios colados ao chão. A mão toca o interior frio da Terra. Com colher, cavar delicadamente a terra, sem danificar raiz.

Escovar raiz, como arqueólogos. Escovar, escrever, por amor.

Encontrar na raiz vestígios de uma escrita que se quer e se faz corpo.

Escovar palavras.

Penetra surdamente no reino da Terra. Lá a escrita que se quer escrita. Oralidades.

Significâncias.

Penetra surdamente.

Colher quebrada, outra se faz.

Ferramentas outras para escrever raiz.

Inteira, em pedaços, raiz escrita em corpos.

Academicamente.

Terra

Um vento forte soprou e balançou a copa de uma grande árvore na mata. De sua plenitude materna, uma semente se soltou e seguiu o vento. Ínfima e infinita, a semente plainou e cruzou o céu indo para muito longe da árvore mãe e com o acalmar do ar, ela sentiu a gravidade trazendo-a para o coração da terra. Pousou suavemente no solo e foi acolhida pela carne do planeta e aquecida pelos raios de sol. Nunca estivera no chão. Sua vida iniciara-se em cima. Acolhida pelo solo e aquecida pelo sol, aceitou descer às entranhas da terra e inflou-se de sua fertilidade e quis nascer. Foi broto, muda, jovem árvore, árvore ...

Onde hoje habita uma moita de bromélias, um dia houve uma árvore. E foi plena e alta com suas virtudes elevadas para o céu. Dançou com o vento. Recebeu a chuva e com suas raízes extraiu vida da profunda terra. Pó das estrelas correm em suas veias. No seu floema. Folhas elevadas ao brilho do sol, no tropismo infinito pela produção de matéria viva para alimentar o planeta.

Foi ao chão. Não se sabe sua história. Um raio, um lenhador, um vendaval. Não se sabe.

Foi ao chão.

Anos depois, raízes mortas, arte, vida, pesquisa. Raspam cada pedaço e escovaram. Arqueólogos do saber. Descobrimo na terra uma pesquisa vida a se fazer. Trabalho empírico. Esquizoanálise. Cavar é seguir o fluxo.

Cavaram muitos dias. Cavaram encontros, história, saberes, amizade, teoria, fluxos.

Cavaram preservando as capilaridades. O impor-se do método é o traçado de um

caminho que vai de um ponto a outro. Uma estria. Uma interioridade que deseja falar da experiência.

Cavaram raiz, escavaram escrita. Escrita escavada de experimentação.

Cavaram uma raiz. Cavaram sem ferramentas. Delicadamente sem feri-la.

Feriram-se as mãos. Arranhões. Unhas quebradas. Cortes. Calos. Corpos. Quase bicho.

Quase raiz. Quase um pensamento.

Como anular a ruína da árvore? Como abrigar à ruína, os resíduos e a lassidão das andanças do espaço em um tempo? (Travessia. De volta, A Terra. 2017)

Uma escrita sem escritor.

Algo se deu na profunda terra. Um romance, um enlace, uma disputa. Raízes se entrelaçaram. Duas árvores se abraçando no subsolo. Dançando abraçadas escondidas na terra. Raízes reveladas revelam a vida.

Cientistas, pesquisadores desenterram a potência da escrita, os afetos, caminham na superfície e revelam a profundidade da superfície.

Um aprendizado em fricção com a natureza.

Corredor

Primeiro recebeu a última refeição com cardápio à sua escolha. Comeu muito pouco com estado de ânimo muito baixo.

Depois, entrou na cela um padre que com serena voz perguntou-lhe se queria se confessar.

Agradeceu e ainda cabisbaixo chorou baixinho.

No momento que precede o fim, os guardas adentraram sua cela e o conduziram pelo corredor até a sala de sua execução.

.....

Ela acordou cedo naquele dia. Em jejum desde a noite anterior.

Sorridente, aguardava a enfermeira que a conduziria pelo corredor até o centro cirúrgico.

Cruzou o corredor com sensação de densa despedida.

Adentrou o centro e apagou com a anestesia.

.....

Nos tradicionais lares, o corredor liga a área social à área privada.

Entra numa residência, cruza o corredor, chega à alcova e descobre o segredo.

.....

Corredor, elo de ligação. Corredor de lares. Corredor da morte. Corredor hospitalar.

Corredor de edifício dá medo. Corredor ...

.....

Quem tem experiência de quase morte conta que vê uma luz no fim do túnel, que é um corredor. Elo de passagem para o lado de lá.

Para que serve um corredor?

Primeiramente, serve para correr, é claro!

Serve também pra gente ficar sentado no chão dele, só esperando.

(Sempre vejo estudantes sentados nos corredores da universidade.)

Serve para ter mural, onde todos divulgam as notícias e todo mundo fica sabendo.

Serve pra gente passar devagarinho observando a aula, os alunos e a professora.

Bisbilhotando lá dentro da sala.

Corredor serve para canalizar o vento que faz as portas baterem com força.

Serve pra correr.

Tem exposição no corredor!

Prestação de contas para as famílias. Os olhinhos das crianças buscam por suas obras lá no alto do corredor.

No corredor, todos se cumprimentam. Não, nem todos.

Atravessando mundo, indo ou vindo de lá.

Corre, corre no corredor. Está atrasado?

Corre, corre brincando. Está feliz!

Chuta a bola no corredor. As paredes já servem de gol. O corredor é um campo cercado de traves.

O colégio fez uma exposição no corredor. Cartazes poéticos. Frases de amor. O corredor ficou todo cheio de corações. Não dava pra correr no corredor porque a gente queria ler os cartazes com as poesias de amor.

Espaço controlado. Corpos controlados. Corredor.

Elo de ligação.

Quantos metros deve ter um corredor? Uma norma define. Há regras para isso também.

O corredor te leva para aquela turma terrível.

É pelo corredor, a saída daquela turma terrível.

A coordenadora toma conta do corredor. Um dia ela pegou um menino sem a plaquinha do banheiro.

Levou uma advertência.

- No corredor, só com a plaquinha! disse ela.

Expandir...

Unidade em variação contínua

Variar e multiplicar

Multiplicar

Multiplicar

Todas as possibilidades – inúmeras - variando e variando e variando

Rasgar territórios

Linhas de fuga

Escapar

E encontrar

Afetos

Restos

Ficar com os restos

Roubar

Rasurar

Scriptofagar

Vazar

Vontade de poder

Ampliação

Estabelecer novas conexões

Multiplicidade do uno entendido como novas formas de agenciamento

Agenciar

Travessia – escrita – acadêmica – experimentações

A Travessia é acadêmica?

A Escrita é acadêmica?

Ou basta escrita.

Ou apenas travessia.

Se é acadêmico, se nasce acadêmico, porque reafirmar?

Subir pra cima, descer pra baixo – vício de língua na língua de fogo.

É questão política sim.

Precisamos dizer para aqueles de fora que não sabem que é, ou que tentam dizer que não somos,

Que somos academia sim!

Hora dessas, sem reafirmar, seguiremos escrevendo.

Habitar a vida politicamente.

Habitar a vida poeticamente.

Furar o guarda-sol.

Curiosamente, olhar pela fenda.

Desabrigar-se.

Mergulhar no caos.

É acadêmico? Não é?

Cuidado para não afirmar negando!

A dobra.

É possível pensar outra escrita em que o Não seja uma afirmação?

Se o monogâmico for privação de liberdade, então o Não monogâmico é afirmação?

Se o acadêmico é privação, então...

Olhar metafísico.

Se o critério de ocupação não tem mais certo ou errado, então o que temos é intensidade.

O cristianismo é uma intensidade. O budismo é uma intensidade...

O fato de estar na academia, garante-lhe o 'ser acadêmico'?

2 – ~~p~~rematuro supor fim. ~~P~~rematuro supor no fim as condições do início, do meio.

Cabem-se travessias. Seria derradeiro algum fim? Ledo engano tomar como realidade qualquer passagem, afinal, de rastros, junto aos rastros, se faz os passos do caminhante. Sombrios afetos assolam a casa do pensamento, desejos de lassidão, da virtude, dos outros possíveis. Escrever! Tornar-te duro, para receber e transvalorar ditosos inimigos. Afinal, não seria sua maior graça, alegria?

Uma gagueira toma conta da pesquisa. Gagueja e diz ‘não sei, acho que é isso aí’

Sente medo de expor sua opinião e falar algo que não se encaixa. Gagueja.

A gagueira criadora deleuziana faz a língua crescer pelo meio como grama, o que faz da língua um rizoma em vez de uma árvore, o que coloca a língua em perpétuo desequilíbrio. (DELEUZE, 2011, P. 143)

Palavras que dançam para dizer do que vivem, do que sentem.

Como gaguejar em uma língua?

3 – Apagou, academizou

Roubou, academizou

Ficou nu, academizou

Teceu, academizou

Burlou, academizou

Fabulou, academizou

Filosofou, academizou

Residiu, academizou

Ventou, academizou

Pesquisou, academizou

Ludou, academizou

Costurou, academizou

Pintou, academizou

Filmou, academizou

Editou, academizou

Narrou, academizou

Cantou, academizou

Dançou, academizou

Aconteceu, academizou

Experenciou, academizou

...

ACADEMIZE-SE

Substantivo: academia

Adjetivo: acadêmico

Advérbio: academicamente

Interjeição: academize-se!

Verbo: academizar

Verbo: escrever

Corpo-escrita

O que é escrever?

Compor

Multiplicar

Apagar

Queimar

Substituir

Pilhar

Bricolar

Substituir

Experimentar

Editar

Roubar

Verbar

Colar

Rasgar

Copiar

Costurar

Forjar

Vomitar

Conjurar

Bordar

Tecer

Acionar

Discursar

Filmar

Fazer

Romper

O que pode uma escrita acadêmica em que escrever é ...

latir saborear meter banhar remediar pisar pesquisar segurar amanhecer dedicar fumar desfazer erguer
 costumar comentar enxergar anunciar verificar consertar extinguir ater inventar reduzir variar transmitir votar
 arranjar inscrever agradecer homenagear combinar transpor louvar punir interessar publicar ignorar aquecer livrar
 instruir descolorir nomear averiguar planejar descrever inspirar pescar acertar condizer tecer iludir adotar
 pertencer festejar custar aprazer cear dominar atuar transferir promover afirmar estender obrigar enfrentar
 usufruir apaixonar brilhar montar extrair cessar iluminar desculpar incendiar avaliar preservar arrasar encerrar
 envolver adivinhar controlar saciar recolher poupar acostumar acrescentar alterar cumprimentar incomodar
 demonstrar render notar poluir guiar cozer sacudir conviver comparar perguntar repor agradecer adequar
 convidar aceitar precaver tentar mostrar deter ensinar odiar acreditar informar visitar pentear matar aparecer
 obter aproveitar beijar respeitar resolver tocar gritar supor incluir roer zoar surgir compreender cobrir cuidar
 pintar julgar excluir discutir destruir permanecer escutar ceder oferecer preparar limpar repetir imaginar convir
 competir cortar marcar analisar salvar interagir adorar prender reter reunir roubar preocupar arrumar varrer
 plantar garantir virar colher merecer observar abraçar unir ingerir lutar curtir refletir compartilhar providenciar
 abolir sugerir opor diminuir atingir exigir bloquear acompanhar soar maquiar guardar encaminhar cozinhar caçar
 despedir explicar concluir atrair contribuir apoiar magoar aguardar contradizer defender presentear repartir
 ansiar ocorrer cansar distrair alcançar lançar produzir exercer insistir satisfazer copiar utilizar considerar
 transformar calar descansar faltar tratar esconder apagar quebrar abençoar errar saltar indicar desenhar
 confundir resistir acender praticar conquistar deitar lidar conduzir negar reagir atrasar mediar despir jantar
 desenvolver engolir torcer formar obedecer trocar eleger retirar consumir namorar moer impedir separar parir
 trair assumir telefonar confiar surpreender lambear comparecer substituir expressar gastar juntar abster devolver
 secar cobrar orientar prestar refazer enganar intermediar orar comunicar evoluir evitar reconhecer prevenir
 agredir temer aproximar aguar emprestar escanear conferir prometer estrear puxar cuspir convencer frear
 proibir definir melhorar concordar cometer invadir gemer emitir causar enjoar advir auxiliar animar comemorar
 honrar provar morder semear afastar reger preencher educar chover chorar preferir descobrir continuar suar
 lavar doar acabar desejar vestir imprimir existir decidir sonhar prever conter sumir caminhar pagar dispor
 falir procurar nadar construir divertir prover atender acontecer mudar escolher entreter responder aderir mentir
 crescer perdoar fechar almoçar enviar desistir encher tornar participar parecer realizar servir vencer ligar
 permitir avisar terminar sentar demolir tirar buscar polir apresentar sofrer entregar criar casar levantar perceber
 impor ferir adquirir rever parabenizar gerar retornar abandonar reclamar escovar importar completar atravessar
 optar infartar distribuir inserir mover gerir aplaudir representar apanhar alegrar organizar banir coçar assinar
 basear constituir identificar perseguir aplicar soltar ir ser fazer ter ver vir estar amar poder dar haver pôr comer
 querer partir falar trazer estudar cantar dizer sair ler saber rir correr dormir vender beber pedir escrever andar
 sorrir ouvir sentir ficar chegar agir gostar brincar abrir caber viver conseguir comprar jogar cair perder manter
 corrigir passar receber viajar pensar conhecer assistir aprender dançar começar intervir seguir trabalhar crer
 encontrar precisar deixar dividir levar dever colorir voltar chamar voar subir pular entender passear fugir expor
 nascer compor olhar parar achar valer usar lembrar medir dirigir reaver esquecer morar acordar colocar propor
 proteger ganhar feder tomar requerer esperar conjugar pegar descer morrer entrar fingir tossir mexer contar
 possuir ajudar bater conversar cumprir mandar duvidar depor pretender postar treinar demorar adicionar
 apreciar atribuir explodir necessitar proporcionar aumentar cheirar confirmar brigar carregar admirar superar
 assar chatear distinguir focar acessar traduzir queimar desaparecer recear coar solicitar saudar investir avançar
 misturar percorrer assustar rezar falhar providenciar romper vomitar viger tremer fornecer divulgar fortalecer
 experimentar combater referir adormecer alimentar regar atualizar retribuir tender admitir respirar despertar
 ressarcir botar amarrar curar durar aprovar advertir bastar conceder encantar abranger incentivar suprir traçar
 latir saborear meter banhar remediar pisar pesquisar segurar amanhecer dedicar fumar desfazer erguer

costumar comentar enxergar anunciar verificar consertar extinguir ater inventar reduzir variar transmitir votar
 arranjar inscrever agradar homenagear combinar transpor louvar punir interessar publicar ignorar aquecer livrar
 instruir descolorir nomear averiguar planejar descrever inspirar pescar acertar condizer tecer iludir adotar
 pertencer festejar custar aprazer cear dominar atuar transferir promover afirmar estender obrigar enfrentar
 usufruir apaixonar brilhar montar extrair cessar iluminar desculpar incendiar avaliar preservar arrasar encerrar
 envolver adivinhar controlar saciar recolher poupar acostumar acrescentar alterar cumprimentar incomodar
 demonstrar render notar poluir guiar cozer sacudir conviver comparar perguntar repor agradecer adequar
 convidar aceitar precaver tentar mostrar deter ensinar odiar acreditar informar visitar pentear matar aparecer
 obter aproveitar beijar respeitar resolver tocar coçar assinar basear constituir identificar perseguir aplicar soltar
 ir ser fazer ter ver vir estar amar poder dar haver pôr comer querer partir falar trazer estudar cantar dizer sair ler
 saber rir correr dormir vender beber pedir escrever andar sorrir ouvir sentir ficar chegar agir gostar brincar
 abrir caber viver conseguir comprar jogar cair perder manter corrigir passar receber viajar pensar conhecer
 assistir aprender dançar começar intervir seguir trabalhar crer encontrar precisar deixar dividir levar dever
 colorir voltar chamar voar subir pular entender passear fugir expor nascer compor olhar parar achar valer usar
 lembrar medir dirigir reaver esquecer morar acordar colocar propor proteger ganhar feder tomar requerer
 esperar conjugar pegar descer morrer entrar fingir tossir mexer contar possuir ajudar bater conversar saber rir
 correr dormir vender beber pedir escrever andar sorrir ouvir sentir ficar chegar agir gostar brincar abrir caber
 viver conseguir comprar jogar cair perder manter corrigir passar receber viajar pensar conhecer assistir aprender
 dançar começar intervir seguir trabalhar crer encontrar precisar deixar dividir levar dever colorir voltar chamar
 voar subir pular entender passear fugir expor nascer compor olhar parar achar valer usar lembrar medir dirigir
 reaver esquecer morar acordar colocar propor proteger ganhar feder tomar requerer esperar conjugar pegar
 descer morrer entrar fingir tossir mexer contar possuir latir saborear meter banhar remediar pisar pesquisar
 segurar amanhecer dedicar fumar desfazer erguer costumar comentar enxergar anunciar verificar consertar
 concertar extinguir ater inventar reduzir variar transmitir votar arranjar inscrever agradar homenagear combinar
 transpor louvar punir interessar publicar ignorar aquecer livrar instruir descolorir nomear averiguar planejar
 descrever inspirar pescar acertar condizer tecer iludir adotar pertencer festejar custar aprazer cear dominar
 atuar transferir promover afirmar estender obrigar enfrentar usufruir apaixonar brilhar montar extrair cessar
 iluminar desculpar incendiar avaliar preservar arrasar encerrar envolver adivinhar controlar saciar recolher
 poupar acostumar acrescentar alterar cumprimentar incomodar demonstrar render notar poluir guiar cozer
 sacudir conviver comparar perguntar repor agradecer adequar convidar aceitar precaver tentar mostrar deter
 ensinar odiar acreditar informar visitar pentear matar aparecer obter aproveitar beijar respeitar resolver tocar
 gritar supor incluir roer zoar surgir compreender cobrir cuidar pintar julgar excluir discutir destruir permanecer
 escutar ceder oferecer preparar limpar repetir imaginar convir competir cortar marcar analisar salvar interagir
 adorar prender reter reunir roubar preocupar arrumar varrer plantar garantir virar colher merecer observar
 abraçar unir ingerir lutar curtir refletir compartilhar provir iniciar abolir sugerir opor diminuir atingir exigir
 bloquear acompanhar soar maquiar guardar encaminhar cozinhar caçar despedir explicar concluir atrair
 contribuir apoiar magoar aguardar contradizer defender presentear repartir ansiar ocorrer cansar distrair
 alcançar lançar produzir exercer insistir satisfazer copiar utilizar considerar transformar chover chorar preferir
 descobrir continuar suar lavar doer doar acabar desejar vestir imprimir existir decidir sonhar prever conter sumir
 caminhar pagar dispor falir procurar nadar construir divertir prover atender acontecer mudar escolher entreter
 responder aderir mentir crescer perdoar fechar almoçar enviar desistir encher tornar participar parecer realizar
 servir vencer ligar permitir avisar terminar sentar demolir tirar buscar polir apresentar sofrer entregar criar casar
 levantar perceber impor ferir adquirir rever parabenizar gerar retornar abandonar reclamar escovar importar
 completar atravessar optar infartar distribuir inserir mover gerir aplaudir representar apanhar alegrar organizar
 banir coçar assinar basear constituir identificar perseguir aplicar soltar parir ser fazer ter ver vir estar amar poder
 dar haver pôr comer querer partir falar trazer estudar cantar dizer sair ler saber rir correr dormir vender beber
 pedir escrever andar sorrir ouvir sentir ficar chegar agir gostar brincar abrir caber viver conseguir comprar
 jogar cair perder manter corrigir passar receber viajar pensar conhecer assistir aprender dançar começar intervir
 seguir trabalhar crer encontrar precisar deixar dividir levar dever colorir voltar chamar voar subir pular entender
 passear fugir expor nascer compor olhar parar achar valer usar lembrar medir dirigir reaver esquecer morar

acordar colocar propor proteger ganhar feder tomar requerer esperar conjugar pegar descer morrer entrar fingir tossir mexer contar possuir ajudar bater conversar cumprir mandar duvidar depor pretender postar treinar demorar adicionar apreciar atribuir explodir necessitar proporcionar aumentar cheirar confirmar brigar carregar admirar superar assar chatear distinguir focar transformar chover chorar preferir descobrir continuar suar lavar doer doar acabar desejar vestir imprimir existir decidir sonhar prever conter sumir caminhar pagar dispor falir procurar nadar construir divertir prover atender acontecer mudar escolher entreter responder aderir mentir crescer perdoar fechar almoçar enviar desistir encher tornar participar parecer realizar servir vencer ligar permitir avisar terminar sentar demolir tirar buscar polir apresentar sofrer entregar criar casar levantar perceber impor ferir adquirir rever parabenizar adivinhar controlar saciar recolher poupar acostumar acrescentar alterar cumprimentar incomodar demonstrar render notar poluir guiar cozer sacudir conviver comparar competir cortar marcar analisar salvar interagir adorar prender reter reunir roubar preocupar arrumar varrer plantar garantir virar colher merecer observar abraçar unir ingerir lutar curtir refletir compartilhar providir iniciar abolir sugerir opor diminuir atingir exigir bloquear acompanhar soar maquiar guardar encaminhar cozinhar caçar despedir explicar concluir atrair contribuir apoiar magoar aguardar contradizer defender presentear repartir ansiar ocorrer cansar distrair alcançar lançar produzir exercer insistir satisfazer copiar utilizar considerar transformar calar descansar faltar tratar esconder apagar quebrar abençoar errar saltar indicar desenhar confundir resistir acender praticar conquistar deitar lidar conduzir negar reagir atrasar mediar despír jantar desenvolver engolir torcer formar obedecer trocar eleger retirar consumir namorar moer impedir separar parir trair assumir telefonar confiar surpreender lambear comparecer substituir expressar gastar juntar abster devolver secar cobrar orientar prestar refazer enganar intermediar orar comunicar evoluir evitar reconhecer prevenir agredir temer aproximar aguar emprestar escanear conferir prometer estrear puxar cuspir convencer frear proibir definir melhorar concordar cometer invadir gemer emitir causar enjoar advir aplicar soltar parir ser fazer ter ver vir estar amar poder dar haver pôr comer querer partir falar trazer estudar cantar dizer sair ler saber rir correr dormir vender beber pedir escrever andar sorrir ouvir sentir ficar chegar agir gostar brincar abrir caber viver conseguir comprar jogar cair perder manter corrigir passar receber viajar pensar conhecer assistir aprender festejar custar aprazer cear dominar atuar transferir promover afirmar estender obrigar enfrentar usufruir apaixonar brilhar montar extrair cessar iluminar desculpar incendiar avaliar preservar arrasar encerrar envolver adivinhar controlar saciar recolher poupar acostumar acrescentar alterar cumprimentar incomodar demonstrar render notar poluir guiar cozer sacudir conviver comparar perguntar repor agradecer adequar convidar aceitar precaver tentar mostrar deter ensinar odiar acreditar informar visitar pentear matar aparecer obter aproveitar beijar respeitar resolver tocar coçar assinar basear constituir identificar perseguir aplicar soltar ir ser fazer ter ver vir estar amar poder dar haver pôr comer querer

A ladra

Ladra de pensamento

Ladra de alma

Ladra de palavras

Pesquisa em todo canto

Constrói ideias novas ainda não escritas

Palavras novas que seguiriam a rima.

Não liga para novas regras, ainda não fabricadas.

Tem as orelhas pequenas.

Escuta, pisca os olhos. Presta atenção!

Sempre estive a reboque, poupando meus esforços, me aproveitando das experimentações dos outros, bichas, drogados, alcoólatras, masoquistas, loucos, ... degustando vagamente suas delícias e seus venenos sem jamais arriscar nada. (DLZ, 1992, p. 20)

Escrever é roubar.

Roubar, transformar. Do roubo, outra coisa há de vir, devir ladra.

Quando eu nasci, um anjo torto desses

Quando eu nasci, um anjo esbelto

Quando eu nasci veio um anjo safado...

Meta-escrita

Escritofagia

O verbo é **ROUBAR.**

Quando eu nasci, um anjo torto desses que vivem na sombra disse: Vai, Carlos! Ser gauche na vida. As casas espiam os homens que correm atrás de mulheres. A tarde fosse azul, não houvesse tantos desejos. O bonde passa cheio de pernas: pernas brancas pretas amarelas. Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração. Porém meus olhos não perguntam nada. O homem atrás do bigode é sério, simples e forte. Quase não conversa. Tem poucos, raros amigos o homem atrás dos óculos e do bigode. Meu Deus, por que me abandonaste se sabias que eu não era Deus se sabias que eu era fraco. Mundo mundo vasto mundo, se eu me chamasse Raimundo seria uma rima, não seria uma solução. Mundo mundo vasto mundo, mais vasto é o meu coração. Eu não devia te dizer mas essa lua mas esse conhaque botam a gente comovido como o diabo. (Drummond)

*Quando nasci um anjo esbelto, desses que tocam trombeta,
anunciou: vai carregar bandeira.*

*Cargo muito pesado pra mulher, esta espécie ainda
envergonhada.*

*Aceito os subterfúgios que me cabem, sem precisar
mentir.*

*Não sou tão feia que não possa casar, acho o Rio de
Janeiro uma beleza e ora sim, ora não, creio em parto
sem dor.*

Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.

Inauguro linhagens, fundo reinos -- dor não é amargura.

*Minha tristeza não tem pedigree, já a minha vontade de
alegria, sua raiz vai ao meu míl avô.*

Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.

Mulher é desdobrável. Eu sou.

(Adélia Prado)

Quando nasci veio um anjo safado
O chato dum querubim
E decretou que eu tava predestinado
A ser errado assim.
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim

(Chico Buarque)

Quando eu nasci uma anja torta, esbelta e safada
perguntou:

- O que vai ser?

- Serei mulher, é claro!

(Ladra)

“_ Quem és tu?

_ Eu já nem sei senhor. Mudei tantas vezes desde hoje de manhã, como vê.

_ Eu nada vejo. Explica-te.

_ Sinto muito, mas não posso explicar senhor. Já não sou a mesma, como vê.

_ Eu nada vejo.

_ Não sei como vou explicar, pois para mim não é nada claro.

_ Quem és tu?”

(Alice in Wonderland, 1951 – Lagarta Azul e Alice)

Alice viu o gato na árvore e perguntou para onde ia aquela estrada e o gato lhe respondeu:
- Para onde você deseja ir? Ela confessou não saber, pois estava perdida.

Para quem não sabe para onde ir, qualquer caminho serve.

Estar perdido ou saber exatamente para onde ir.

???

Alice, eu, você...

O meu sonho é ser não invisível, mas imperceptível. (DLZ, 1992, p. 13)

Você pode interpretar da pior maneira, dizer que quero singularizar.

Estar a reboque.

Mas estou criando a cada dia mais.

Autofagia

Escrita que se come...

Comer escrita

Regurgitar

Ler, sentir, experimentar

Escrita que se come

Vomitar

*Scriptofagia*¹⁶

¹⁶ Neologismo invencionado para dizer do método antropofágico na escrita que se faz.

Meta-escrita

Escrita sobre a escrita

Na escrita

Da escrita

Com a escrita

Comer escrita

Entre a escrita

A escrita

Ante a escrita

Após a escrita

Até a escrita

Contra a escrita

Além da

A alegria é a prova dos nove. (OA)

Menino Pedro e menina Rafaela.

Ele queria voar com o vento, ela aprendeu a fazer papagaios.

Um dia, ele voando alto encontrou com o papagaio dela no alto céu.

Acontecimento.

DAR ABERTURA AOS SIGNOS QUE PEDEM PASSAGEM. Travessia.

No alto céu. Dentro da terra. Na superfície do lago. No cume de uma montanha. Lá onde as capilaridades se tocam.

Quando eu tinha oito ou nove anos de idade, estava no quintal, lugar de que gosto muito, e lá estava uma linda égua selvagem que meu irmão tinha ganhado. Ela comia milho enquanto eu limpava o quintal com um rastelo. Enquanto a égua roía os sabugos, passei o rastelo perto dela e, sem querer, a assustei. Ela me deu um coice bem dado, que acertou meu estômago e me fez voar uns três metros. Perdi o fôlego, mas logo me recuperei. E ali, de uma maneira totalmente atemporal, como se fosse um raio, tive uma aula sobre limite e, ao mesmo tempo, compreendi que podemos agir no mundo. Foi uma revelação que me veio como um mantra: “sim, nós podemos muito, mas nem tudo”. Um aprendizado que recebi em fricção com a natureza. (Krenak)

- Tudo pode mas nem tudo lhe convém.

- Pode tudo mas não pode qualquer coisa.

Aprendizado, aula, acontecimento.

Os ensinadores colocam um signo, um exemplo.

Em educação como se engendra ensinar no ensino?

(Teseu acredita que educar envolve carregar fardos.)

Tramar com a trama do aprender. Estar à altura do acontecimento. Produzir faíscas.

Palavras para dizer do que não sabem.

Palavras dançando para dizer o que sentem e o que vivem.

Gagueira.

Criando corpo à altura do acontecimento.

Clarice contou.

As meninas esconderam um corpo. Lá no orfanato onde eu morava.

Elas esconderam o corpo da menininha. Esconderam da freira. Esconderam pra brincar de noite. A gente não podia brincar, sabe! Não tinha boneca lá no orfanato e a maternidade já tava dentro da gente.

Mas, naquela noite, brincamos a noite toda. Demos banho, comidinha e botamos ela de castigo só pra consolar ela depois.

reCortes

Menino habilidoso, tesoura e papel na mão, Nasce magia:

Crianças de mãos dadas. Emendadas, brincando de roda.

Corrente de pessoas.

Meu coração entendeu naquele momento. Tudo poderia ser feito.

Tudo era possível e real.

As crianças de mãos dadas me salvaram da dor.

Menino habilidoso

Criança, um sempre novo pulsante.

Última metamorfose.

Inocência e esquecimento.

O espírito deseja sua própria vontade. Criar seu mundo.

Escrever um texto-criança, que favoreça uma leitura atravessada. Leitura viva. Que pulverize em sua pulsação uma possibilidade educativa.

Ser leão inconformado, criança deformante, camelo preguiçoso e ovelha sem pelos.

Onde está o poder, no leão ou na criança?

Linhas de fuga criançantes.

Quanto mais crianças na sala, menor o silêncio.

Inocência, é a criança, e esquecimento, um novo começo, um jogo, uma roda que gira por si mesma, um movimento inicial, um sagrado dizer "sim". (Nietzsche 1998, p.44)

Nasceu

Sem inaugurar vida.

Junto ao não-nascer

Arrebentaram sonhos desfeitos

Ausências nos planos

Frustração na espera

Amor ferido (de morte)

Desmontar o quarto nunca habitado

Cancelar entregas

Olhar-se no espelho

Sentir um dó demasiado grande de si mesmo.

Orgulho ferido pela exposição na dor.

Não recebeu visitas.

Sem neném vingado,

Não há o quem visitar.

Esqueceram de avisar ao corpo

Que não havia bebê para alimentar.

Assim... produzia-se leite. Muito.

Que escorria como sangue empapando o sutiã, a blusa, o colo, a alma.

... enquanto isso, crianças vingadas,

filhas de mães secas

aguardavam o leite materno doado pela dor.

Não se avexe. Tudo voltará ao normal.

Regras do jogo

Regras do jogo¹⁷.

“Que vida é essa que solicita regras? Acomodação de um pensamento. Deseja-se o reconhecimento. Vidas pedem regras antes de experimentar. Um certo modo de vida entra em jogo com regras. Que tipo de regras? Regras coercitivas: campo moral. Regras facultativas: na relação.” (PAIXÃO, 2019, P. 57)

Aprender como acontecimento.

Um acontecimento que marca.

Em uma sala de aula de um curso de pós-graduação, a professora conta uma pequena história.

Uma classe de 5ª série. Mês de novembro. A professora conversava com os alunos sobre a encenação de natal. Fariam um presépio vivo, no pátio da escola.

Todos muito animados com as explicações da professora sobre o espaço e a história bíblica a ser representada. Tudo acertado, começam então, a pensar nas personagens e a professora pergunta:

-Quem quer ser o menino Jesus?

Ao ouvir a pergunta, Nélio, uma criança negra, estica o mais que pode o seu bracinho e grita:

- Eu, eu, eu quero, tia!

Um enorme silêncio se faz.

Nélio, sem saber o que fizera de errado, sufocado pelo silêncio e pelos olhares fugidios da classe, volta a gritar.

- Não tia, eu não quero mais não!

¹⁷ Composição junto Leiliane Aparecida Gonçalves Paixão em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10000>

.....

Numa formação, um professor é inventado a todo momento. **Como uma formação docente potencializa vidas numa educação** docilizada? Basta um ato de reciclagem e a realização de cursos extras? Numa formação, se existe o ato de reciclar, isso pode ser um sinal: algo não está de acordo com as habilidades professorais, algo não funciona como deveria funcionar. **Desarranjos e oferecimentos.** Dentre eles, um *check up*. *Check up* numa educação. Doutores docilizam vidas escolares mergulhados no processo de ensino-aprendizagem? Com todas as pós-graduações formam-se professores? Medicalizam-os? Seria uma profilaxia? **Cautelas numa formação.** Ajustes de insulina. Modelos esperados numa educação persistem. **Modelos para chegar a uma forma.** Que vida produz? Como vidas enfeitiçam, torcem, amargam uma educação fazendo dela uma potência de vida?”¹⁸

.....

¹⁸ Composição junto Leiliane Aparecida Gonçalves Paixão em
<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10000>

79- De uma questão de concurso público.

CONCURSO PÚBLICO – SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE JUIZ DE FORA/MG

ANO 2022

14 – Na maioria das escolas, a ponte que liga o que se faz e o que se deseja fazer expressa no Projeto Político Pedagógico (PPP) se rompe e tudo fica no nível do desejável. Um clima de insatisfação alastra-se entre os educadores e a tendência tem sido buscar em elementos externos a justificativa do não realizado. Alguns elementos citados são a ausência de uma política mais efetiva, recursos de forma geral, tempo e outras justificativas. Certamente e por algum tempo, esses argumentos parecem aliviar as frustrações dos profissionais da educação, pois são justificativas procedentes, mas, aos poucos, e através da evidência mais viva que a escola possui, o aluno, a baixa qualidade do processo de ensino-aprendizagem volta a indicar por alguma (re)construção **que pode e deve ser gerada na própria escola**, atenuando ou mesmo transpondo as interferências negativas externas. Os discursos encontrados nos documentos, freqüentemente críticos e inovadores, nem sempre traduzem o vivido na escola.

19

¹⁹ Texto retirado de prova realizada pela Prefeitura de Juiz de Fora no ano de 2022 para selecionar docentes para suas instituições de ensino.

“ - Eu, eu, eu quero, tia!

Um enorme silêncio se faz.

Nélio, sem saber o que fizera de errado, sufocado pelo silêncio e pelos olhares fugidios da classe, volta a gritar.

- Não tia, eu não quero mais não!”

.....

Na sala da pós, perguntas colocadas.

Teorias são abertas.

Antirracismo em pauta.

Racismo estrutural.

O que fazer nessa situação? Pergunta uma mestranda.

O que pode um docente em sala de aula?

O que deve um docente em sala de aula?

O que não deve um docente em sala de aula?

João dormira muito tarde na noite passada porque não conseguiu ler apenas dez páginas de *O Diário de um Banana*, como prometera à mãe. Aprofundou-se na leitura noite adentro. Acordou cansado. Colocou o Box com os dez volumes dentro da mochila. Um peso aquilo! Leria um pouco nos intervalos da aula.

O que envolve esses meninos e suas aventuras?

Quantas salas de aula se fazem em uma aula?

O diário de um Banana em uma sala de Geografia, *A Guerra dos Tronos* em uma sala de matemática.

Que aula se faz?

Os dez volumes do *Banana* saltam da mochila e circulam pela sala. Os colegas querem conhecer os desenhos que João tanto adora...

A tia de Geografia percebe que está disputando atenção com alguma coisa. Algo maior. Turma inquieta. Outra potência.

Que ensinamento se faz?

A literatura reina?

O que há nesse movimento-vida?

Nas palavras da diretora: Você tem que estudar para ser alguém na vida, menino! Alguém na vida, entendeu?

Ser alguém na vida. Não ser ninguém.

Ninguém nada pode ou tudo pode em sua *ninguendade*?

Entre alguém e ninguém, vidas escolarizadas inventam modos outros de escola. Aberturas.

Formam-se mestres e doutores em educação.

Os problemas educacionais acabam. (Desconfianças).

Uma composição com o que acontece, no trágico.

*Uma composição no trágico: forças e quererem produzem vidas nas multiplicidades. Vida cambaleante produz tantas outras! Existir: produção de vida no que acontece!*²⁰

deste mundo e somente a uma ideia se refere.

²⁰ Composição junto a Leiliane Aparecida Gonçalves Paixão em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10000>

Maio

Coroar Maria. Crianças viram anjos.

Vestido e asas.

A freira encomenda:

Canta alto, espevita as palavras bem!

E as crianças levantam voo pelo pátio.

Ano filosófico

Carneiro, cavalos, águia e cachorro. Das metamorfoses do espírito. Como espírito de carneiro, torna-se cavalo. Como espírito de cavalo, torna-se águia e enfim como espírito de águia, torna-se cachorro. Como carneiro, vive-se em torno da multidão, do pasto magro, mas farto em companhia, aconchego e igualdade – de lado a lado, de ombro a ombro. Como carneiro, um pastor em um pastoreio. Agora dorme, agora come, agora canta, agora louva, agora faz prole, agora morre. A qualquer momento, perigo... Por todos os lados, lobos e cobras afoitas e famintas. Limites, fronteiras, e fragorosas fogueiras... Como cachorro, esgueira-se com o focinho nas mãos, como olhos nas orelhas, com tatos na ponta das patas... Ligeiro, caminha ao sabor das quatro patas, junto às odes dos bandos. Às vezes se perde nos encantos e nas batalhas do cio – como corpo, responde à pele da superfície... Quando desconfia, usa narinas – identifica, à distância, o odor pestilento das desconfianças – das carnes apodrecidas e dos encantos do mel das abelhas ao toque do dono... Acabrunha-se lentamente com aquilo que é distante... Flerta com todas as coisas, através do odor e do tato. Lambe com a língua áspera... Estômago capaz de digerir infinidade de tons e graus – no limite, força o vômito. Mede a verdade pela qualidade do seu gosto em meio à ponta da língua do olfato... Audição e olfato e patas junto aos movimentos silenciosos da **terra** e das tremuras e temperaturas - Órgãos da verdade! Combate com maestria o vigor disciplinado do cavalo e a visão límpida da águia! Nuanças do gosto e... (LEITE, 2016, P.18)

Pombos²¹

O menino e o pombo seu na areia da praia. O menino corre com seus pés mergulhados em areia encharcada. Menino brinca, enquanto gari recolhe lixo de sujeiras anônimas que o mar não quis. Pombo voa parecido com menino correndo. Voa baixo, junto ao menino que corre beira mar que regurgita lixo anônimo do dia anterior.

O lixo, o menino e o pombo. O mar, o lixo, o menino e o pombo. A areia, o mar, o lixo, o menino e o pombo. O sol, a areia, o mar, o lixo, o menino e o pombo.

O pombo voa baixo junto ao menino que corre na areia encharcada do mar que regurgita o lixo do dia anterior.

Um acontecimento na escrita.

²¹ Composição junto a Cláudia Aparecida de Castro Meireles em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10054>.

Formigas²²

Uma formiga escala uma raiz escavada em um quintal.

Atenciosamente à procura.

Terra revolvida faz tremer.

“As formigas passeiam na parede

Perto de um vidro de cola que perdeu a rolha. Há mais:

Um maço de jornais, uma bilha e seu gargalo fálco,

Um copo de plástico e um quiabo seco,

Guardado ali por causa das sementes.

Tudo sobre uma cômoda, num quarto.

O vidro de cola está arrolhado com uma bucha de papel.

É sábado, de tarde, é túrgida minha bexiga feminina

E por isso vai ser menos belo que eu me levante e a esvazie.

Eu não digo nada, pela primeira vez, humildemente.

Vou me deitar para dormir, não antes sem rezar,

Pelos meus e os teus”.²³

Há mais: um vidro de adoçante que apesar de doce não atrai as formigas nem.

Uma gamela de raiz de Ficus abriga bananas, laranjas e mamão.

Cartelas e mais cartelas de ovos, estocadas pela promoção de toda terça-feira.

E uma garrafa de vinho pela metade aguarda a quinta-feira quando será tomada sem culpa.

Uma mini-bomboniere de fino cristal onde repousam uma borracha velha e uma agulha de costura.

²² Composição junto a Leiliane Aparecida Gonçalves Paixão em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10000>

²³ Poema descritivo de Adélia Prado – Bagagem

Mulher

- *Sou teu labirinto*, disse Dionísio a Ariadne.

Como outras mulheres se situam entre dois homens, Ariadne está entre Teseu e Dionísio.

Abandonada por um, procura o outro. Assim descobre novo labirinto.

A questão *quem* não reclama pessoas, mas forças e querer. (DELEUZE, 1997, P. 114)

Uma mulher entre dois homens.

Um funâmbulo entre duas torres.

A corda bamba...

Teseu sem o fio de Ariadne irá perder-se.

Alinhavar labirintos. Labirintos para se perder em vez de se encontrar. Labirintos sem tempo.

Teseu abandona Ariadne. Teseu camelo. Animal do deserto. Acredita que afirmar é carregar fardos. Insípido. Sofrível. Doloroso. Frustrante é a vida de Ariadne ao lado de Teseu. Ele acredita que educar envolve carregar fardos. Devir camelo é agenciar-se à vida pela falta, pela carência (COSTA, 2005). Olhos voltados para o fio. Olhos para um além vida. Vida doente, enfadonha, ressentida, fadada a repetir o mesmo caminho que matou Minotauro.

O fio no labirinto é o fio moral. Sendo a própria moral, um labirinto.

Homem

Homens habitando um planeta.

FUNAMBULOS EM SITUAÇÃO DE RUA.

Havia rock na praça. Ele catava latinhas enquanto curtia um som.

Homem caracol: em seu corpo, carregava sua casa.

Colchonete enroladinho como a concha do caracol.

- A latinha já ta vazia? Deixa um restinho pra mim!

De gota em gota de cada latinha ganhada, embebedou-se e curtia seu som.

O som de hoje é rock'n roll, mas não importa. O som não importa. Importante é o movimento, e as latinhas e as gotas de cerveja que restam em cada latinha lançada ao chão.

Um corpo solto pelo chão

Sem lar, quer acabar-se. Deseja um fim.

Não há corpo. Ainda assim cai no chão de asfalto.

Desejo um fim.

Desejo um lar.

Ei, menina! Vc tem uma casa pra mim?

Ouçõ a história de um homem que catava moedas na cidade. Conseguia comprar pão e leite. Fazia isso de vez em quando. Esperava juntar as moedas. Gostava de falar da escola que estudou lá em Betim. Ficou internado por cinco anos. O colégio era excelente. Tinha tudo que a gente precisa. Hora de tomar banho, hora de comer, até hora pra jogar bola. O colégio era excelente. Aprendi muita coisa lá. Artesanato. Sei fazer bainha em calça. Fiz a bainha nessa calça que achei no lixo.²⁴

O colégio era excelente. Tinha até uma planilha para o xixi. As crianças chamavam assim, 'planilha do xixi'. Tudo ficava registrado na planilha, quantas vezes fez xixi e quantas bebeu água.

Corpos controlados. Sociedade do controle.

²⁴ Composição junto a Cláudia Aparecida de Castro Meireles em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10054>.

Acontecimientos.

) Como animal se tornou homem? Como homem abandonou o animal? Como homem civilizou animal: o perdeu em algum canto, o prendeu em algum canto? Homem como um modo possível do animal...Animal como foco de resistência. Apenas extensão de subversão e alteração do sentido... Animal subverte invisível, homem subverte animal, para além do homem subverte homem... Impossibilidade subverte o império do sentido, sua radicalidade como graus da realidade. No âmbito do sentido divisa-se a experiência diversa do real... Qualquer correspondência: indícios de afirmação... no palco do visível, conquistas incessantes... ...(LEITE, 2016, P.18)

CABEZA

(junto a Jean-Michel Baquiat)

Um tanto quanto cubista

Exagerava formas disformes.

Bloco preto em contrastante encontro com o amarelo.

Uma linha branca percorria seu corpo

Desde a cabeça até o braço

Sem finalização

Sem final

Mal acabado

Industrial

- Uma vez vi na rua um menino trajando uma camiseta com essa gravura.

Era alegre

Moderna

Descolada.

Agora, a gravura no museu.

A arte no muro

Arte no corpo

O que ela é?

(Sorri, denuncia, comove, protesta.)

A obra de arte que trafega o mundo

Corre e escorrega no tobogã.

Que obra de arte somos nós?

- Olha! A obra de arte pulou o muro!

Caiu e quase se estrepou!

O homem do saco

(junto a Cláudia Meireles)

Sim

Posso dizer quem ele somos.

Nas estradas a caminhar, sujo corpo a caminhar

Um grande saco nas costas.

Escrevendo sua vida.

Homem alto, como suas virtudes.

Não teve escola na vida.

Sujeito remoto. Andante. Nômade

Pura nomadeza.

Ermos se somam. Anda devagar para atrasar o fim do dia. Atraso de nascença

Carregava coisas de latas e caracóis. Tristes latas.

O saco era grande e leve.

Desobjetos. Organismos. Coisas desimportantes.

O homem respeitava coisas desimportantes.

Apanhador de desperdícios. Amante dos restos.

Bicho homem.

AranhaahnarA

Éra um imenso recinto circular, de seu centro irradiavam-se corredores ainda inexplorados que prolongam-se indefinidamente. Um templo que, segundo falam, está acima da superfície de toda a Terra. Quanto mais antigo o corredor, mais profundamente no Labirinto e mais próximo de seu centro. Quantos monstros e talvez até deuses não estejam perdidos por aqui? Era lá naquele recinto central que Ahnara fiava as vestes de todo o Reino. Ahnara, feiticeira, adivinha, velha abjeta que se enfeitava com máscara de mocinha. Fiava incessantemente durante dia e noite. Quando prontas, servas buscavam as vestes e eram incumbidas da entrega. Para que chegasse ao centro do Labirinto, um fio guiava desde a entrada, e o caminho da volta era feito do mesmo modo. Ahnara não cansava de alertar sobre os perigos de soltar o fio e se perder para todo o sempre naqueles escuros e profundos corredores. (Rafaela Matos)

Texto teia. Texto aranha.

Texto tecido que se faz e refaz em eterno entrelaçamento.

Unidade temática não se faz.

Coerência de estilo, não há.

Apenas tece-se com gravetos, feixes de vida.

Vai e vem.

A aranha fez sua casa sobre o abismo

Corajosa

Ali, pairando o desconhecido, ela vive sossegada.

Em que somos nós diferentes da aranha, habitando o universo?

Sem início ou fim, nem anverso ou reverso, nem exterior muralha ou oculto núcleo, nem ponta que inicia ou que termine este emaranhado. Tempo gasto nesse vai e vem de desfazer e enovelar os fios. Fios que persistentemente criam nós em outros, que obstinadamente se enroscam em outros. E assim seguem.

Penélope, aranha tecelã, teceu de dia e desteceu de noite. Anos a fio enganando os pretendentes. Fiando anos à espera de Ulisses. O herói vivia coisas de herói enquanto a esposa enovelava-se em artimanhas femininas. Ludibriava e tecia. Tecia manto, tecia teia onde os inimigos se agarravam e perdiam as forças.

Texto-teia em academia – Texto-teia educação.

Dançava como uma serpente, investigando o movimento.

Signos fluindo em harmonia, no corpo da aranha.

Presta atenção. Observa-se. Captura a mudança. Desdobramentos de *dessubjetivação*.

As formações e as educações se entrelaçam na criação dos encontros, nos encontros criados. Laços de conhecimentos são aprisionados na transitoriedade da teia.

Sopro de vida. Vida pede passagem. Renovação. Produção e composição se fazem com dispositivos em constante evolução.

O dispositivo revela a riqueza que fecunda, aliado à criação, ao cartógrafo da pesquisa, ao desenrolar das linhas, Visibilidade, enunciação, força, subjetivação a se desvelar,

Com um olhar sensível, acompanha-se os efeitos que emergem do lugar.

Nesse exercício aracnídeo, a pesquisa se tece em poesia, desvendando possibilidades, mergulhando em criações.

No constante movimento, pesquisador e dispositivos se unem num diálogo profundo, desvendando o véu da compreensão.

Na teia de Ariadne, de Penélope e de Ahnara o conhecimento se manifesta, a aranha tece os fios em busca de sabedoria e satisfação

Emaranhado de descobertas, em busca da resposta que resta. Um convite à sensibilidade, ao olhar atento e curioso,

Assim, poeticamente, entrelaçamos essa narrativa,

Na trama complexa, onde a pesquisa se motiva. Nessa dança poética do movimento-pesquisa, sejamos virtuosos.

Cachorro

Um cão cruzou os corredores de uma faculdade.

Abandonado e bonachão, procurava por comida ou por um novo dono.

Caminhou até encontrar uma porta aberta.

Pareceu não gostar da disciplina e foi-se embora.

Minotauro

Em um labirinto, habitar é perder-se.

Minotauro habita monstruosamente seu labirinto. Espreita. Aguarda a próxima presa.

Vencer Minotauro e libertar-se para amar.

Heróis chegam ao labirinto, hábeis e desejosos de vencer o touro.

Homens superiores que pretendem levar a humanidade à perfeição. Crítica ao humanismo.

O filósofo o aconselha a desaprender sua vontade de heroísmo. Abandone o pesadume.

Afirmar não é carregar, ao contrário, é desatrelar, descarregar o que vive.

O touro possui a única superioridade verdadeira: prodigiosa besta leve no fundo do labirinto, mas que se sente igualmente à vontade nas alturas. Besta que desatrela e afirma a vida.

Minotauro preso, Minotauro livre. O deus do labirinto.

(Teseu acredita que educar envolve carregar fardos.)

Só a Scriptofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. ²⁵

²⁵ Apagamento (e substituição) do Manifesto antropófago disponível em [oandrade\(ufrgs.br\)](http://oandrade(ufrgs.br))

Juiz de Fora, 20 de agosto de 2023.

Cara Escrita,

acordar e pensar em vc. Suas diversas faces, rostos, desrostos, máscaras.

Na escola, técnicas. Dissertação. Princípio, meio e fim. Uma argumentação, um desfecho. Dizia a mestra: "Façam quatro parágrafos. Introduza, argumente e conclua. Isso basta para uma boa nota."

Escrevia paralelamente. Gostava de contar histórias.

Na faculdade, lia grandes histórias. Os grandes, os enormes, os mEnormes. Escrever é uma arte. Pesquisar na escrita, arte na pesquisa.

Desfazer regras, ficar órfã. Um caminhar em novo mundo. Terra descoberta, invadida. Eu-explorador. Fazer pesquisa na escrita. Escrever pesquisa. Escrever. Desenhar mapas. Cartografar.

Aprendi inventar novas técnicas. Meios. Efeitos. Apagar, substituir, roubar, rasgar, copiar e fazer colagem com gravuras. Ler e ficar ruminando aquela pesquisa por uma semana, às vezes mais, depois a escrita vinha como avalanche. Pequena, grande, simples, complexa. Escrita simples! A escrita que não era mais individual. Só o era uma escrita-pesquisa. Escrita na escrita. Autofágica. Scriptofágica. Rajada de vento a impelir.

Deixar na mesa os recortes de fotos de experimentações. Deixar junto os textos e uma coisa ou outra de uma produção coletiva. Revolver e escrever encima de tudo e rasgar e escrever de novo e uma experimentação se construía em textos, fotos, oficinas, aulas, leituras e escritas, escritas, escritas... Encontros de vidas.

Ler como se não fosse nada. Descompromissadamente. Fingida leitura. Ler sem compromisso. Curtir uma leitura aleatória. Nem tão aleatória assim. Aparece um animal e depois outro e histórias de crianças e escola, educação. E verbetes! porque os conceitos aparecem, saltando. Hoje, querida Escrita, quem és tu?

Há um fascínio no exercício de uma escrita mEnorme. Indefinível atração para transfigurar a vida, mudar os fluxos, deslocar pensamentos em produção existencial e coletiva.

Movimento que não corre atrás de resposta certa, pois busca nas entrepalavras e entrelinhas as faíscas de viver. Criando e recriando. Propondo recomeços.

Escrita-escrever sem nos deixar enrijecer pelos padrões de uma escrita acadêmica. Potencializar a vida em sua capacidade de ser diferente, criar enquanto pensamos, escrevemos, pesquisamos.

Escrita-foto-filme-rasgo-fogo-encontro-oficina-lápis-e-papel-roubo-apagamento-substituição-costura-tudo.

Cara escrita, o que é escrever?

J.F.

Juiz de Fora, 20 de março de 2023.

Querida Pesquisa,

ontem, fiz um apagamento que apagou o Eu.

J.F.

ENTRE TANTOS ENCONTROS...

ANDRADE, C. D. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

ANDRADE, C. D. **A Rosa do Povo**: Editora Record. 1945.

ANDRADE, Oswald de. **O manifesto antropófago**. In: TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976. Disponível em [oandrade \(ufrgs.br\)](http://oandrade.ufrgs.br)

ARAÚJO, Cláudia Ap. de Castro Meireles. **Rua: Uma Educação em Possíveis**. 2019. Dissertação (Mestrado) Curso de Educação. Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2019.

AZEVEDO, Fernanda Oliveira. **Matemática: quaresmar formação**. 2016. Dissertação (Mestrado) Curso de Educação. Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2016.

BARROS, M. de. **Memórias Inventadas**. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2010.

BAUDELAIRE, C. **As flores do mal**. Tradução de Jamil Almansur Haddad. São Paulo: Editora Max Limonad, 1981.

BELCAVELLO, Maria Paula Pinto dos Santos. **Corpo-professor-pesquisador: re-existir entre exercícios de experimentação com uma pesquisa em educação**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020.

BELCAVELLO, Maria Paula Pinto dos Santos. **Cinemaquinação: entre montanhas e vale, um sobrevoo**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

CARBOGIM, Luís Felipe de Souza. **Aprendizagem obscura: fragmentos arranjados por proposições artísticas**. 2011. Dissertação (Mestrado) Curso de Educação. Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2011.

CARVALHO, Fabrício. **EDUCAÇÃOARTEPROFESSORARTISTA**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

CARVALHO, Fabrício Teixeira (org) **De volta, a Terra**. Juiz de Fora, MG. FUNALFA. 2017

CERTEAU, M. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CLARETO, S. M.; ROTONDO, M. A. S. Experiências no labirinto: linguagem, conhecimento e subjetividades. *Zetetiké*, v.18, Número Temático, p. 561-590, 2010.

CLARETO, Sônia Maria. *Na travessia: construção de um campo problemático*. In: CLARETO, Sônia Maria; ROTONDO, Margareth Aparecida Sacramento; VEIGA, Ana Lygia Vieira Schil da (Org.). **Entre composições**: formação, corpo e educação. Juiz de Fora: UFJF, 2011. p. 17-32.

CLARETO, Sônia Maria. SÁ, Érica Aparecida de. *Formação de professores e construção de subjetividades: espaço escolar e o tornar-se educador*. In: CALDERANO, Maria da Assunção; LOPES, Paulo Roberto Curvello. (Orgs). **Formação de professores no mundo contemporâneo**: desafios, experiências e perspectivas. Juiz de Fora: UFJF, 2006. P. 19-38.

CLARETO, Sônia Maria. **Espaço escolar**: a escola como espaço de formação do professor de matemática. Projeto de pesquisa submetido como parte de solicitação de concessão de auxílio financeiro à Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007, p. 1-9.

CLARETO, Sônia. **Espaço escolar e o tornar-se o que se é**: educabilidades e a constituição de outros modos de existir a partir do pensamento de Nietzsche. In: Espaço e Educação: travessias e atravessamentos. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Trad. Mariana de Toledo Barbosa e Ovídio de Abreu Filho. São Paulo: n-1 edições, 2018.

_____. **A Imagem-Tempo**. Trad. Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2013.

_____. **Lógica do Sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. **A ilha deserta e outros textos**: textos e entrevistas (1953-1974). Trad. Lia Guarino e Fernando Ribeiro. São Paulo: Iluminuras, 2006a.

_____. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006b.

_____. **Proust e os signos**. Trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. **O Atual e o Virtual**. In: DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998. p. 121-124.

_____. **Mistério de Ariadne segundo Nietzsche**. In: _____. *Crítica e clínica*. Trad. Peter PalPébart. São Paulo: Editora 34, 1997. p. 114 -121.

_____. **A literatura e a vida. Crítica e Clínica**. In: _____. Trad. Peter PalPébart. São Paulo: Editora 34, 1997. p. 11-16.

_____. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Entrevista concedida à Claire Parnet, em 1998. Trad. Raccord. TV Escola, Ministério da Educação. 1995. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4908216/mod_folder/content/0/%5BGilles_Deleuze%2C_Claire_Parnet%5D_Abeced_rio%28z-lib.org%29.pdf. Acesso em: 10 fev. 2022.

_____. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.5. 2.^a ed. Trad. Peter Pál Pelbar e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2012a.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Vol. 4. 2.^a ed. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012b.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.3. 2.^a ed. Trad. Aurélio Guerra Neto et. al. São Paulo: Editora 34, 2012c.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Vol. 2. 2.^a ed. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2011a.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. 2.^a ed. Trad. Aurélio Guerra Neto et al. São Paulo: Editora 34, 2011b.

_____. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Trad. Luiz Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. **O que é a Filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DINALI, Wescley. **Pesquisar em educação: um passeio estéticoanarcoesquizonoisepunk**. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora. 2020.

DORE, Lucas Esteves. **Que diz o muro da escola: aprendizagens, deslizamentos e matemáticas**. 2018. 79f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora. 2018

FAVARETTO, Celso. **A invenção de Hélio Oiticica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

FREIRE, Paulo (1975a). **Pedagogia do oprimido**. Porto: Afrontamento.

GOMES, Giovani Cammarota. **Fabulações e modelos ou como políticas cognitivas operam em educação matemática**. 2013. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora. 2013

HARDT, M., NEGRI, A. **Império**. Tradução de Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.

HURTADO, Andres David Pinto. **¿Qué matemática acontece en el aula de Cálculo Diferencial? Error y producción matemática.** 2021. Dissertação (mestrado acadêmico) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. 2021.

HERÁCLITO. **Heráclito.** São Paulo, Abril Cultural, 1973. (Os pensadores).

HOMERO. **Odisséia.** Tradução de Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM Pocket. 2007.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LARROSA, Jorge. **Nietzsche e a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LAWRENCE, D. H. **O caos da poesia.** In: Selected Critical Writings. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Oxford World's Classics, 1998. Disponível em: < <http://www.portalentretextos.com.br/gerarpdf/5,818.html> >. Acesso em: 20 de set. 2022.

LEITE, Júlia M. Ferreira Leite. Pesquisa acadêmica e isolamento social: relatos de uma experimentação. P.332-343. **Revista Linha Mestra** Ano XV. No. 44 (maio.ago.2021) ISSN: 1980-9026 DOI: <https://doi.org/10.34112/1980-9026a2021n44>. Organizadores Marcus Pereira Novaes, Rosana Baptistella, Luis Gustavo Guimarães.

LEITE, Júlia M. Ferreira Leite. Atravessamentos ensaísticos – Diálogos no entre dos acontecimentos, p69-78 **Deleuze E Educação E Matemática E... rachar as coisas, rachar as palavras** [e-book]. / Organizadores: Samuel Edmundo Lopez Bello, Grace Da Ré Aurich e Gilberto Silva dos Santos. – São Leopoldo: Oikos, 2022. 259 p.; il.; color.; 16 x 23 cm. ISBN 978-65-5974-074-1

LEITE, Marcos Vinícius. **Como corpo lançado em sala de aula tornou-se patas ao chão, língua ao vento:** cartas, passeios e peles em aulas de filosofia. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos.** Organização de Benjamin Moser. 1 ed- Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

LISPECTOR, Clarice. **Uma Aprendizagem ou o livro dos Prazeres.** Rio de Janeiro. Rocco, 1998.

MATTOS, Raphaela Malta. **Entre retalhos e alinhavos (des)costurando uma professora de artes.** 2016 Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora. 2016

MENDES, Tarcísio Moreira. **Esquizo Educação II aplicada à Educação: Performance e contacolonialismo**. 2021. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021.

MOSSI, Cristian Poletti. **um corpo-sem-órgãos, sobrejustaposições: quem a pesquisa [em educação] pensa que é?**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

MUNIZ, Vik. **Documentário Lixo Extraordinário**. Disponível em https://youtu.be/JLTY7t8c_x0. Acesso em 03 de novembro de 2020.

NERUDA, Pablo. **El miedo**. In: _____. **Extravagaria**. A bilingual editon: Spanish x English. Translated by Alastair Reid. 1st. ed. London, EN: Jonathan Cape Ltd., 1972. p. 56 e 58.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. Tradução de Mário Silva. Rio de Janeiro: BCD União de Editoras. 1998.

NIETZSCHE, F. **Escritos sobre Educação**. Tradução de Noéli Correia de Mele Sobrinho. Rio de Janeiro: ED-PUC Rio. 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. 1988. **Genealogia da moral: um escrito polêmico**. Tradução de

OLIVEIRA, Bruna Tostes de. **Residir escola, nomadizar arte**. 2022. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2022.

OLIVEIRA, Laura da Conceição. **Quem fala de noiz é noiz: Vivências do Slam na escola**. 2023. Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2023.

OLIVEIRA, Marta Elaine de. **Aprender enquanto Travessia: entre banalidades e formações e matemáticas e línguas e peles e escritas... uma vida**. 2018. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018.

PAIXÃO, Leiliane Aparecida Gonçalves. **Entre delírios e contos: (doces?) composições de aberturas de possíveis em educação**. Dissertação (mestrado acadêmico). Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Educação. Programa de Pós-graduação em educação. 2019

PEREIRA, Marcos Villela. *Pesquisa em educação e arte: a consolidação de um campo interminável*. In: **Revista Iberoamericana de Educação**, Núm. 52, janeiro-abril, 2010, p. 1-80. Disponível em <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=80013049002> >

PRADO, A. **Bagagem**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

RIBEIRO, Marcos Vinícius Amaral. **Superfície tátil: corpo, gesto e formação**. 2018. Tese de doutorado. Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Educação. Programa de Pós-graduação em educação. 2018.

RIBETTO, Anelice. *Experiências, experimentações e restos na escrita acadêmica*. In: RIBETTO, Anelice; CALLAI, Cristiana (Org.). **Uma escrita acadêmica outra**: ensaios, experiências e invenções. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2016. p. 58-67.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Organização de Raúl Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ROCHA, Pedro Silveira de Mendonça. **(IN)ventar**. 2020. Dissertação (mestrado acadêmico). Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Educação. Programa de Pós-graduação em educação. 2020

ROLNIK, Suely. **Pensamento corpo e devir** – uma perspectiva ético/ estético/ política no trabalho acadêmico. In: Cadernos de subjetividade. São Paulo: PUC 1993, nº 2.

ROTONDO, Margareth. Ap. Sacramento. *Caminhada pelo abrigo da vida-escola: a(travessa)ndo umas orações*. In: CLARETO, Sônia. Maria; ROTONDO, Margareth. Ap. Sacramento; VEIGA, Ana Lygia Vieira Schil da (Org.) **Entre composições: formação, corpo e educação**. Juiz de Fora: UFJF, 2011. p. 167-196

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2009

SANTOS, Diogo José Bezerra dos. **Entre telas, janelas**: experimentações e educação e cinema / Diogo José Bezerra dos Santos. -- 2023. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2023.

SANTOS, Diogo. **Educação em Tempo de Pandemia**. Youtube, 20 abr. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/qlovZQ2S9KU>. Acesso em: 10 mai. 2021.

SANTOS, Diogo. **EntrEducações**. Youtube, 28 out. 2020. Disponível em: https://youtu.be/0co_PJB1LwM. Acesso em: 28 nov. 2020.

SILVA, Aline Aparecida. **Aprendizagem em uma sala de aula de matemática**. 2016. 79f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora. 2016

SILVA, Felipe Vargas da. **Docente em Travessia**: quem formação docente pensa que é? 2018. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora. 2018

TERRA, Marina Furtado. **Espaço e educação**: cartografia de singularidades em um bairro de Juiz de Fora/ MG. Dissertação. Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Educação. Programa de Pós-graduação em educação. 2012.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Bia Nunes de Souza. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

VEIGA, Ana Lygia Vieira Schil da. **Fiar a escrita**: políticas de narratividade? Exercícios e experimentações entre arte manual e escrita acadêmica. Um modo de existir em educações inspirado numa antroposofia da imanência. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

VIANA, Wes. A variante menor em Deleuze: uma minoração da linguagem. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro , v. 54, n. 2, p. 457-482, dez. 2022 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382022000200023&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 jul. 2024. Em [A variante menor em Deleuze: uma minoração da linguagem \(bvsalud.org\)](#)

VINCI, Christian Fernando Ribeiro Guimarães; RIBEIRO, Cintya Regina. Das missivas aos modos: Experimentação e prudência como ethos de pesquisa. Universidade do Estado de Minas Gerais, Universidade de São Paulo, 2021. Disponível em: **Visor Redalyc** - Das missivas aos modos: Experimentação e prudência como ethos de pesquisa. Acesso em: 25/03/2024.